

JOCIENE CARLA BIANCHINI FERREIRA

**JORNALISMO REGIONAL: UM ESTUDO DE CASO DO JORNAL A
*CIDADE DE VOTUPORANGA***

MARÍLIA 2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

JOCIENE CARLA BIANCHINI FERREIRA

**JORNALISMO REGIONAL: UM ESTUDO DE CASO DO JORNAL A
*CIDADE DE VOTUPORANGA***

Dissertação apresentada à Universidade de Marília (UNIMAR), Programa de Pós-Graduação em Comunicação.

Linha de concentração: Produção e Recepção de Mídia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Marçolla.

MARÍLIA 2008

F383j Ferreira, Jociene Carla Bianchini
Jornalismo regional: um estudo de caso do Jornal A Cidade de Votuporanga./ Jociene Carla Bianchini Ferreira -- Marília: UNIMAR, 2008.

137f.

Dissertação (Mestrado em Comunicação)- Faculdade de Comunicação, Educação e Turismo, Universidade de Marília, Marília, 2008.

1. Jornalismo 2. Jornalismo Regional 3. Jornal A Cidade 4. Jornalismo em Votuporanga I. Ferreira, Jociene Carla Bianchini II. Jornalismo regional: um estudo de caso do Jornal A Cidade de Votuporanga.

CDD -- 070.4

**UNIVERSIDADE DE MARILIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E TURISMO**

**REITOR
MÁRCIO MESQUITA SERVA**

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PRÓ-REITORA PROFA. DRA. SUELY FADUL VILLIBOR FLORY**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DE MÍDIA**

**ORIENTADORA
PROFA. DRA. ROSANGELA MARÇOLA**

Jornalismo Regional: um estudo de caso do jornal A Cidade de Votuporanga

Autora: Jociene Carla Bianchini Ferreira

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Marçolla

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Rosângela Marçolla

Prof. Dr. Adolpho Queiroz

Profa. Dra. Maria Cecília Guirado

Data da apresentação 25/06/2008

*Ao grande idealizador desta pesquisa. Pessoa
que fez o jornal A Cidade ser o que é hoje em
Votuporanga, ao meu pai dedico.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pela oportunidade que me proporcionaram em concluir este curso. Ao meu namorado Igor que me apoiou e me ensinou tanto nesta caminhada.

À minha orientadora Profa. Dra. Rosângela Marçolla que despertou em mim a curiosidade de pesquisar e me ensinou lições profundas que jamais serão esquecidas.

E a tantos amigos que fizeram destes dois anos, um período inesquecível de nossas vidas.

RESUMO

Esta pesquisa almeja estudar o jornal *A Cidade* de Votuporanga, levando-se em consideração os parâmetros e conceitos de globalização e mídia local-regional.

Avalia-se, por meio de um estudo de caso, a qualidade do impresso diante de seu crescimento durante os seus 23 anos de funcionamento. Para tanto, são aplicados questionários estruturados a todos os editores no intervalo de 1985 a 2008, assim como se procura verificar a colaboração do curso de jornalismo no município para a formação dos profissionais do *A Cidade*, por meio de entrevistas com os coordenadores de curso.

Para facilitar os resultados, o estudo divide o jornal em duas fases: antes e depois de 1995 (ano em que se instalou o curso de jornalismo em Votuporanga).

Percebe-se então que o jornal *A Cidade*, desde o seu início, manteve-se com seu caráter local/regional, já que publica diariamente a maioria de suas matérias de cunho local, levando-se em conta as questões identitárias de sua comunidade, sem perder de vista o repertório nacional e de globalização.

PALAVRAS-CHAVE: *A Cidade*; curso de Jornalismo; mídia regional; jornalismo regional; meios de comunicação.

ABSTRACT

This research aims to study and analyze the newspaper of Votuporanga named *A Cidade*, considering the parameters and concepts of globalization and local/regional media.

It is assessed, by a case study, the quality of the newspaper facing its growth during 23 years that it has been working in the city. For that, we propose structured questions which were answered by ex editors between 1985 and 2008, as it is verified the collaboration of the journalism course set up in the city for the professional vocational training of the newspaper *A Cidade*, through the interviews with coordinators of journalism course.

In order to facilitate the results, the study has divided the newspaper in two stages: before and after 1995 (the year that was based upon the journalism course in Votuporanga).

It is realized that the newspaper *A Cidade*, since its beginning, has maintained its characteristic as local/regional, since the newspaper daily publishes the most of the local information, considering questions about the identity on its communities, without losing the view of the nation and globalization repertoire.

KEYWORDS: *A Cidade*; journalism course; regional media; regional journalism; means of communication.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Municípios de circulação do jornal <i>A Cidade</i>	39
Figura 2 – Coluna Anote Aí.....	44
Figura 3 – Coluna Anote Aí, página 2.....	45
Figura 4 – Manchete de enfoque nacional.....	50
Figura 5 – Reportagem de enfoque nacional.....	50
Figura 6 – <i>Site</i> do jornal <i>A Cidade</i>	51
Figura 7 – Coluna Túnel do Tempo.....	54
Figura 8 – Matérias locais e regionais.....	55
Figura 9 – Matéria nacional.....	55
Figura 10 – Conteúdo Jornalístico Internacional.....	55
Figura 11 – Discussão sobre a rotatória.....	61
Figura 12 – Solução depois da matéria do jornal.....	61
Figura 13 – <i>Releasees</i> da prefeitura e SENAI/CEMAD.....	63
Figura 14 – Morte de casal.....	66
Figura 15 – Pai mata a filha e menor morre em rotatória.....	66
Figura 16 – Evolução das notas do curso de Jornalismo da Unifev no MEC	111

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	I
CAPÍTULO I: DESTERRITORIALIZAÇÃO OU (RE)TERRITORIALIZAÇÃO..	6
1.1 Democracias globais e transformações locais.....	11
1.2 O global a partir do local.....	11
1.3 O local em tempos de globalização.....	12
1.4 Sociedade contemporânea e indústria cultural: uma relação entre o global e local.....	22
1.5 O jornalismo diante da globalização.....	23
1.6 O jornalismo impresso e suas transformações diante da globalização.....	24
CAPÍTULO II: A MÍDIA REGIONAL NO ESTADO DE SÃO PAULO.....	37
2.1 Singularidades do jornalismo interiorano.....	39
2.2 O jornal <i>A Cidade</i> de Votuporanga.....	41
2.2.1 A cidade de Votuporanga.....	46
2.3 O jornal <i>A Cidade</i> enquanto mídia regional/local.....	47
2.4 A importância da identidade local em uma era global.....	52
2.5 Jornalismo cívico de proximidade: ideal para mídia regional/local.....	56
2.6 Mídia regional: uma questão de fronteiras.....	58
2.7 O meio impresso regional/local: suas características e peculiaridades.....	60
CAPÍTULO III: JORNAL <i>A CIDADE</i>: O ANTES E O DEPOIS DE 1995.....	70
3.1 O jornal <i>A Cidade</i> antes da implantação do curso de Jornalismo.....	70
3.2 Entrevista com os Editores – Análise dos resultados.....	71
3.3 <i>A Cidade</i> após a implantação do curso de Jornalismo.....	86
CAPÍTULO IV: O CURSO DE JORNALISMO EM VOTUPORANGA.....	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
REFERÊNCIAS.....	132
ANEXOS.....	137

INTRODUÇÃO

A imprensa desempenha um papel decisivo na vida dos indivíduos, colaborando com o desenvolvimento da sociedade em todos os seus aspectos. Trata-se, em linhas gerais, de um fenômeno dialético, no qual os meios de comunicação refletem o cotidiano dos seres humanos que, em contrapartida, tendem a definir seus comportamentos a partir das mensagens a que são expostos diariamente.

Notícias globais afetam as relações de determinados grupos, que sofrem modificações no âmbito local, assim como notícias locais causam um grande impacto e são transmitidas por veículos nacionais e globais, provocando estranhamento ou choque em um número maior de pessoas. Tal articulação entre o local e o global só é possível por meio do processo de globalização.

O presente estudo analisa o meio impresso local/regional em Votuporanga, situado no noroeste paulista – especificamente, fazendo um estudo de caso da produção jornalística do jornal *A Cidade* – um impresso diário, há 23 anos no mercado e sua relação com o curso de Jornalismo do município.

O objetivo da pesquisa é atentar para as especificidades do jornalismo regional exercido em Votuporanga, ainda pouco estudado no meio acadêmico, já que a informação de proximidade representa forte função social naquela comunidade.

A mídia regional destaca-se porque é uma forma de explicar que os cidadãos reivindicam o direito à diferença; apreciam as vantagens da globalização, mas

também preferem saber as coisas do seu lugar, conhecer a sua história por meio dos meios de comunicação de seu alcance.

A escolha do jornal *A Cidade* deve-se ao fato de que o impresso surgiu na década de 80 com uma proposta nova para o município e por não ter sido abordado em nenhum trabalho acadêmico de relevância.

Trata-se de um jornal diário, com uma tiragem de mais de quatro mil exemplares nos dias de semana e cinco mil exemplares aos domingos. Possui um sistema próprio de impressão por meio de maquinários *off-set* e cujo parque gráfico é operado por quatro funcionários. A redação é composta por apenas um editor, três repórteres, dois colunistas sociais e um fotógrafo. Estes profissionais produzem de 12 a 16 páginas diárias e de 20 a 24 páginas aos domingos, com o enfoque quase que totalmente local, abrangendo as áreas de política, polícia, lazer, social, esporte, cidades, notícias regionais, nacionais e internacionais. As matérias na área de lazer e de esportes são reforçadas por agências de notícias que produzem a programação de televisão e de comportamento, além das informações relativas aos grandes clubes de futebol.

O jornal *A Cidade* foi fundado em 1º de janeiro de 1985 e a atual direção assumiu no dia 1º de junho de 1987.

Votuporanga apresenta-se hoje com uma população estimada em oitenta mil habitantes, tendo como base de sua economia a produção agrícola e pecuária e um respeitado pólo industrial moveleiro, que chegou a ser classificado como o quarto maior do país. A cidade tem ainda uma crescente indústria de confecções, que também começa a despontar no mercado brasileiro. O seu comércio é sólido, com grandes lojas de magazine e uma estrutura bancária com 10 estabelecimentos.

Na área educacional, a cidade conta com a rede de ensino municipal, estadual e particular. Possui uma escola técnica agrícola e escolas profissionalizantes como o Senac, Senai e Cebrac. No campo do ensino profissionalizante, o ponto alto foi a instalação do SENAI/CEMAD, conhecido como a escola da madeira, que forma profissionais para a indústria moveleira. O CEMAD é mantido pelo Senai e por órgão do governo do Estado e da União. Trata-se de uma escola modelo e apenas duas unidades estão instaladas no Brasil.

Há na cidade o Centro Universitário – Unifev, mantido por uma Fundação Educacional sem fins lucrativos e cuja renda aferida é empregada na própria estrutura da instituição. Atualmente são oferecidos 40 cursos para uma população

de 8 mil universitários. Uma outra faculdade instalada no município é a Reges - Faculdade de Ciências Gerenciais de Votuporanga, que mantém quatro cursos no setor de administração.

Fundada em 8 de agosto de 1937, comemorando, portanto, 71 anos em 2008, Votuporanga conta com dois jornais diários, quatro emissoras de rádio AM e FM, um canal de televisão educativa, além de uma revista mensal. Votuporanga está acima da média, com relação à mídia impressa. Os dois jornais diários da cidade superam em tiragem todos os jornais da região e da grande imprensa, que são distribuídos no município.

A pesquisa abordou ainda a influência que o curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo - teve nos profissionais do jornal *A Cidade* e se a faculdade no município alterou as produções jornalísticas do impresso. Para tanto, foram realizadas entrevistas estruturadas com editores e coordenadores de curso antes e depois de 1995 (ano da implantação do curso de jornalismo em Votuporanga).

Estes dados primários foram contrastados com outros oriundos das pesquisas bibliográficas em revistas, livros, internet, dissertações de mestrado, além de pesquisas de campo para coleta exata de dados.

O trabalho é constituído por cinco capítulos. O primeiro discorre sobre a importância do local no fenômeno da globalização, levando-se em consideração tanto o coletivo quanto o individual de cada ser humano. Pela perspectiva de uma globalização multicultural, na qual o local influencia o global, observou-se que os indivíduos só se confortam em viver num mundo globalizado, desde que sua identidade individual seja levada em conta. É o local que impede a homogeneização do mundo globalizado.

Ainda nesse capítulo, comenta-se a concepção de jornalismo que López García (2000) denomina de *glocal*, ou seja, a produção de conteúdos jornalísticos locais seguindo algumas estratégias, utilizando a idéia de proximidade de seu leitor, sem deixá-lo fora do âmbito nacional.

Dessa forma, o capítulo dois traz algumas concepções e discute o conceito de mídia regional de acordo com teóricos da área. Apresenta subsídios para situar o jornal *A Cidade* de Votuporanga enquanto impresso local/regional.

Em pesquisa realizada pela Cátedra Unesco, os investigadores José Marques de Mello e Adolpho Queiroz estudaram os jornais do interior em diversos aspectos,

entre eles, a quantidade de anúncios, páginas de veiculação, primeiras páginas, conteúdos jornalísticos.

Os conceitos de Marques de Mello e diversos outros teóricos, que demonstram a importância do jornalismo regional, serviram como elementos de base para demonstrar que o jornal *A Cidade* de Votuporanga corresponde aos quesitos de jornalismo local/regional e foram úteis como apoio às análises realizadas nesta investigação.

Já o terceiro capítulo é composto por entrevistas estruturadas de ex-editores do jornal *A Cidade*, que atuaram na redação do impresso de 1985 a 1995. O objetivo da pesquisa era saber qual era o perfil da Redação, como era a linha editorial, como trabalhavam estes profissionais, quantos eram graduados, quais eram as dificuldades, quais as experiências de que eles mais se recordaram da época em que estiveram na redação do jornal.

O capítulo procurou investigar como era a rotina da redação do jornal *A Cidade* antes da implantação do curso de Jornalismo no município. Nossa preocupação foi verificar se ocorreram mudanças na produção de matérias e no perfil dos profissionais do *A Cidade* depois de 1995.

O quarto capítulo discorreu sobre o surgimento do curso de jornalismo em Votuporanga que se iniciou em março de 1995 e a dificuldade para a aprovação do mesmo junto ao MEC – Ministério da Educação e Cultura, uma vez que o curso já tinha toda sua estrutura montada, quando o então Ministro da Educação, Maurílio Hingel, extinguiu o Conselho Federal de Educação, formando a Comissão Especial do MEC. A diretoria da faculdade votuporanguense reuniu-se sucessivas vezes em Brasília para que o curso pudesse ser aprovado.

O capítulo traçou ainda um histórico sobre o curso de jornalismo em Votuporanga, fazendo um paralelo entre as mudanças e concepções do curso oferecido em Votuporanga e os demais cursos existentes no país. Buscamos ainda apresentar um questionário estruturado com três dos cinco coordenadores do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo para atingir os objetivos deste capítulo.

O questionário foi realizado de 5 de outubro de 2007 a 10 de fevereiro de 2008 e procurou conhecer as especificidades do curso de Jornalismo da Unifev, se este é/era voltado ao mercado regional, conhecendo sua grade curricular e outras informações relevantes para esta pesquisa.

As considerações finais trataram de mostrar as modificações ocorridas no jornal *A Cidade* após a implantação da faculdade de jornalismo em Votuporanga.

Em nossas análises, foram aplicadas entrevistas estruturadas com antigos e atuais editores do jornal *A Cidade* e concluímos que, com o crescimento do veículo, o mesmo manteve e até consolidou o caráter local/regional, já que publica matérias de cunho local, levando-se em conta as questões identitárias de sua comunidade, sem perder de vista o repertório nacional e de globalização.

Observamos ainda que, com a implantação do curso de Jornalismo em Votuporanga, houve uma maior facilidade para que os repórteres do jornal *A Cidade* pudessem se especializar e se tornar jornalistas profissionais. A comodidade de um curso de Jornalismo na própria cidade acabou favorecendo a formação acadêmica dos funcionários do veículo.

A linha editorial segue a mesma proposta inicial: assuntos que gerem polêmica entre os leitores votuporanguenses, principalmente notícias relacionados à política e à polícia. O impresso valoriza também fotos com legendas e reportagens diferenciadas com este tipo de assunto, proposta que, desde o início, foi primordial para a consolidação do jornal *A Cidade* em Votuporanga.

CAPÍTULO I: DESTERRITORIALIZAÇÃO OU (RE)TERRITORIALIZAÇÃO

Quando se discute sobre globalização, um dos primeiros questionamentos em mente é: qual o espaço do indivíduo dentro dessa aldeia global? A discussão sobre desterritorializar ou re-territorializar é verdadeiramente pertinente quando se leva em conta não apenas o indivíduo num espaço físico, mas um vínculo entre um fenômeno social e o meio espacial em que este indivíduo está inserido.

Com o advento da automação, da transmissão de dados, da telecomunicação, é difícil se pensar em espaços totalmente limitados. O camponês de antigamente foi substituído pelo empresário rural, aquele que se conecta informacionalmente ao mercado nacional e internacional.

Castels (1985) afirma que o impacto das tecnologias atinge, inclusive, as cidades. Ao se informatizarem os serviços e os lares, a malha urbana adquire um outro significado. Há uma avalanche de mensagens que desterritorializam as pessoas, as moradias e os edifícios. Sem dúvida, a noção de espaço está no seu ocaso. As distâncias encurtaram-se a tal ponto que já não mais faria sentido afirmar sua existência.

O encontro das culturas na esfera global também gera novas idéias, conflitos, novos significados, costumes distintos, idiomas e outros grupos. Há uma desterritorialização dos saberes, dos mercados, dos produtos, das pessoas.

O mundo contemporâneo é caracterizado por uma territorialidade desenraizada na qual o indivíduo vai além das fronteiras físicas, envolvendo diversas nações, culturas e indivíduos diversificados. Para a existência de um espaço global, é fundamental a existência de um sistema social fundado no predomínio do capital.

O capitalismo move e impulsiona o deslocamento de núcleos urbanos, o financiamento de novas tecnologias, enfim, tudo o que é possível para a expansão de um produto ou mercadoria na aldeia global.

Ortiz (1999) afirma que a concretização da globalização no mercado mundial não envolve apenas a questão do espaço. O tempo também é valioso para este determinado tipo de civilização que entrelaça estreita relação com a materialidade do mundo capitalista.

É importante destacar também que o processo de globalização não pode ser entendido apenas como um aspecto exclusivamente econômico.

Talvez fosse mais correto dizer que o substrato econômico e tecnológico do capitalismo flexível seja a condição necessária para a consolidação do processo de globalização. No entanto, a espacialidade das coisas, dos objetos, do meio ambiente e, por que não, do imaginário coletivo, transborda os seus limites (ORTIZ, 1999, p. 58).

O autor em apreço assevera que não é possível discutir sobre globalização sem entrar nos méritos da mundialização da cultura. Ainda segundo Ortiz (1999), é difícil se falar em espaço global da mesma maneira que se compreendem os níveis econômicos e tecnológicos. Ao contrário deles, a modernidade-mundo não é unívoca, mas nelas estão inseridas várias outras espacialidades. Quando se fala em mundialização da cultura, entende-se um universo transglóssico em que “forças diversas o constituem e o atravessam”. O mais difícil é entender como se articula este emaranhado de forças que chamamos de nacionais, regionais e locais.

Partindo desse raciocínio, vejamos primeiramente a questão do local. Imagina-se um espaço delimitado, restrito, no qual vive um grupo de pessoas. O local caracteriza-se pela proximidade e familiaridade. É o viver enraizado em seu local de origem. O local se opõe ao nacional e ao global apenas como abstração. “Visto de perto, qualitativamente, ele constitui uma unidade coesa. Seria, pois, mais correto falarmos de “locais”, no plural. Cada lugar é uma entidade particular, uma descontinuidade espacial” (ORTIZ, 1999, p. 59).

Já o nacional, pressupõe um espaço mais amplo. Ele se agrega a uma historicidade (tradição e conservação de costumes). “A nação trilha o caminho da turbulência histórica, ela se molda de acordo com os interesses de suas instituições, suas lutas, sua visão do passado, sua política de construção do presente” (ORTIZ, 1999, p. 60). O nacional propõe a invenção de uma consciência coletiva partilhada

por seus cidadãos. Comparado ao local, o nacional apresenta sua cultura, mesmo sabendo que ela atualiza-se de maneira diferenciada nos diversos contextos. O nacional engloba-se nos diversos locais, contrastando com sua diversidade.

Em relação ao global, a diferença está em sua distinção. Diante do global, o nacional acaba se tornando local, já que cada nação tem sua especificidade e suas diferenças. Assim, local, nacional e global, são ordenamentos de níveis espaciais diferenciados e a relação entre eles é de fundamental importância para este trabalho.

Não se pode pensar de forma alguma que os três são unidades autônomas. Pelo contrário, todos eles estão interligados. Tudo é uma questão de considerar a globalização das sociedades e a mundialização da cultura como um processo civilizatório, em que o espaço seria um conjunto de planos atravessados por processos diferenciados.

O que importa no mundo global é a noção de linhas de forças. Ortiz (1999) pondera que se pode conceber que o local situa-se no interior dos países, proporcionando a existência de três dimensões. A primeira é aquela na qual se manifestaram as implicações das histórias particulares a cada localidade, as quais conformam realidades distintas em um mesmo território nacional.

A segunda dimensão diz respeito às histórias nacionais, em que se atravessam os planos locais redefinindo-os à sua maneira. “A conexão é agora possível por mediação de um elo transcendental, o que nos permite falar propriamente de um espaço comum no interior de fronteiras bem delimitadas” (ORTIZ, 1999, p. 63), que unifica um povo.

Já a última e mais recente dimensão é a da globalização, um processo que atravessa os planos nacionais e locais, cruzando histórias diferenciadas. A civilização moderna caracteriza-se como sendo uma junção e disjunção de espaços e é isso que a marca e a leva a duas direções: uma para a homogeneização e outra à diversidade. O mais importante de tudo é entender que a bifurcação mencionada não se caracteriza como elementos opostos, mas sim como partes de um mesmo fenômeno.

Ortiz (1999) chama tal efeito de transversalidade, ou seja, unidades estanques que interagem entre si. Uma implicação desta ideia é imaginar territorialidades desvinculadas do meio físico. O modo de vida de vários grupos sociais é, hoje, em boa medida, desterritorializado. Os jovens de uma classe média

mundializada apresentam hábitos, símbolos e música praticamente iguais, independente de suas nacionalidades. A mídia segue o mesmo caminho. As mensagens, notícias e símbolos circulam livremente em redes desconectadas deste ou daquele lugar.

Ao mesmo tempo que existe esta desterritorialização, em que o homem pode estar, ao mesmo tempo, conectado a todos os lugares, é necessário compreender que toda desterritorialização acarreta uma re-territorialização. A diferença de ambas é que a primeira afasta o espaço do meio físico que o aprisionava e a segunda atualiza-o como uma dimensão social: localiza-o. É como viajar, morar em outro país e sentir saudades da terra natal. Ou ainda, ser brasileiro, morar no Japão e assinar a *Folha de S. Paulo* porque sente necessidade de saber notícias de seu povo.

A re-territorialização serve para recompor os espaços particulares como unidades de sentido para as identidades coletivas. Ela é contrária à homogeneização à medida que se revaloriza o espaço da cultura local. É justamente com a desterritorialização das culturas que surgem os movimentos de re-territorialização, representados por movimentos sociais, os quais acreditam no local como espaço de circulação e troca de bens culturais.

Além da desterritorialização e re-territorialização, a transversalidade traz ainda outras conseqüências como a redefinição do substrato morfológico no qual se assentam as culturas. Não se pode mais pensar em um grupo fechado de pessoas vivendo em um determinado local, seguindo uma determinada cultura. Pensar amplamente é considerar as forças diversas que permeiam o local, o nacional e o global, conforme propõe Ortiz (1999, p. 66-67):

Local, nacional e global se entrelaçam, portanto de formas diversas, determinando o quadro social das espacialidades em conjunto. [...] O nacional e o local são penetrados pelo global. Pensá-los como unidades autônomas seria inconsistente. Porém como a base material da modernidade-mundo é desigual, e a expansão da cultura deve obrigatoriamente levar em conta a diversidade dos povos, sua conjunção só pode ocorrer como diferencial. O lugar é o espaço dessa diferencialidade.

Portanto, o local, o nacional e o global interpenetram-se e precisam ser considerados como uma totalidade que conforma e caracteriza espaços distintos.

A idéia de transversalidade também nos faz pensar sobre os temas de centralidade e enraizamento. Com a desterritorialização dos homens, de suas províncias e regiões, a nação perde em centralidade e disputa posição no

atravessamento de forças diversas, privilegiando a deslocalização das relações sociais.

Quanto ao enraizamento, a princípio, pensa-se que ele é o fruto da existência de uma cultura cujo território encontra-se cartografado. Ortiz (1999) afirma que no mundo globalizado este processo de enraizamento não é mais satisfatório. “Os indivíduos possuem certamente referências, mas não propriamente raízes, que os fixam fisicamente em um lugar” (ORTIZ, 1999, p.69).

Pode-se concluir então que as sociedades contemporâneas estão vivendo uma territorialidade desenraizada, em que o global, nacional e local são extremamente interligados e um faz parte do outro. Na sociedade global, por mais desenraizado que o indivíduo viva, não consegue conviver sem o nacional e o local, o que faz dos jornais regionais/locais um atrativo a mais em sua existência.

Gutiérrez Olórtegui (1996, p. 34) afirma que a relação global-regional e local,

[...] permite entender las formas de un mercado informativo que, fabricando un imaginario desterritorializado de la realidad global, hace evidente su necesidad de exportar al mismo tiempo imágenes territorializadas y reivindicadoras de la realidad local, aunque ambas se presentan descontextualizadas, desencajadas y estandarizadas para facilitar su integración con otras imágenes del mundo.

De acordo com Gutiérrez Olórtegui, o mercado informativo mescla o local e o universal, quando apresenta ou dá notícias de um determinado local e também de acontecimentos de outros países e das mais diferentes regiões do globo num mesmo veículo de comunicação como é o caso dos jornais regionais ou estaduais.

1.1 Democracias globais e transformações locais

Quando se fala em globalização, fala-se em avanço tecnológico, e neste aspecto, o maior avanço para os meios de comunicação de massa foi, sem dúvida, a internet. Nela estão conectados todos os jornais do mundo, do global ao local, e assim o indivíduo pode acessá-la conforme sua necessidade.

A Internet ampliou-se durante a Guerra Fria, como estratégia de defesa do governo norte-americano contra a ex União Soviética. Logo esta rede de computadores estendeu-se às universidades e durante anos serviu de instrumento

de pesquisa para professores e alunos norte-americanos. Com o passar do tempo, a Internet foi se alastrando para o mundo todo.

Durante muitos anos, as máquinas propiciavam uma conexão lenta e uma transmissão telefônica ruidosa, o que prejudicava as pesquisas. Além disso, o alto preço dos computadores nos Estados Unidos e também no exterior dificultava ainda mais a expansão da rede. Em pouco tempo, este quadro mudou radicalmente: os computadores estão cada vez mais baratos, a conexão em banda larga está mais veloz e a hermética linguagem das máquinas deu lugar a um ambiente gráfico, no qual convivem textos, imagens, vídeos, desenhos, sons etc.

Com a sua potência global, a Internet vem se mostrando campo de atuação e de marcação de forças locais. É um meio global capaz de reproduzir as informações locais em questão de segundos. A maioria dos jornais impressos utiliza a Internet para propagar suas notícias às pessoas que não estão em certas comunidades, mas que querem saber informações dela.

1.2 O global a partir do local

Em toda a discussão sobre globalização e os seus efeitos sobre as características das nações ou regiões com culturas singulares, vimos que havia uma preocupação legítima em se desenhar uma estrutura informacional que envolvesse elementos carregados de significados próprios à modernidade-mundo. A partir dessa estrutura de signos mundializados, pode-se entender como problemas locais interagem nesta dinâmica.

Existe hoje uma enorme preocupação de se buscar entender a dinâmica global a partir de manifestações regionais, como se inserem e de que modo as suas diferenças podem transformar a leitura dessa modernidade-mundo. Não há dúvidas de que o processo de globalização foi moldado sob dois olhares – Estados Unidos e Europa, sem que o processo tenha seguido moldes a partir do nosso lugar. Se assim fosse, com certeza, ter-se-ia hoje outra visão de mundo e de aldeia global.

De acordo com Duarte (1998), para o processo de globalização, é vital que se conheça as potencialidades de cada nação, as suas características singulares diante de programas sociais para que se torne elemento atuante neste universo. Constatase que é possível, estando em qualquer lugar do mundo, agir e reinterpretar a

dinâmica global singularmente, com base na idéia de que cada região porta concomitantemente características globais e locais simultaneamente.

O mais interessante e instigante é justamente a “possibilidade de, em vez de se pensar no local a partir de estruturas globais, inverte-se a situação para estudar quais elementos são estritamente locais e como cada região exerce o seu papel no universo globalizado” (DUARTE, 1998, p.101).

Levando-se a discussão aos meios de comunicação de massa, isso mostra como eles são eminentemente globais e servem como instrumento para que determinadas regiões possam se destacar no cenário global. É o global olhando e agindo sobre o local por meio de instrumentos tecnológicos e de territórios informacionais globais.

1.3 O local em tempos de globalização

No início do século XXI, são visíveis os impactos da globalização no mercado mundial. Teóricos da Comunicação, como Denis de Moraes, Muniz de Sodré, entre outros, têm discutido, com certa freq ncia, sobre este avanço econômico que tem refletido também em aspectos políticos e sociais da sociedade contemporânea e que, de certa maneira, têm modificado o rumo da Comunica o no mundo.

A idéia de homogeneiza o incomoda alguns pesquisadores que garantem que, se por um lado o processo global permitiu romper barreiras, aproximando distâncias e cultivando a transnacionalidade; por outro, pode perder as rela oes identitárias dos agentes envolvidos em certas comunidades. Trata-se aqui de refletir sobre a compreensão do global e do local como realidades antag nicas, mas não excludentes e a importância do segundo para as especificidades do indivíduo em meio ao coletivo e   identidade dos agentes envolvidos neste processo comunicativo.

Octavio Ianni (1999, p. 29) explica que

a globaliza o do capitalismo está sendo acompanhada da forma o de vários sistemas econômicos regionais, nos quais as economias nacionais são integradas em todos mais amplos, criando-se assim condi oes diferentes para a organiza o e o desenvolvimento das atividades produtivas.

Para tal discussão, é essencial entender o fenômeno da globalização e suas conseqüências no mercado mundial. Thompson (1998) afirma que a globalização surge apenas quando atividades acontecem em uma arena global, são organizadas, planejadas ou coordenadas em escala global e quando existe algum grau de reciprocidade e interdependência, de modo que permita que atividades locais, situadas em diferentes partes do mundo, sejam modeladas umas pelas outras.

Held e McGrew (2001) identificam duas óticas diferentes de autores que estudam o processo de globalização.

A primeira delas é a globalista, que vê a globalização como uma evolução inevitável e difícil de ser interrompida. Tal visão assume dois posicionamentos antagônicos: ora otimista, destacando os benefícios proporcionados pelas novas tecnologias e comunicação global e ora pessimista, relatando os prejuízos do processo, como a predominância de grandes grupos econômicos e culturais aumentando as desigualdade entre países. A outra visão pertence aos céticos, aqueles que acreditam que a globalização é uma nova fase do capitalismo, moeda que reina no mundo neoliberal.

Ambas as correntes reconhecem a interligação entre as regiões ocasionando desigualdades visíveis e aceitam a supremacia do hemisfério norte na produção econômica e simbólica. O desejo de produzir em grande escala afeta a delimitação de fronteiras, criando um espaço único de comercialização.

Ao enfatizar que a globalização representa uma nova era de expansão do mercado mundial, Ianni (2001) ressalta a idéia de que há uma reorganização e realocação geográfica das empresas multinacionais, agora presentes em regiões, até então pouco desenvolvidas.

Há que se pensar também que a globalização traz conseqüências que foram mencionadas por Ianni (2001, p. 110) nos seguintes termos:

[...] em primeiro lugar, a maneira pela qual os processos de interconexão econômica, política e militar, entre outras, estão modificando por cima a natureza do Estado soberano; em segundo lugar, de maneira pela qual os nacionalismos locais e regionais estão erodindo os Estados-nação por baixo; e em terceiro lugar, da maneira pela qual a interconexão global cria cadeias de decisões políticas e resultados interligados entre os Estados e seus cidadãos que alteram a natureza e a dinâmica dos propósitos dos sistemas políticos nacionais.

A globalização envolve o local, o nacional, o regional e o mundial. Compreende colonialismos e imperialismos, interdependências e dependências, uma nova divisão transnacional do trabalho e da produção, mercados mundiais, cidades globais e tecno-estruturas globais.

Nos contrapontos de nacionalismo, regionalismo, globalismo e localismo, não só a economia e a sociedade são abaladas, mas também a política e a cultura, provocando distorções e até abrindo horizontes. Assim, ampliam-se as fronteiras, redefinem-se políticas econômicas, criam-se novas modalidades de organização do trabalho e da produção.

No âmbito da cultura, notáveis mudanças foram observadas, frutos do processo de globalização. “É dito com freqüência que o mercado de consumo seduz os consumidores. Mas para fazê-lo ele precisa de consumidores que queiram ser seduzidos” (BAUMAN, 1999, p. 92) e, por isso, tal mercado investe cada vez mais em campanhas que tenham o poder de seduzir e induzir o consumidor a comprar os produtos anunciados, sejam eles culturais ou bens de consumo. Há um esforço para se universalizar as propagandas de modo que elas possam atingir o maior número possível de consumidores.

García Canclini (1997) também opina sobre esta globalização cultural. Ele acredita que a diversidade de culturas em um mesmo espaço geográfico apóia-se em dois movimentos: aqueles que crêem que o global é um substituto do local e os que acreditam que o modo neoliberal de se globalizar seja algo possível.

Para Ortiz (1994, p.15-16), o conceito de globalização pode ser aplicado “à produção (no global), distribuição e consumo de bens e serviços (no local), organizados a partir de uma estratégia mundial”. Quando o modo de produção está no âmbito cultural, o autor afirma que sua expansão se dá devido à multiplicação dos contatos, intercâmbio e hibridização da cultura, por um fácil e rápido fluxo migratório dos indivíduos e seus grupos. A impressão que se tem, a primeira vista, é que as manifestações culturais são homogêneas.

Porém, Canclini (1997, p. 11) enfatiza que não se pode considerar a globalização como um simples processo de homogeneização, mas como um “reordenamento das diferenças e desigualdades”. Dessa maneira, percebe-se que, por mais que estejamos vivendo na era da globalização, a cultura não pode ser pensada de forma homogeneizada.

A cultura proposta pelos teóricos é a da diversidade, do multicultural e, neste contexto, já se pode pensar no local influenciando o global, já que os indivíduos só se confortam em viver num mundo globalizado, desde que sua identidade individual seja levada em conta. Na mesma linha de raciocínio, ainda no âmbito cultural, explica-se porque os jornais locais têm sobrevivido à avalanche da globalização.

Matérias jornalísticas apenas nacionais ou mundiais não os satisfazem. Eles exigem a multiculturalidade, ou seja, necessitam saber tanto do coletivo quanto do individual. São necessárias informações sobre suas comunidades, pois dessa forma, sentem-se completos em termos de informação. É o coletivo ao lado do individual, ou algo além disso, a dialética indissociável entre o global e local.

Coelho Neto também se manifesta sobre tal discussão. De acordo com o teórico, em tempos de globalização, o ressurgimento da diferença identitária – espaço ocupado pelo local/regional – é totalmente visível. “As culturas e os imaginários nacionais tendem a desmoronar (relativamente), mas não desaparecem de todo o localismo como âncora cultural, quer isto signifique um valor positivo quer negativo” (COELHO NETO, 1999, p.185), estão sempre presentes em todas as sociedades humanas.

O regionalismo envolve a formação de sistemas econômicos que redesenham e integram as economias nacionais, preparando-as para os impactos e as exigências ou as mudanças e os dinamismos do globalismo. É uma cadeia de notícias que se desenvolve em mão dupla. O regional afeta o nacional que afeta o global e a inversão da frase também é verdadeira.

Um questionamento pertinente para tal discussão é por que o jornalismo regional é tão importante para o âmbito global? Entende-se que é no capitalismo global que se desenvolvem vários sistemas econômicos regionais. Pensando em jornalismo global, são os pequenos e médios jornais que formam a cadeia de sistemas noticiosos que alavancam o mercado nacional e conseqüentemente o global.

Ainda sobre o regionalismo, vale destacar que a sua dinâmica interfere diretamente na dinâmica do nacionalismo e põe em causa realidades nacionais até então inquestionáveis. É o que Ianni (1999, p. 38) esclarece por meio da seguinte colocação: “quando o Estado-nação se debilita, simultaneamente há o declínio do princípio da soberania e a transformação da sociedade nacional em província da

sociedade global” e ressurgiu assim a diversidade cultural, que é mais um motivo para o aparecimento e o aprimoramento do jornalismo regional/local.

A globalização da comunicação teve sua origem no século XIX, quando o fluxo internacional de notícias foi organizado por meio de agência de notícias¹, devido ao desenvolvimento de novas tecnologias destinadas a dissociar a comunicação do transporte físico das mensagens.

Apesar de surgir no século XIX, foi no século XX que conglomerados começaram a produzir em grande escala, as novas tecnologias desenvolveram-se e os produtos da mídia passaram a circular em mercado internacional.

Através de fusões, compras ou outras formas de crescimento corporativo, os grandes conglomerados assumiram uma presença sempre maior na arena global do comércio de informação e comunicação. (THOMPSON, 1998, p.144).

Como se percebe, a informação midiática ocupa lugar de destaque nesta nova conjuntura mundial. Moraes (1997, p. 69) afirma que “a mídia se tornou as engrenagens indispensáveis à hegemonia do capital, isto é, o lubrificante dos ciclos de troca e de lucro, nesse sentido, a mercadoria mais importante”, pois os processos midiáticos abarcam desde a propagação de informações até as propagandas de produtos culturais e de consumo, visando à aquisição e ao consumo pelos espectadores e leitores, ou seja, pelo público de um modo geral.

Canclini (1997) discorre que em um tempo de comunicações fluídas com as empresas transnacionais da informação, cada vez mais os meios de comunicação permitem que as pessoas tenham acesso ao maior número de informações possíveis, transcendendo as barreiras locais do consumo cultural.

Assim, vemos a importância dos meios de comunicação de massa em favorecer a intermediação entre os indivíduos e os fatos cotidianos do local e do mundo. Woodmard (2000) garante que os meios de comunicação constroem novas identidades, das quais os sujeitos apropriam-se e reconstróem para seu benefício, vivendo sempre num mundo multicultural, onde o local e o global caminham lado a lado, uma vez que sem um não se pode ter o outro.

¹ Agência de notícias é uma empresa jornalística especializada em difundir informações e notícias diretamente das fontes para os veículos de comunicação. As agências não fornecem informações diretamente ao público, mas sim a jornais, revistas, rádios, tevês, *websites*, que fazem a ponte entre a fonte e os leitores/espectadores.

A globalização da mídia impressa em junção com o *marketing* e a cultura de massa recobre realidades nacionais, modificando as relações que os indivíduos, grupos, classes e povos têm com eles mesmos e com os outros, com seu passado e futuro. Cria-se uma cadeia viciosa e de duas mãos entre global, nacional, regional e local.

Acontecimentos globais afetam as relações de determinados grupos que sofrem modificações no âmbito local, assim como reportagens locais são de tal impacto que são transmitidas por veículos nacionais e globais causando estranhamento ou choque em um número maior de pessoas. Tal articulação só é possível por meio do processo de globalização.

Como se pode notar, uma das questões centrais levantadas pelo fenômeno da globalização consiste no confronto eterno entre global e local. Assim, em meio a todo esse processo de globalização, unificação mundial, é imprescindível o papel do local neste contexto.

O local deve ser levado em consideração, pois é ele que se ocupa da identidade cultural dos indivíduos em meio à homogeneização. Giddens (1991, p. 69) afirma que:

a globalização é definida como sendo a intensificação das relações sociais em escala mundial, as quais ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa.

Storper (2004) também considera o local como uma ação contrária à padronização homogeneizadora do capital e da comunicação. Ele faz questão de lembrar das ambigüidades e contradições existentes entre a tentativa de implementação de um cidadão do mundo que é unificado pelo consumo e a existência de um cidadão do local que é definido pelas relações sociais e culturais.

Para tentar resolver essa dialética entre global e local, Robertson (2000) utiliza o termo glocalização. Numa tentativa de explicar a tensão entre o geral (global) e o particular (a cultura de cada comunidade local). Ele argumenta que hoje há uma dinâmica econômica que influencia e articula o pensamento global, porém atua localmente.

É diante deste aspecto que se consegue entender melhor um dos pontos relevantes da globalização e dos meios de comunicação de massa e seus produtos culturais. Mesmo com a globalização, as dinâmicas locais permanecem vivas e resistentes à tentativa unificadora da globalização.

O que se destaca no cenário da globalização é que a comunicação teve participação no desenvolvimento do capitalismo. Pode-se dizer que há uma relação direta entre a globalização e o produto cultural e, neste caso, é justamente o local que impede sua homogeneização.

Stuart Hall (2001) é um dos estudiosos que concorda que as evoluções culturais devem ser entendidas levando em conta a pluralidade de culturas dentro de uma comunidade. Ele ainda não descarta a cultura global que inundam os meios de comunicação de massa, contudo, aponta a permanência de realidades locais fortes para questionar essa unificação. Assim ele admite ser um pensamento errôneo se pensar o global,

substituindo o local, seria mais acurado pensar numa nova articulação entre o global e o local, este último pensado no interior da lógica da globalização, em lugar das velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. (HALL, 2001, p.77-78).

Para o autor em apreço, existe uma nova articulação entre o global e o local dentro do processo de globalização atual, o qual possibilita aos indivíduos adquirirem identidades locais diferenciadas e mais consistentes.

Coelho Neto (1999) é ousado ao dizer que num mundo pós-moderno, o local é um espaço vivido, responsável pelo efeito de mundo, e simbolicamente teatralizado, por meio de obras culturais; contrário a isso, o não-local é um espaço imaginário, vivido duplamente e mediado simbolicamente e à distância.

Tal idéia justifica mais uma vez a importância do local diante do coletivo. Ao considerar as obras culturais, as próprias notícias do jornal impresso, verifica-se que os jornais locais noticiam o vivido em sua comunidade; já os nacionais e globais noticiam o imaginário, notícias que estão longe da realidade do povo centrado no local, mas, de certa forma, o impacto acaba sendo notório.

Contudo, a pergunta central do questionamento é: O que define o local? Qual sua delimitação? Bourdin (2001) garante que a resposta para tal questionamento passa pela interação entre os ambientes econômico, político, jurídico até chegar aos relacionamentos de vizinhança, convivência, vitalidade da região e dos bairros.

Peruzzo (2003) também opina sobre esta discussão e afirma que o local trata de assuntos gerais e sua delimitação está em um lugar específico de uma região, na qual o indivíduo está inserido e partilha de seus sentidos. Pode-se entender o local e

o regional como elementos de um processo comunicativo pautado em informações e que tem um papel social relevante na comunidade onde ocorrem, pois estabelecem vínculos entre os indivíduos desta comunidade.

Assim o local é onde os indivíduos sentem-se parte da comunidade, em que se articulam por meio da relação de intercâmbio econômico, político, simbólico e cultural. Partilham dos mesmos valores, participam dos mesmos eventos históricos locais como festas religiosas, comemorações do dia de cidade, entre outros.

É importante ressaltar ainda que o que marca o local não são necessariamente as demarcações territoriais. O que vale é que as pessoas partilhem da mesma convivência, dos mesmos sistemas culturais.

Sobre a idéia de que o local possa ser um espaço restrito e delimitado, Peruzzo (2003) discorre que tanto o local quanto o regional só podem ser compreendidos na relação de um com o outro, ou ainda, é a partir deles que se pode estabelecer uma relação com o nacional e o global.

Entende-se por mídia local e regional, aquela que atinge uma comunicação baseada em informação de proximidade e cumpre uma importante função social na comunidade. A mídia regional existe desde que surgiram os meios de comunicação de massa. Peruzzo (2005, p. 81) entende por informação de proximidade aquela que retrata “os acontecimentos orgânicos de uma determinada região” e se caracteriza por “vínculos de pertença, enraizados na vivência e refletidos num compromisso com o lugar e com a informação de qualidade e não apenas com as forças políticas e econômicas no exercício do poder”.

Dessa forma, entende-se que só é possível uma delimitação, a partir de um consenso coletivo que os próprios indivíduos estipulam.

Thompson (1998, p.155) declara que “a apropriação dos produtos culturais da mídia é sempre um fenômeno localizado”. Pode-se afirmar então que o global satisfaz diversos locais, cada um com sua especificidade e que sempre que aparecem assuntos variados, dentro de um único veículo, seu objetivo é atingir a pluralidade, passando por diversas comunidades locais. É o mesmo que agradar a gregos ou a troianos em uma esfera global.

O autor trata ainda de três temas interligados no processo de apropriação da mídia. O primeiro diz respeito à interpretação das mensagens midiáticas pelos indivíduos e a recepção deste material simbólico, podendo haver uma apropriação desses significados. O segundo busca compreender qual o impacto social desta

apropriação localizada. A apropriação dos materiais simbólicos permite aos indivíduos distanciarem-se das condições de vida em que vivem. Com a globalização, as pessoas podem conceber maneiras de viver e condições de vida totalmente diferentes das que experimentam no dia-a-dia.

O último tema trata de uma apropriação localizada dos produtos midiáticos globalizados. A sua causa vem de uma fonte de tensão e de conflito. A Tensão é relativa aos produtos da mídia que mostram imagens que chocam e os conflitos dos inúmeros materiais simbólicos que são retirados de diversas fontes. Dessa forma, vemos que tem de haver uma fonte de tensão entre global e local para ambos acontecerem num mesmo território.

Servaes (2002) afirma que todo homem é universal, mas está condicionado pelo regional, ou seja, o referido autor, em um artigo de sua autoria, cujo título é “Globalización o localización: hacia un espacio de identidad cultural”, propõe uma discussão que foca o tema da globalização e localização culturais e de suas relações diretas com a comunicação sempre atrelada aos aspectos econômicos.

O autor em questão postula que

[...] a globalização e a localização formam em si um mesmo processo, sendo exatamente os dois lados de uma mesma moeda, as mesmas áreas inter(culturais) em sua origem (falar, assistir programas televisivos internacionais, encontros com turistas internacionais, contatos comerciais no interior da economia global), conduzindo ambas a um processo de interpretação global ou um processo de interpretação local² (SERVAES, 2002, p. 38).

O que se pretende explicar aqui, segundo J. Servaes, é que os processos interpretativos são realizados intrinsecamente entre si, mais uma vez comprovando que conteúdos jornalísticos globais podem ser veiculados como locais e vice-versa.

Ianni (1999, p. 47) opina sobre a relação do nacionalismo, regionalismo e globalismo e garante que “são totalidades que se submetem reciprocamente, em termos históricos e teóricos. Podem ser consideradas polarizações decisivas, quanto ao jogo das forças sociais, às controvérsias políticas, às opções econômicas, às possibilidades do imaginário ou aos movimentos da história” e que a mesma teoria seja aplicada às regras do jornalismo global, nacional e regional.

² A tradução é nossa.

1.4 Sociedade contemporânea e indústria cultural: uma relação entre o global e local

O global e o local apresentam-se como dimensões que resultam de um tipo de sociedade, no caso a sociedade do século XXI – contemporânea, e de um tipo de indústria cultural. Falar em globalização nos últimos tempos é entender uma moeda corrente mundialmente e que foi constituída em uma espécie de mito.

A globalização traz consigo clichês sedutores como: “quanto maior melhor”, “quanto mais variado melhor”, e dessa forma, as ofertas multiplicam-se e se reproduzem incentivando o avanço da indústria cultural e o consumo de uma sociedade que tem sede pela novidade.

A discussão torna-se ainda mais interessante quando se leva em conta o modo das transformações socioculturais, políticas e econômicas que afetam o mundo, incluindo o jornal impresso que é objeto de estudo. Sem dúvida, os meios de comunicação de massa tiveram um papel fundamental na realização da condição humana e no destino das sociedades.

De acordo com Giménez (2006), as transformações demográficas e os impulsos da industrialização, o avanço técnico a serviço da economia, a política a serviço da consolidação dos estados e da lógica de mercado contribuíram para o que teóricos chamam de sociedade de massa – a diferenciação entre a alta cultura erudita, própria de uma elite que se percebia ameaçada e a baixa cultura de massa, associada ao povo.

O confronto durou até que chegasse o maior número de pessoas possíveis ao mundo alfabetizado e ao consumo cultural. A expansão da educação favoreceu ainda mais leituras de jornais, livros e folhetins. Conforme o século XX ia passando, foram sendo incorporados novos suportes.

O resto da história já é mais recente. A terceira grande discussão abriu-se com a globalização econômica e os processos de mundialização da cultura. É a força dos meios de comunicação sobre a sociedade contemporânea que pode habilitar, inibir, projetar, restringir idéias, relatos de realidade e juízo, além de prejuízos sobre o modo em que se configura o social.

É exatamente sobre esta trajetória de transformações que se analisa a mídia regional, em que o global remete às conseqüências da expansão européia como

corpus civilizatório e a hegemonia da economia norte-americana como *corpus* de estilo de vida material, em que ambas se projetam e se reconhecem em escala mundial; e o local, que diz respeito à dinâmica e parâmetros reconhecidos e compartilhados em uma experiência imediata, sem projeção de escala, em um nível individual.

1.5 O jornalismo diante da globalização

Com a evolução da globalização midiática, inclusive de impressos, percebe-se que o jornalismo e a função social do jornalismo são questionáveis. As notícias de destaque e que variam do global para o local não são notícias relacionadas ao funcionamento democrático da sociedade, mas sim relacionadas à política, acidentes, curiosidades, entre outros temas.

Uma das primeiras crises da notícia, neste processo global, refere-se ao conceito de informação. Até então se entendia por informação a descrição precisa e documentada do fato a ser publicado. Com o advento da televisão, o conceito de informação mudou, pois hoje assiste-se tudo ao vivo em tempo real e a consequência disso é que a reflexão e informação detalhadas desapareceram.

No caso do jornal impresso, os detalhes descritos na notícia ou na reportagem acabam substituindo as imagens mostradas pela televisão, ou seja, quando o leitor abre as páginas do impresso, ele já conhece algo sobre o assunto por meio do rádio, tevê ou Internet. Assim, o jornalismo impresso tem de recorrer a artimanhas para prender a atenção de seus fiéis leitores, apelando para fotos coloridas, transformando visualmente as primeiras páginas – valorizando as manchetes e notícias breves – fazendo com que o público das imagens televisivas também se surpreenda com as fotografias.

Conseqüentemente, um espaço reservado para expressar opiniões e críticas, cedeu espaço a notícias breves e com bastantes imagens. Mais uma vez os traços de um veículo de comunicação foram afetados pela globalização que, por influências norte-americanas, traz textos curtos para atender um público cada vez mais apressado.

Outro item que sofreu alteração no conceito de informação está relacionado com a veracidade da notícia. Antes a notícia, especialmente a reportagem, deveria ser muito bem apurada, passando por critérios rigorosos de publicação e sempre verificando as fontes.

Somando fatores assim, temos o que Ramonet (2003) chama de crise do jornalismo e dos meios de comunicação na era global. Ele não só critica, como também, ao lado de teóricos como Stopper e Hall, propõe resgatar a função social do jornalista, ou seja, resistir à concepção mercadológica de jornalismo e lutar pela adoção de um jornalismo que valorize a notícia entendida como um compromisso com a verdade, fiel aos cidadãos menos privilegiados, capaz de despertar a cidadania em seus leitores.

É diante deste quadro que, muitas vezes, os jornais locais fazem a diferença no mundo globalizado. Embora a maioria deles siga o mesmo padrão nacional e mundial, por se tratar de um impresso local, a democracia, ainda que sob valores municipais e regionais, pode prevalecer. São instrumentos de comunicação que apresentam particularidades locais, respeitando sua trajetória, diversidade, identidade, cultura e grupos, sem deixar de entender o local como espaço de debate, não de unanimidade.

O ideal de um jornalismo local/regional é justamente o de propor uma alternativa de se criar um jornal competente e engajado na preservação das singularidades dos acontecimentos. E que estas mesmas singularidades possam ser divulgadas em cadeia global, preservando ainda a democracia proposta desde o seu início.

1.6 O jornalismo impresso e suas transformações diante da globalização

É com o atraso de três séculos que se inaugura a imprensa no Brasil. Foi um início relativamente tardio se comparado aos demais países. Assim, de acordo com Bahia (1990), podemos afirmar que a imprensa no Brasil passou por quatro fases: a inicial, de consolidação, moderna e contemporânea. Obviamente que todas as fases só aconteceram, primeiro, por questões políticas e, segundo, pelo fator da globalização. Este último fator trouxe ao país o progresso, o ritmo acelerado da

industrialização, o qual contribui para um jornalismo cada vez mais sério e profissional.

É de extrema importância para nossa pesquisa tratar resumidamente deste progresso, para se entender como o processo global contribui para o avanço da imprensa brasileira. E apenas a partir daí pensarmos na regionalização da imprensa diante de todo esse processo.

A imprensa brasileira teve seu primeiro marco em 1808, com a chegada de D. João VI ao Brasil, no mês de maio. Instalaram-se as oficinas da Impressão Régia e, em setembro, passou a circular a *Gazeta do Rio de Janeiro*. O advento do jornalismo impresso se dá no momento de transição da colônia para sede do poder real.

No período de 1808 e 1809, quase todas as edições extraordinárias da *Gazeta do Rio de Janeiro* registravam as cartas de portadores do rei, os despachos e as reproduções de notícias dos jornais ingleses e holandeses e outras comunicações que desembarcam dos navios de bandeira estrangeira e que mantinham relações amistosas com o Brasil. Percebe-se então que o jornal impresso incorpora-se definitivamente à construção da nacionalidade e, ainda que quase totalmente atrelado a Portugal, o Brasil dá os primeiros passos na produção de impressos.

Já na segunda fase da imprensa brasileira, por volta de 1880, ou seja, setenta e dois anos passados da instalação do pesado material de impressão da *Gazeta do Rio de Janeiro*, surge o que Bahia (1990) chama de fase da consolidação. Em fins do século XIX e começo do século XX, ocorre um *boom* no jornalismo empresarial, já típico de países avançados. Os novos jornais trazem experiências e objetivos próprios das organizações industriais. O reflexo da globalização começou a influenciar o mercado de notícias.

A tipografia manual passa a ser controlada por máquinas, a indústria gráfica aos poucos moderniza-se. Contudo, o jornalismo brasileiro ainda luta contra o atraso tecnológico que decorre da sua própria existência no país. Mesmo assim, pode-se identificar uma imprensa mais sólida nos anos da Abolição e da República no país, geralmente, associada a uma tipografia mais moderna. As empresas jornalísticas buscam, cada vez mais, fixar-se no mercado.

Bahia (1990, p. 108) tece comentários sobre a imprensa no Brasil e afirma que:

este processo de desenvolvimento do jornalismo, em cuja base se acha a tipografia, corresponde ao próprio desenvolvimento da economia. Na primeira metade do século XIX, o passivo colonial, a crise financeira, o analfabetismo e a instabilidade política bloqueiam toda a produção cultural brasileira, em especial a imprensa. Na segunda metade do século XIX e de maneira mais efetiva nos anos que antecedem o século XX, os jornais se beneficiam do crescimento econômico que impõe melhores níveis de renda, do trabalho assalariado e da descentralização republicana.

Neste período, os editores de jornais e empresários gráficos preocupam-se em atender às necessidades da sociedade de um país em transformação. Já cogitam que a imprensa deve situar-se num plano de interesse público, de identificação com os sentimentos de valorização da ordem jurídica. Predominam ideais positivistas.

No final do século XIX, a imprensa é conhecida com o *slogan* “o estalão do progresso” e o jornalismo como “o evangelho da democracia”. Entre 1890 e 1910, os novos equipamentos de impressão permitem “a rapidez maravilhosa e a perfeição com quem se imprimem os jornais modernos, reduzindo-se o trabalho material ao mínimo esforço, pois que as folhas até já saem dobradas do prelo” (BAHIA, 1990, p.109). São máquinas rotativas que imprimem, cortam e dobram os exemplares e a distribuição ganha leitores locais, nacionais e globais.

Quanto à profissionalização, ela aparece não apenas como um fenômeno da transição econômica do país, mas também como uma seqüência natural das novas funções do jornal, da tipografia e de todas as mercadorias culturais. O jornal e a tipografia como indústrias, cada qual com seu mercado, precedem a República, mas é a partir da nova ordem institucional que se afirmam e se consolidam.

Vemos o processo de globalização atuar na consciência da sociedade durante o período de transição entre Independência, Abolição e República. As idéias foram evoluindo e não só o tempo separa os períodos e os modos de se produzir a imprensa, mas também os reflexos da emancipação, em 1822, e o sentimento de nacionalidade, em 1870. A partir daí tudo se transforma.

Na terceira fase, conhecida como fase moderna, por volta de 1930, encontramos empresas jornalísticas executando programas de expansão editorial em todo o país e não só nas capitais. Neste período, os jornais perdem um pouco de sua exclusividade para as ondas do rádio, no entanto, mesmo com as “ondas de ouro misteriosas”, a produção impressa também progrediu e cabe aqui atentarmos apenas para a evolução da imprensa brasileira.

As máquinas rotativas evoluíram da *Marinoni*, que imprimia jornais de pequeno e médio porte com uma tiragem de 30 a 60 mil, para a *Man*, que permitia generalizar cores, cadernos, encartes, suplementos com um número bem maior de cópias. A rotogravura também é um novo símbolo das novas técnicas de impressão, já que permite tirar milhares de exemplares com uma única matriz e assegura uma reprodução de alto padrão, ideal para publicações ilustradas.

O poder da imprensa é mais acentuado no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde operam as forças políticas, os complexos industriais, os interesses da agricultura, entre outros. De acordo com Bahia (1990, p. 202):

as tentativas de penetração nacional da imprensa em busca de novos consumidores de leitura, animadas por claros sinais de demanda de informação, só mais tarde vão encontrar resposta. É quando, a partir dos anos 50 e 60, se definem os perfis industriais do complexo de comunicação formado a um só tempo pelos veículos impressos, o rádio e a televisão.

Os recursos para o acesso à informação, nessa época, eram difíceis, desde correios e telégrafos, ferrovias, rodovias, linhas aéreas, meios de transporte, telefone, o alto custo para a aquisição do papel e equipamentos de ponta, retardaram até os anos 50 e 60 o avanço tecnológico-comunicacional, apresentando apenas uma pequena parcela de indivíduos com acesso a tais informações.

Um outro problema afeta o país e vai contra o progresso da imprensa brasileira. O índice de analfabetismo chega a 50% no país. A expansão observada a partir de 1930 deve-se a fatores políticos, econômicos e culturais projetados pelo inconformismo e pela desobediência civil dos anos 20. O jornalismo, ainda que de maneira tímida, entrara numa faixa de operação industrial que contrasta com a tradição boêmia, ativista, idealista das fases anteriores. O jornal-oligárquico, identificado com a visão personalista do seu proprietário, cede lugar ao jornal-empresa.

O processo de industrialização, iniciado ainda que debilmente nos anos da I Guerra Mundial, é reativado nos anos 30. “A economia de guerra no eixo Rio-São Paulo, em 1932, com a revolução constitucionalista, acelera o reequipamento industrial de itens prioritários para a produção nacional. Os efeitos da crise de 29 e da República de 30 geram substanciais transformações” (BAHIA, 1990, p. 203). Pode-se afirmar, sem sombra de dúvida, que toda a imprensa também se engaja nestas transformações.

A fase moderna da imprensa no Brasil é o passo decisivo para uma indústria cultural de identidade própria com modificações provocadas pelas represálias ao livre exercício da opinião, pelas cinzas do incêndio das redações e pelo empastelamento dos parques gráficos de numerosos jornais. Assim nasce uma imprensa consciente do seu papel.

O desenvolvimento do jornalismo na fase moderna acelera-se ainda com o surgimento do rádio, propaganda, cinema, música, livro, fotografia, televisão, num contexto que não diminui, mas limita a força da imprensa. O sistema de telégrafo, que torna a notícia mais veloz e imediata, tem o mesmo efeito que o linotipo na tipografia, que substitui o manual por algo mecânico.

No interior do país, os jornais ainda eram feitos à mão, sem nenhum recurso. É só nos anos 70 que este quadro pôde ser revertido, com o surgimento do sistema *off-set*, a tipografia foi substituída pela impressão mecânica.

No início do século XX, a grande imprensa brasileira é representada por quatro jornais, dois em São Paulo (*O Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo*) e dois no Rio de Janeiro (*o Jornal do Brasil* e *O Globo*), incluindo a revista *Veja* e jornais de outros estados que têm forte influência regional. É exatamente esta imprensa que configura a indústria de comunicação, ainda mais porque está associada à gráfica, ao papel, à televisão, ao rádio, aos discos, ao videocassete, ao livro, os quais também contribuem para a saúde econômica do país.

No final do século XX, a grande imprensa brasileira concilia as empresas tradicionais e modernas, conforme assinala Bahia (1990, p. 244):

No primeiro grupo, estão as que se restringem a algumas áreas da comunicação; no segundo, aquelas que se diversificaram como sistemas empresariais, conglomerados de comunicação. Para a indústria jornalística, anos bons da economia são os de crescimento regular do bolo publicitário, que prevê custos e estimula investimentos.

Juarez Bahia divide a imprensa brasileira em dois grupos: aqueles restritos a algumas áreas da comunicação e aqueles que se diversificaram e se transformaram em conglomerados comunicacionais graças ao crescimento econômico do país.

No entanto, constantes crises na gestão econômica do Estado dos anos de 1960 a fins dos anos de 1980 afetaram não só os indivíduos, mas também a imprensa, de modo mais direto as empresas que não se diversificaram. As maiores

dívidas foram contraídas na compra de papel, maquinários e contratação de pessoal qualificado.

É a partir do fim do século XX que as edições dos grandes jornais preocupam-se em realizar edições múltiplas com base em conteúdos jornalísticos regionais, locais, com leituras voltadas ao leitor da periferia. Nestas edições múltiplas encaixam-se, por exemplo, o sistema de edição simultânea (em uma só região, em um só país ou vários países) e o sistema de edições locais (em uma só região, uma só cidade para cobrir bairros diferentes ou uma área metropolitana para cobrir várias cidades). Vagarosamente, o regional e o local vão se tornando mais e mais importantes para os indivíduos que vivem em âmbito nacional.

Nesta época, os grandes jornais já obedecem a uma estratégia de compatibilidade que se resume a uma fórmula que Bahia (1990) chama de *editionising*: edições regionais, com notícias locais, dirigidas a leitores de várias áreas. São as edições simultâneas, que agora levam em consideração também o individual, além do coletivo da sociedade contemporânea.

A terceira fase do jornalismo, o jornalismo contemporâneo, registra com o Estado Novo um dos lamentáveis episódios da história do jornalismo latino-americano. Trata-se da censura de 1939, estruturada no Departamento de Imprensa e Propaganda. Essas graves restrições intensificam-se com o Ato Institucional nº 5 (AI-5), de 13 de dezembro de 1968, que restringe e censura toda a qualquer manifestação do pensamento.

O AI-5 impunha total controle dos meios de comunicação de massa, sujeitando jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão, livros, teatro, música, disco e todas as formas de expressão do pensamento à censura prévia. Só com o fim do AI-5, por volta dos anos 80, é que a liberdade de imprensa volta a vigorar no país e os meios de comunicação fazem um balanço da tortura, do terrorismo, entre outros.

O efeito da globalização atinge de vez a imprensa brasileira no final do século XX em diante, quando o país é a oitava potência industrial do Ocidente. Sua tecnologia é de primeira linha se comparada a equipamentos americanos, europeus e japoneses. Seus padrões de conteúdo costumam ser comparados aos dos melhores jornais e revistas de prestígio internacional.

Na segunda metade dos anos 80, a economia do país crescia em 7% e a indústria jornalística representava um mercado em expansão, renovado

constantemente pela afluência de consumidores que, em anos anteriores, nem apareciam nas estatísticas. Todo este progresso, que se iniciou a partir dos anos 50, marca o florescimento do novo jornalismo, aquele caracterizado como um processo que incorpora ao conceito da ciência do comportamento o peso de sua contribuição à transmissão de idéias, ao papel dos grupos coletivos que intercambiam mudanças e à reorganização da sociedade. De acordo com as afirmações de Bahia (1990, p. 371),

O jornal reduz a distância que o separava do leitor, passando a ser um intérprete legítimo, mais vigoroso e mais eloqüente da sociedade. Adquire, com isso, um novo peso sociológico, acentuado sempre à medida que o público consegue ver na notícia um instrumento e não um simples atributo de quem a distribui. Com o rádio e a televisão, o jornal reencontra suas raízes democráticas.

São vários os elementos que constituem a valorização desta etapa do jornalismo, entre eles a competição pelas tiragens, a guerra pela notícia, a renovação dos quadros profissionais com a contribuição universitária e o aperfeiçoamento dos meios regionais de comunicação. Mais uma vez a globalização e o regionalismo andam lado a lado neste processo de avanço. Mais uma vez pode-se ver a importância do regional para o avanço nacional da imprensa brasileira.

O Brasil do final do século XX é mais organizado e mais moderno em relação às taxas de desenvolvimento. Nesta época já há jornais diários com 2 milhões de assinantes aos domingos, reflexo de um país em expansão e de uma sociedade cultural.

É na fase contemporânea do jornalismo que se muda a face do jornal. Grande parte dos pequenos anúncios de primeira página – os artigos, notícias, reportagens, caricaturas e desenhos – ganham colunas especiais e a primeira página (parte mais valorizada do jornal) cede lugar à grande fotografia e a uma organização hierárquica de assuntos conforme seu valor jornalístico – as pequenas chamadas para as matérias internas.

As mudanças são gradativas, porém radicais. Mudam-se os tipos, as medidas, os formatos, o material de impressão, a organização administrativa, os critérios de investimento, as técnicas da notícia, o marketing das empresas, as metas de propaganda, os objetivos de circulação, a veiculação dos classificados e dos anúncios de varejo, as promoções. O jornal fica mais leve, arejado pelo uso de

espaços brancos. Tudo isso, graças ao processo global que pôde trazer ao Brasil verdadeiros moldes americanos.

Bahia (1990, p. 390) afirma que

grandes e médios jornais que convivem desde já com elevados padrões internacionais, em termos de qualidade e de uso de tecnologia, estão preparados para distribuir notícias segundo as leis da concorrência. Contudo, suas maiores energias se voltam para as aptidões de consumidores pouco interessados, algo que corresponde à necessidade de diminuir o fosso que separa o Brasil de países onde a preferência per capita pela mídia impressa é muito maior.

Analisando a afirmação acima, pode-se dizer que os jornais regionais entram neste contexto também para tornar aquilo que é desinteressante em algo mais chamativo. Matérias jornalísticas regionais trazem ao indivíduo a sua individualidade, uma vez que os jornais ocupam suas páginas com assuntos que abarcam o nacional/global. É um chamariz para a mídia impressa brasileira, que está sabendo explorar campos diversificados na conquista de novos leitores nos últimos anos.

Contudo, mesmo diante de tantos avanços tecnológicos, o principal problema do país ainda perdura. Por que o jornal impresso foi o primeiro a surgir e não é tão disputado como o rádio e a televisão? Dentre os vários motivos, levando-se em consideração a imagem e o som, a grande verdade é que os impressos têm contra si a alta taxa de analfabetismo no país. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1970, tal taxa era de 33%, nos dias atuais são cerca de 16 milhões de brasileiros que ainda não sabem ler e escrever.

No Brasil de hoje, as informações são mais informadoras do que formadoras, mas, nem por isso, jornais e revistas deixam de atuar em um espaço pedagógico, ditado pelas atuais características do desenvolvimento. À medida que o processo cultural for se firmando no povo brasileiro, mais fácil será a imprensa escrita consolidar-se no país.

O novo jornalismo dos anos 90 traz novas técnicas que foram absorvidas pela televisão e pelo rádio, o que Bahia (1990) chama de complexo de tendências informativas – uma simples notícia com base no eco transforma-se em uma matéria jornalística (reportagem) com base em pesquisas, na investigação, na explicação e na interpretação dos fatos.

No século XXI, o jornalismo brasileiro é uma grande potência. Padrões de referências da tipografia, como impressão mecânica e composição em linotipo,

cedem lugar à produção automática. Os textos e as pesquisas jornalísticas ganham o auxílio do computador e da internet.

É o desenvolvimento industrial do jornalismo que se iniciara nos anos de 1980 e tem seu ponto alto no começo do século XXI. Um dos sinais mais evidentes está na redução do tempo entre a cobertura do acontecimento e a informação à disposição do leitor – na página do jornal na Internet, no outro dia nas páginas do jornal impresso. Deste modo,

a estrutura de produção computadorizada dinamizou as operações de edição, de venda de publicidade, e de circulação, garantindo o acesso desses departamentos a uma base de dados para públicos específicos de cada região. As mídias ganharam racionalidade e eficiência (BAHIA, 1990, p. 434).

Como se pôde notar, foi a partir dos anos 80 que a globalização e as transformações tecnológicas movimentaram a imprensa brasileira e trouxeram novas tecnologias ao país. Conseqüentemente, o jornalismo evoluiu, surgiram novos gêneros jornalísticos como os infográficos e se alargou o leque de assuntos noticiáveis.

Não apenas isto, no fim do século XX e começo do século XXI vingou, por exemplo, o jornalismo de serviços ou utilitários (fala-se das vitaminas na saúde, da importância do exercício físico, dos eventos culturais em cartaz etc). Contudo, de acordo com Souza (2005, p. 25), a principal mudança ocorreu nos meios *on line*:

A Internet, sobretudo o subsistema da *World Wide Web*, “roubou” ao jornalista parte do seu papel de gestor privilegiado dos fluxos de informação, isto é, do seu papel de *gatekeeper*, o que obrigou a reconfigurar o sistema jornalístico. As novas tecnologias da informação também permitem uma maior interactividade entre jornalistas, jornais e público, bem como o fornecimento de jornais *a la carte*, permanentemente actualizados.

A internet obrigou os jornalistas a assumirem novos papéis e a se adaptarem às novas exigências mercadológicas do mundo globalizado, possibilitando uma maior interação entre jornalistas, jornais e leitores.

Quando os benefícios do desenvolvimento econômico estendem-se para o interior do país, outros jornais também puderam se modernizar e acabaram se associando às inovações editoriais e tecnológicas. Mais uma vez é o leitor quem tem a ganhar com tais investimentos.

Hoje, em pleno século XXI, espera-se uma imprensa que se destaque e seja relevante para seu público. Uma imprensa que atue como elemento de identificação de problemas, porta-voz da opinião pública, fórum de apresentação das reivindicações dos setores sem representação política, divulgadora de notícias sobre economia, mercado e empresas.

De acordo com Nassif (2003, p. 32), a imprensa tem um forte poder de persuasão na sociedade atual. É com base nas informações da imprensa que investidores tomam decisões, que governantes buscam corrigir rumos, que a sociedade é alertada para os problemas em geral, entre outros. O que muitos não conseguem enxergar é que, hoje em dia, o jornalismo apresenta literalmente uma responsabilidade social para com a nação.

De uma maneira geral, o jornalismo atual é claramente diferente daquele de séculos anteriores. Além de seu grande desenvolvimento empresarial, a prática jornalística é mais ousada e mais atraente. O mercado do jornalismo também expandiu consideravelmente, levando, ao interior dos estados, meios de comunicação dignos de análise.

O jornalismo regional/local ganhou ainda mais adeptos com o passar dos anos e a necessidade por informações. Por incrível que pareça, este também foi mais uma extensão do processo de globalização no país. O coletivo já não satisfaz mais como antes. É preciso ser único, ter raízes, ainda que distantes, todo ser humano apresenta esta característica local, mesmo vivendo em tempos globais de velocidade, sem distância e coletiva. No século XXI, o jornalismo regional/local é ainda mais lembrado diante da sociedade contemporânea.

De acordo com Dornelles (2005), o fenômeno de crescimento da mídia local no Brasil em quantidade e qualidade possui diversas características, resultante de vários fatores, dentre eles o cultural, o econômico, o político, o ideológico e o educacional. A história da imprensa brasileira foi marcada pelo surgimento de diversas iniciativas pessoais, motivadas por diferentes fatores, apoiadas por uma forte ideologia e pelas inovações e descobertas que foram operando mudanças significativas no modo de se produzir/reproduzir informações impressas por meio de jornais:

Com a mudança dos tempos, o avanço da tecnologia, o crescimento das cidades, as descobertas, as inovações, esta realidade foi se alterando e o jornalismo ideológico, romântico ou de características pessoais e culturais,

presentes em grandes veículos de comunicação, foi dando espaço a uma prática jornalística empresarial. (DORNELLES, 2005, p. 1).

Não se pode querer entender o avanço da mídia local, sem antes se pensar nas transformações históricas ocorridas no meio impresso brasileiro. Assim, a imprensa local surge com características próprias da cultura interiorana, ou seja, decorrente de uma iniciativa individual, na qual se destacam a originalidade e pluralidade dos diferentes grupos e sociedades que compõem o Brasil. Não apenas isso, mas também a imprensa local interiorana preocupa-se em divulgar idéias diferentes, que circulam em diferentes classes sociais, destacando as variadas culturas do país.

Em termos de data, a imprensa interiorana estabelece-se em bases sólidas no fim do século XIX e princípio do século XX, perdurando até os dias de hoje. De acordo com Dornelles (2005, p. 2), entende-se por jornal interiorano aquele “produto impresso de uma empresa ou microempresa jornalística, tendo por objetivo o lucro, através da comercialização publicitária, venda de assinaturas e quase inexpressiva representatividade da venda avulsa”.

O grande objetivo do jornal interiorano, segundo Dornelles (2005), é produzir notícias voltadas para a sua comunidade como um todo, ou seja, as matérias devem atender aos anseios e reivindicações de seus leitores, procurando não atender a nenhum interesse partidário. É papel do editor e dos jornalistas deste impresso também participar ativamente das atividades promovidas pela comunidade, ajudando a buscar soluções e contribuindo para o crescimento e progresso do município. Pode-se afirmar então que o jornalista interiorano acaba se tornando um líder comunitário, respeitado e fortalecido pelas ações de outras lideranças e do próprio cidadão comum.

O jornal interiorano pode ser considerado uma concepção ideológica que se fortaleceu, no início do século XIX, com o objetivo de se criar uma cultura na qual a população reconhecesse o jornal como “seu representante” e não como representante de elites dominantes, política e economicamente. Esta filosofia surgiu como uma alternativa de mercado invadido pelos meios de comunicação de massa, que satisfaziam a necessidade de público em âmbito estadual, nacional e internacional.

Foi a partir destas constatações que empresários jornalísticos detectaram a necessidade do público ser informado sobre acontecimentos locais ou próximos à

comunidade, paralelamente, os leitores podiam contar com um veículo em que podiam manifestar suas reivindicações, realizar denúncias, entre outros. A proximidade, que não existia com os grandes jornais, era o trunfo desses novos periódicos interioranos que surgiam com força total.

De forma geral, a prática do jornalismo local revela que existe um forte sentimento de vizinhança e bairrismo. O jornalista e a comunidade apresentam algo em comum: a defesa de interesses de sua comunidade.

Sobre o aspecto cultural, o jornal local reflete várias características. O próprio texto, a própria linguagem diz muito da localidade. Ele é representado no impresso por gírias, lugares-comuns, identificação de valores morais e éticos, da arte, do folclore, da tradição, da ideologia, do nível de educação e da prática de cidadania de cada comunidade.

Tanto Peruzzo (2002) quanto Dornelles (2005) informam que não se pode pensar em local com fronteiras determinadas. Com os avanços tecnológicos e o processo de globalização, os meios de comunicação podem se deslocar do local ao universal num mesmo processo comunicativo. Assim, os elos de proximidade e familiaridade ocorrem muito mais pelos laços de identidades de interesses e simbólicos, do que por razões territoriais.

Uma outra observação apontada por Peruzzo (2002) e Dornelles (2005) diz respeito ao ponto de vista prático, em que o local e o regional só são compreendidos quando colocados um em relação ao outro, ou ainda, comparados ao nacional e ao internacional.

O local é compreendido tendo como referência o regional. Por outro lado, o global só acontece se partir do local. Por isso a valorização do local na sociedade globalizante. Até os veículos de massa, que historicamente dão mais valor noticioso à cobertura de longa distância, passaram a regionalizar seus conteúdos, abrindo cadernos para municípios, regiões e até bairros (DORNELLES, 2005, p. 5).

São três os aspectos que caracterizam o local: a proximidade do lugar, em contraste com o distante, a familiaridade, associada a questões de identidades e raízes históricas e a diversidade, opondo-se ao global ou ao nacional apenas como abstração.

Dessa forma, vimos que a evolução da imprensa brasileira teve seus pilares no processo de globalização. A modernidade permitiu que jornais se expandissem e

que ideologias culturais pudessem ser reconhecidas a partir do final do século XIX, surgindo o jornalismo regional.

Pode-se dizer que tais transformações ocorreram graças às evoluções tecnológicas, e o mais importante é que as sociedades contemporâneas não podem viver mais sem os reflexos do global, nacional, estadual, regional e local em seu cotidiano. Na sociedade atual vemos a globalização interferindo na localidade ou o contrário também pode ocorrer de forma aceitável.

CAPÍTULO II: A MÍDIA REGIONAL NO ESTADO DE SÃO PAULO

Considerado o Estado de maior fluxo financeiro de todo o país, São Paulo destaca-se hoje por apresentar características peculiares de desenvolvimento econômico e crescimento exacerbado. Não é à toa que indivíduos de todo lugar do Brasil, inclusive trabalhadores do Norte e Nordeste, buscam em São Paulo condições melhores para viver.

Com o desenvolvimento da malha urbana e ampliação da oferta de serviços públicos não é de se estranhar que o estado de São Paulo receba a metade dos títulos da imprensa brasileira, já que os jornais e outros meios de comunicação de massa (MCM) têm a função de veicular mensagens de interesses mercadológicos e recreativos para a demanda desses moradores.

Durante muito tempo, a imprensa paulista era constituída apenas como um fenômeno metropolitano, criando assim sua identidade regional. A expansão desta ocorreu de modo sincronizado, devido à criação de novos pólos industriais em regiões mais afastadas, com o objetivo de estancar o galopante processo de crescimento da capital. O crescimento da imprensa paulista seguiu a rota do litoral e do interior e o início das atividades do jornalismo impresso praticado no interior inicia-se precisamente na cidade de Santos, já que o porto marítimo, com seu movimento de importação e exportação, tornou-se um excelente fluxo noticioso dentro da comunidade.

O caso paulista é um paradigma dessa correlação entre o desenvolvimento da imprensa e o acionamento prévio ou concomitante de fatores socioculturais que transformam a fisionomia de uma sociedade (MARQUES DE MELLO, 1998, p.17).

Além disso, outro fator de estímulo que contribuiu para o desenvolvimento da atividade da imprensa regional foi a Constituição de 1988, que modificou a estrutura fiscal do país, descentralizando a arrecadação de impostos e fortalecendo as

regiões e comunidades locais. Ao mesmo tempo, a considerável participação da economia de agronegócios, despertou o resgate das identidades regionais.

Para que uma mídia seja considerada regionalizada, é preciso detectar antes o sentido de regionalismo que faz parte de sua produção, investimentos e estratégias. De acordo com Bobbio (MATTEUCI, PASQUALINO, 1995 Apud OLIVEIRA, 2006, p. 1), “no *Dicionário de Política*, regionalismo é uma tendência política dos quais são favoráveis às autonomias regionais”. Entende-se, portanto, que o conteúdo regional está na produção, nas fontes, na pesquisa, no enfoque, e que este mesmo conteúdo regional pode também apresentar características que se propõem a serem também mídias locais.

Construída essa identidade regional, a mesma se preocupa, portanto, em pensar lugares, territórios de onde nasce cada cultura e a partir daí manifesta-se. Uma mídia regional atua no processo de regionalização, ou seja, leva-se em conta as identidades locais e regionais, características, necessidades, investimentos e possíveis desenvolvimentos, sem perder de vista o repertório nacional e de globalização.

Diante de fatos históricos que impulsionaram a demanda de jornais para o interior paulista, a recente pesquisa preocupa-se em se deter no estudo de mídia local e regional do noroeste paulista, tendo como estudo de caso o jornal *A Cidade*, do município de Votuporanga, embora a maioria das matérias jornalísticas veiculadas neste impresso sejam locais, também circula e divulga informações das cidades de Cardoso, Américo de Campos, Álvares Florence, Valentim Gentil, Cosmorama, Nhandeara, Pontes Gestal, Fernandópolis e Parisi. Votuporanga encontra-se no interior do Estado de São Paulo.

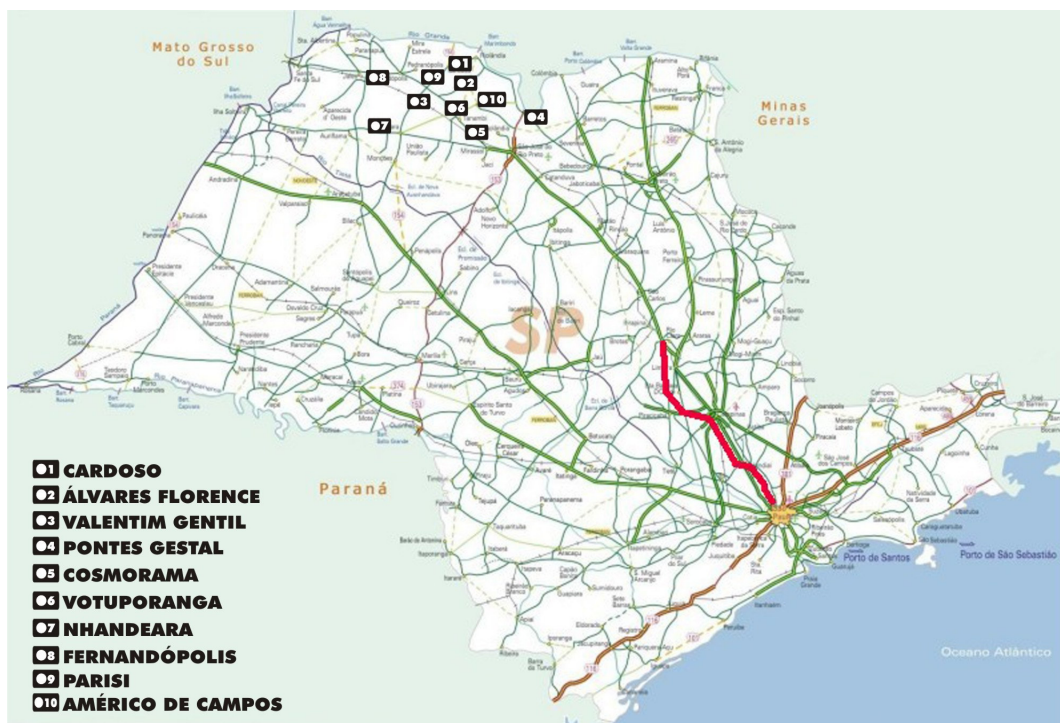


Figura 1 – Municípios de circulação do jornal *A Cidade*

2.1 Singularidades do jornalismo interiorano

Em pesquisa desenvolvida pela Cátedra Unesco no livro *Identidade da Imprensa Brasileira no Final do Século*, José Marques de Mello e Adolpho Queiroz (1998) traçaram um perfil sobre os jornais do interior paulista do estado de São Paulo. O estudo foi realizado por regiões e cada uma delas apresentou aspectos diferenciados dos 16 jornais. Em uma análise geral, comparada a outros jornais de grande circulação nacional, os pesquisadores puderam notar que jornais de caráter regional/local estão cumprindo sua missão de proximidade com o leitor, consolidando e preservando a identidade da mídia local e da região.

A pesquisa apontou 71% de notícias regionais nos impressos, além disso, a grande maioria estampou autoridades locais e regionais na primeira página como protagonistas da ação jornalística. Os resultados causaram surpresa, quando comparados com os grandes jornais, que não publicaram, com tanta intensidade, figuras conhecidas como o presidente da República ou o governador do Estado.

Os resultados da pesquisa mostraram ainda que, de uma maneira geral, mesmo a cobertura que os jornais do interior de São Paulo dão a assuntos nacionais têm o foco principal nas reivindicações da região.

Ao contrário do que se imagina, a pesquisa pôde demonstrar também que nem sempre o jornal do interior “transpira” publicidade. Na maioria dos jornais estudados, o número de anúncios ainda é maior que o conteúdo jornalístico, mas nada que comprometa a qualidade do jornal frente a notícias de interesse da comunidade. Neste aspecto, o jornal *A Cidade* enquadra-se neste perfil de se fazer jornalismo, já que o impresso apresenta 60% de conteúdo jornalístico contra 40% de anúncios publicitários.

Outros dados obtidos pelo estudo realizado pela Cátedra Unesco referem-se a questões morfológicas como formato gráfico, sistema de impressão, tiragem, circulação, emprego de cores, exploração do código icônico e cadernização de certas temáticas. Em todos estes itens, os jornais do interior estão se modernizando de acordo com o ritmo de mudança no país, procurando inovar dentro das condições financeiras de cada empresa privada de comunicação.

No caso do jornal *A Cidade*, a direção da empresa também tem essa preocupação. Tanto é verdade que o impresso procura circular diariamente com suas páginas coloridas. Não existe um critério de seleção de dias coloridos e em preto e branco, tudo depende do departamento comercial. Contudo, numa análise de 12 meses, foram poucos os dias em que o jornal teve suas páginas em preto e branco. Para estimular a edição colorida, foi definido pela empresa que as propagandas que fossem publicadas nos dias úteis sairiam com um preço menor do que as que eram publicadas aos domingos. Mesmo assim, a procura por anúncios nas páginas de domingo é sempre maior que em relação aos outros dias da semana.

Outra revelação é que os jornais do interior costumam ser mais informativos que opinativos. A opinião fica por conta dos grandes veículos. O jornal *A Cidade*, por exemplo, opta por notícias, reportagens, notas, serviços, deixando apenas a página dois para articulistas locais que queiram expressar opiniões sobre determinados assuntos.

Quanto às tendências temáticas, os quatro assuntos de maior interesse são: economia, cultura, informática e turismo nos jornais de circulação nacional contra esporte, economia, cultura e política nacional nos jornais do interior. É interessante

pontuar que o jornal *A Cidade* não acompanha as estatísticas dos jornais do interior. Neste impresso, a política local vem em primeiro lugar, seguida de notícias policiais, coluna social, páginas de lazer e esporte.

A pesquisa coordenada por José Marques de Mello e Adolpho Queiroz também permitiu chegar a algumas conclusões acerca dos jornais do interior paulista, entre elas a de que tanto os jornais de circulação nacional quanto os de circulação regional/local apresentam características parecidas em aspectos como formato, sistema de impressão, uso de cores, ilustração, entre outros. Outra conclusão, já esperada, pois trata-se de jornais regionais, é que estes impressos tendem a dar uma cobertura maior à área em que atuam, diferentemente dos jornais de grande circulação, que privilegiam problemas nacionais e internacionais. A importância da pesquisa para este projeto é levantar dados que comprovem uma visão das empresas interioranas em que se confirmam que, cada vez mais, os jornais brasileiros estão se modernizando e aperfeiçoando seu nível de qualidade jornalística, independente de sua localização, tiragem ou área de atuação.

2.2 O jornal *A Cidade* de Votuporanga

A pesquisa foi enfocada, em especial, no jornal *A Cidade* de Votuporanga que está classificado entre os jornais médios, com uma tiragem diária de 4.200 exemplares e de cinco mil aos domingos.

Fundado no dia 31 de dezembro de 1984, o jornal *A Cidade* começou a circular no dia 1º de janeiro de 1985, por meio de um trabalho idealizado pelo *Grupo Disdroga*³, que tinha como presidente Dorival Veronezzi atuando como diretor juntamente com Deoclécio Lasso, Jaime Alvarez Gil e Antônio Murasse. O jornalista responsável pelo jornal, na sua fundação, era Antônio Carlos de Souza e a redação tinha como chefe, José Carlos Pontes.

Na primeira edição, o jornal trouxe em seu cabeçalho, além da data, as cotações do dólar, inflação e a previsão do tempo. A logomarca com o nome do jornal foi escrita em letras maiúsculas e centralizada (no cabeçalho), tendo este estilo permanecido até o dia 22 de março de 1986.

³ Empresa de distribuição de remédios por atacado, que entrou em falência em meados de 1987.

Do dia 28 de janeiro a nove de setembro de 1985, o jornal *A Cidade* avançou em comparação com os demais periódicos da região, circulando suas edições também às segundas-feiras. Em sua maioria, os exemplares de segunda traziam matérias relacionadas à área esportiva e policial.

A partir do dia 23 de março de 1986, o jornal passou por uma mudança e o cabeçalho incorporou a ilustração de prédios e o tipo e os tamanhos das letras foram diminuídos. Em sua primeira etapa de circulação, de janeiro de 1985 a junho de 1986, o jornal saiu com 16 páginas no formato tablóide (40 cm de altura X 29,5 de largura).

Já a partir do dia 1º de setembro de 1986 até aos dias atuais, o jornal *A Cidade* passou a ser confeccionado no formato *standard* (50 cm de altura por 29,50 de largura). Em 1º de junho do mesmo ano, o impresso passou a ser do empresário e atual diretor da empresa, o jornalista João Carlos Andrioli Ferreira.

O logotipo com o nome do jornal *A Cidade*, no alto da primeira página, foi mudado por três vezes, sendo duas em 1987 e a última em junho de 2006. A maior edição até hoje veiculada ocorreu no dia oito de agosto de 1987, quando Votuporanga completou 50 anos, com 92 páginas. Já a edição do dia oito de agosto de 1991 foi a primeira edição colorida. Desde esta época, o jornal *A Cidade* é diário, com circulação de terça a domingo e tem seus exemplares, na grande maioria, coloridos. A preocupação de circular o jornal em preto e branco ou colorido depende exclusivamente das propagandas diárias que são inseridas pelo setor comercial da empresa.

Durante seus 23 anos, vários editores passaram pelo jornal *A Cidade*. O grande responsável pela implantação do jornal no ano de 1985 foi Luiz Rivoiro, jornalista e radialista, que faleceu em março de 1994.

Rivoiro era contratado do *Grupo Disdroga* e se destacou na imprensa votuporanguense nas décadas de 60 e 70. O editor deixou o jornal ainda no primeiro ano de funcionamento, a fim de prosseguir com novos projetos em outras regiões do país.

José Carlos Pontes assumiu a edição até 1988 e então deixou o cargo para o jornalista e atual secretário municipal de Esportes, Antonio Carlos de Camargo. Quando era editor, ele foi responsável pela mudança no formato do jornal para o atual padrão *standard*. Ele trabalhou de 1988 a 1989. Dagmar Azevedo foi o substituto e responsável pela equipe até 1993.

Sérgio Mantovani também ocupou o cargo de editor duas vezes. A primeira, de 1993 a 2000, e a segunda, de outubro de 2001 até junho de 2004. Durante esse intervalo, de janeiro a junho de 2000, o professor da Unifev (Centro Universitário de Votuporanga) e atual repórter do Diário da Região, de São José do Rio Preto, Fabiano Ângelo Ferreira, assumiu a edição do jornal. Vanessa Bortolozo, egressa da Unifev, foi editora no período de junho de 2000 a outubro de 2001.

Desde maio de 2004, quem está no comando da edição do jornal *A Cidade* é José Luiz Pavam, jornalista formado e com pós-graduação em Comunicação e Linguagem que, por cinco anos, também foi editor do *Diário de Votuporanga*.

Para garantir a impressão dos cerca de 4 mil exemplares diários, as máquinas usadas desde o surgimento do jornal foram a linotipo e as impressoras *Nebiolo Macchione* e *Planeta* – a primeira automática e a segunda manual. Porém, em razão da necessidade de buscar inovações, as máquinas foram substituídas pelas *Harris Intertype*.

Enquanto as antigas impressoras demoravam cerca de seis horas para imprimir aproximadamente 4 mil exemplares, o novo equipamento é capaz de executar as mesmas funções em apenas 40 minutos. Desde maio de 2003, a máquina alemã – *Roland Parva* – para impressão de páginas coloridas, foi comprada para o parque gráfico do jornal *A Cidade*.

Com esta última aquisição, para imprimir 4 mil páginas em preto e branco, demora-se 25 minutos, enquanto que se o jornal for colorido, o tempo é de duas horas, já que as folhas devem passar quatro vezes pela máquina.

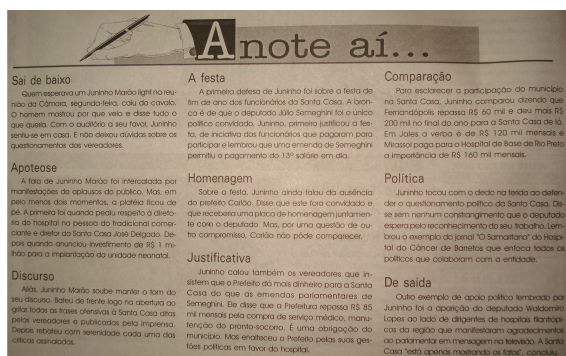
Na área da tecnologia, o jornal *A Cidade* foi pioneiro na implantação de *site* na Internet, antes mesmo do *Diário de Região*, de São José do Rio Preto. No dia 29 de junho de 1997, instalou seu site por meio do provedor ZAZ. Foram mais de 5,5 mil visitas em apenas quatro meses de funcionamento.

O primeiro domínio era: www.acidade.inf.br. Atualmente, pelo *site* www.acidadevotuporanga.com.br, é possível encontrar as editorias de Polícia, Esportes, Saúde, Variedades, Geral, Local, Especial e Região, além das colunas Social e *Anote Aí*.

Segundo o diretor João Carlos Andrioli Ferreira, um dos principais objetivos de veicular o jornal *A Cidade* na Internet é incrementar sua interatividade com a comunidade, através da criação de novos canais de comunicação.

Atualmente, a redação do jornal *A Cidade* é composta por um editor, três redatores repórteres, dois colunistas diários e um fotógrafo. Esses profissionais produzem de 12 a 16 páginas diárias e 20 ou 24 aos domingos, com o enfoque quase totalmente local, abrangendo as áreas de política, polícia, lazer, social, esporte, cidades e também enfocar notícias regionais. As matérias jornalísticas na área de lazer e de esportes são reforçadas por agências de notícias que produzem a programação de tevê e de comportamento, além das informações relativas aos grandes clubes de futebol.

O jornal mantém, como principal atrativo para os seus leitores, colunas específicas, como a *Anote Aí*, que retrata lances políticos da cidade com uma certa dose de humor ou crítica. É comum ouvir de leitores o fato de que muitos deles começam a ler o jornal por esta coluna. A redação do *Anote Aí* não é exclusiva de um jornalista, o que a torna heterogênea. Todas as tardes, a equipe reúne-se para captar de cada um o melhor lance do dia na política (ou curiosidades) votoporanguenses para o fechamento da coluna. Outro atrativo do jornal é o *Túnel do Tempo* que aborda fatos na história da cidade por meio de depoimentos de pioneiros.



Jornal *A Cidade*, 9/03/2006

Figura 2 - Coluna “Anote Aí”



Jornal A Cidade, 7/01/2007
Figura 3 - Coluna "Anotar Ai", página 2

Um outro setor do jornal *A Cidade* que bem caracteriza o que se define como jornal médio é a área comercial. Ao contrário dos grandes órgãos, nos quais esta função é das agências de publicidade, o jornal *A Cidade* tem os seus próprios corretores de anúncio e um departamento de criação de arte. Os corretores oferecem anúncios às empresas comerciais e levam para a produção de arte no jornal, já definindo a sua publicação com os padrões do jornal, com páginas, cores etc. Chega a ser comum o fotógrafo da equipe de jornalismo ser requisitado pelo departamento comercial para produzir uma fotografia para a produção de um anúncio.

Já no campo da administração, o jornal médio fica muito aquém da estrutura do grande jornal. A diretoria, por exemplo, não dispõe de um departamento de Recursos Humanos. Tudo tem que ser decidido por meio do seu diretor. O jornal de médio porte também não conta com um departamento jurídico, e as questões polêmicas, que carecem de consultas, muitas vezes, no fechamento de uma edição, são decididas pelo olho clínico do seu editor ou diretor do jornal.

A expedição também depende da dedicação do seu gerente. Os exemplares dos assinantes são entregues na madrugada por uma equipe que trabalha de moto

(os grandes jornais normalmente têm esse setor terceirizado pelo grande volume de exemplares).

Um outro detalhe é que, quando ocorre um fato de relevância na cidade, como um acidente com vítima fatal ou um acontecimento policial de repercussão, tal fato pode originar uma procura maior pelos exemplares do jornal nos pontos de vendas.

A credibilidade do jornal de médio e pequeno porte é medida também pelo aval do poder público. A publicação de leis e editais de Prefeituras e Câmaras, além de render uma parcela importante no orçamento do jornal, credencia-o junto aos interessados nas informações oficiais. O jornal *A Cidade*, por exemplo, intitula-se como órgão oficial das Prefeituras de Votuporanga, Parisi, Cardoso, Álvares Florence e Américo de Campos, que empregam suas páginas para as publicações de atos do executivo e legislativo. Também o poder judiciário utiliza as páginas dos jornais locais para as publicações dos seus atos e, na maioria das vezes, sem o compromisso de qualquer pagamento pelo espaço.

Para alguns dirigentes de jornais, o fato de assumir a publicação oficial das prefeituras pode render também um comprometimento político com os dirigentes do município. Nesse contexto, a direção do jornal *A Cidade* tem se preservado nos seus contratos, deixando claro que o fato de assumir a publicação oficial não compromete a sua linha editorial de independência e defesa do interesse coletivo da comunidade.

2.2.1 A cidade de Votuporanga

De acordo com o conhecimento midiático regionalmente identificado por Marques de Mello, sem perder a perspectiva de território nacional a partir do qual está referenciado e o espaço global em cuja órbita pode estar circulando, Votuporanga é definida como mini-região, “àquela que o agrupamento corresponde à menor unidade político-administrativo do território nacional”. O município apresenta-se hoje com uma população estimada em 90 mil habitantes, tendo como base de sua economia a produção agrícola e pecuária, e um respeitado pólo industrial moveleiro que chegou a ser classificado como o quarto maior do país. A cidade tem ainda uma crescente indústria de confecções, que também começa a despontar no mercado brasileiro. O seu comércio é sólido, com grandes lojas de magazine, e uma estrutura bancária de 10 estabelecimentos. Na área educacional, a

cidade conta com a rede de ensino municipal, estadual e particular. Possui uma escola técnica agrícola e escolas profissionalizantes como o Senac, Senai e Cebrac. No campo do ensino profissionalizante, o ponto alto é a instalação do CEMAD, conhecida como a escola da madeira, que capacita profissionais para a indústria moveleira. O CEMAD é mantido pelo Senai e por órgãos do governo do Estado e da União. Trata-se de uma escola modelo e apenas duas unidades estão instalados no Brasil. A cidade conta ainda com o Centro Universitário – Unifev, mantido por uma Fundação Educacional sem fins lucrativos e cuja renda é empregada na própria estrutura da escola. Atualmente são oferecidos 31 cursos para uma população de oito mil universitários. Uma outra faculdade instalada no município é a Reges – Faculdade de Ciências Gerenciais de Votuporanga – que mantém quatro cursos no setor de administração.

Fundada em oito de agosto de 1937, comemorando, portanto, 71 anos em 2008, Votuporanga conta com dois jornais diários, quatro emissoras de rádio AM e FM, um canal de tevê educativa, além de uma revista mensal. Para alguns observadores, Votuporanga está acima da média, com relação à mídia impressa. Os dois jornais diários da cidade superam em tiragem todos os jornais da região e da grande imprensa que são distribuídos no município. Calcula-se que a imprensa local abrange, em sua totalidade, oito mil exemplares só para assinantes. Se considerarmos a leitura mínima de quatro pessoas por exemplar, podemos calcular que 32 mil pessoas lêem jornal todos os dias em Votuporanga, ou seja, praticamente um terço de sua população.

2.3 O jornal *A Cidade* enquanto mídia regional/local

Depois de conhecido o atual objeto de estudo, é fundamental relacionar e entender o porquê de o jornal *A Cidade* de Votuporanga encaixar-se nos conceitos de mídia regional/local, já que está ligado às tendências políticas e também culturais de determinadas regiões. Regionalizar é um movimento de inserção e demanda arranjos produtivos que reflitam a necessidade de, além de representar necessidades regionais, desenhar também a geografia do mercado, atendendo a um só tempo produtor e consumidor de bens materiais aos simbólicos, da informação jornalística ao entretenimento.

A diversidade de tipos de mídia regional/local mostra que cada um articula-se a um projeto editorial específico e é com eles que vai revelar suas estratégias de inserção regional. Gabriel Ringlet (apud PERUZZO, 2002, p.77) classificou a inserção regional em “verdadeiramente local”, “semi-local”, “local-comprometido” e o “falso local”. De acordo com as denominações apresentadas, o jornal *A Cidade* encaixa-se no “verdadeiro local”, uma vez que a política editorial varia do popular sensacionalista a características de sobriedade, com ênfase em notícias locais de caráter cultural, político, econômico, entre outros.

Cicília Peruzzo (2003) faz questão de ressaltar a importância da mídia regional e local ao afirmar que, por mais que se tentasse excluí-la, nos últimos tempos, houve uma revalorização e consolidação da mesma em diferentes contextos e sob múltiplas formas.

No contexto da acelerada globalização das comunicações, o mundo assiste à revitalização das mídias locais e regionais. É uma forma de explicar que os cidadãos reivindicam o direito à diferença. Apreciam as vantagens da globalização, mas também querem ver as coisas do seu lugar, da sua história e da sua cultura expressas nos meios de comunicação ao seu alcance (PERUZZO, 2003, p. 667).

Isso tanto é verdade que jornais de circulação nacional como *Folha de S. Paulo* e o *Jornal do Brasil*, apesar de terem suas editorias divididas em política, economia, polícia, entre outras, destinam grande parte do seu espaço para assuntos de cidades-pólos e aproveitam estas páginas para inserir anúncios publicitários captados nas determinadas regiões, ou seja, Peruzzo (2003) admite que o interesse da grande mídia pelo local, a princípio, é mais pelo seu lado mercadológico do que pela produção de matérias daquelas regiões.

O curioso é que a linha editorial do jornal *A Cidade* não segue estes parâmetros. Apesar do impresso circular nas cidades da região, os anúncios publicitários são todos locais. Uma das explicações é que o comércio de Votuporanga é o centro de compras da região, por isso comerciantes de cidades vizinhas não julgam necessário a divulgação de seus estabelecimentos. Além de notícias de repercussão nacional, o jornal *A Cidade* também é o Diário Oficial da maioria dos municípios por onde circula, estando aí o vínculo do jornal com as cidades e autoridades da região. Este fato faz com que notícias da região, polêmicas ou não, acabem se tornando interessantes para o jornal.

De acordo com Alain Bourdin (2001), a questão do local define-se como a relação e inter-relação entre diferentes setores da vida em sociedade como o político, o econômico, o jurídico e de convivência social. É interessante pensar que o local, ao mesmo tempo que não permite uma demarcação exata de fronteiras, também carrega o sentido de um espaço determinado de um lugar específico e até mesmo de uma região onde um grupo de pessoas sentem-se inseridas e fazendo parte deste contexto.

Wilson Marini (2005), discute em seu artigo *Jornalismo regional*, o peso das notícias do interior no âmbito nacional. Ele afirma que, muitas vezes, são os jornais do interior que conseguem o grande furo, mas que por circularem apenas em áreas restritas, acabam nunca levando a fama. Como exemplo, o jornalista cita o caso da morte da princesa Diana em 1997, em que jornais da Baixada Santista e do interior de São Paulo como Bauru e Araraquara publicaram a notícia primeiro que a *Folha de S. Paulo*, mas isso jamais foi reconhecido.

O mesmo aconteceu recentemente com uma matéria publicada no jornal *A Cidade*. Trata-se de um fato que ocorreu na cidade de Cosmorama, próxima a Votuporanga, onde um menino foi salvo pelo avô do sufocamento causado por uma cobra sucuri que o estava engolindo. A reportagem foi exclusiva do jornal *A Cidade*, no dia seguinte ao fato. Logo depois, o acontecimento foi noticiado na TV Tem local e uma semana depois, o avô e o menino estavam no *Fantástico* e também apareceram em diversos programas de tevê de âmbito nacional. Assim, Marini (2005) acredita que os jornais regionais e locais também possuem forte representabilidade no âmbito nacional, apenas são ainda pouco reconhecidos.

vizinhança e no desenvolvimento dos meios de comunicação que estão próximos das pessoas que os usam.

A comunidade de que o autor fala, é uma comunidade telúrica, em que seu contexto é a terra, o território, mesmo quando as pessoas dele se afastam fisicamente. Deste modo, o *site* do jornal *A Cidade* encontra na Internet, mas não perde seu caráter regional/local, já que os acessos são de votuporangueses ou pessoas da região de Votuporanga, que estão em outros lugares, mas buscam notícias de sua “terra natal”.

Votuporanga, 18 de Abril de 2008 Edições Anteriores 17 de Abril de 2008

Jornal A Cidade

VOTUPORANGA ONLINE

IBC pode se tornar incubadora de cooperativas

Cidade

Josy Mariano de Sá
josy@acidadevotuporanga.com.br

O complexo do antigo IBC (Instituto Brasileiro do Café), recém-reaberto para abrigar o projeto da Coopervinte (Cooperativa de Catadores...

Principal

- Anote aí
- Local
- Região
- Especial
- Esporte
- Saúde
- Geral
- Cidade
- Polícia

A Cidade Arte

- Variedades
- Social

- Página Principal
- Expediente
- Fale Conosco
- Edição 7382

Unifev formaliza convênio de bolsas com usina

Héilton de Souza
helton@acidadevotuporanga.com.br

A UNP (Usina Noroeste Paulista) e a Unifev (Centro Universitário de Votuporanga) for...

Outras Notícias

- Anote aí**
Anote Aí
- Local**
Unifev formaliza convênio de bolsas com usina
- Região**
Governador do Estado libera recursos para Itacaulal e Sebastianópolis
- Especial**
Assembleia aprova projeto de lei que proíbe cultivo da murta
- Esporte**
São Paulo não pensa em jogar por empate
- Saúde**
Presidente da Anvisa faz palestra hoje na VI Sefarm
- Geral**
Nossa Caixa leiloa 33 terrenos em Votuporanga
- Variedades**
Estreia As Crônicas de Spiderwick
- Cidade**
IBC pode se tornar incubadora de cooperativas
- Polícia**
Iniciada a Operação Tiradentes nas rodovias

Previsão do Tempo

Hoje em Votuporanga

The page you are looking for is no longer available. The page name has been changed, or is temporarily unavailable.

Guia Votuporanga

VOTUPORANGA INTEIRA ESTÁ AQUI!

PUBLICIDADE

Net Ruli
3422-8866

Ligou, Gostou

ASSINE A CIDADE
3422-2890

Serviços Jornal A Cidade

- Horóscopo de hoje.
- Receita de hoje.

Cotações Financeiras

Jornal A Cidade
VOTUPORANGA

Copyright © 2004 - Todos os Direitos Reservados - Jornal A Cidade de Votuporanga

Fonte: www.acidadevotuporanga.com.br

Figura 6 – Site do jornal *A Cidade*

O conceito de vizinhança tem a ver com a noção de proximidade porque a comunicação social regional/local ocorre com a interação das pessoas e, para isso, é necessário que elas estejam próximas. Normalmente, esta proximidade é física e mental.

Quando se discute o desenvolvimento dos meios de comunicação que estão próximos das pessoas que os usam, é preciso tratar de estratégias de comunicação mediada em sociedade, do recurso a meios de comunicação capazes de alcançar muitas pessoas, como o jornal impresso e as características próprias que a imprensa local utiliza para atingir tal expectativa. O jornal *A Cidade*, por exemplo, circula de acordo com as peculiaridades de seus leitores de Votuporanga, pois o impresso apresenta referentes específicos, formas peculiares de contar histórias e particularidades lingüísticas que ocorrem na região de Votuporanga.

2.4 A importância da identidade local em uma era global

Em um mundo globalizado, é necessário desenhar estratégias de comunicação local para manter a identidade em um espaço global. Nesta perspectiva é de fundamental importância o apoio da escola para que os alunos entendam o papel dos meios de comunicação, além de uma redefinição de novas políticas de comunicação capazes de interferir no cenário do terceiro milênio. De acordo com López García (2000) esta redefinição deve focar, principalmente, a informação de proximidade, na qual ocorre a participação da comunidade.

Tanto Peruzzo quanto López García concordam em afirmar que desde o último quarto do século XX, vê-se, claramente, uma revitalização do local, mesmo que com novas características criadas devido à convergência das telecomunicações, informática, entre outros, uma vez que “Las nuevas tecnologías no sólo permitieron la globalización, sino también multiplicaron los espacios locales” (LÓPEZ GARCÍA, 2000, p.12).

Assim, atualmente, muitos processos de comunicação local convertem-se em mundiais por sua difusão, ou seja, hoje há muito mais possibilidades para que a comunicação difunda-se em espaços globais, o que faz com que muitos processos locais sejam, ao mesmo tempo, globais.

O jornal *A Cidade* já pode ser considerado um impresso que já assumiu estas novas estratégias de comunicação global, já que com o seu *site* na Internet, divulga, globalmente, acontecimentos de Votuporanga e região. Os acessos diários são de todos os lugares do mundo, votuporangueses ou pessoas da região, que se atualizam por meio das notícias da região noroeste paulista.

O novo marco da sociedade do terceiro milênio está ligado a valores sociais da informação de proximidade e sua importância para reforçar as raízes de identidade em uma sociedade mais local e global. Assim a comunidade se relacionará com pessoas mais próximas, de um mesmo idioma, que divide uma mesma realidade e identidade local.

Este olhar para o local revela um processo de retorno em uma época em que tanta gente quer viver em um mundo de raízes, com história, em um lugar e tempo determinados. Como exemplo disso, pode-se citar a preferência dos leitores do jornal *A Cidade* pela coluna *Túnel do Tempo*, publicada aos domingos.

Toda semana chegam à Redação fotos e mais fotos dos anos 50, 60, 70 e 80, de arquivos pessoais dos leitores. Eles têm prazer em ver publicadas fotografias de velhos tempos, de álbuns de casamentos, formatura das faculdades, antigos bailes de carnaval e até registros históricos da cidade. Os leitores identificam-se com as fotografias e revêem amigos dos velhos tempos, ou seja, eles são participantes da mesma história, num mesmo tempo e local.

Conseqüentemente, o que acontece hoje na cidade, sem dúvida, será lembrado nos próximos anos, com a mesma saudade e até, talvez, pela mesma coluna no impresso, na certeza de que terá materiais mais ricos, uma vez que, nos dias atuais, pode-se contar com recursos audiovisuais e fotográficos altamente modernos.



Jornal A Cidade, 06/04/2008

Figura 7 – Coluna Túnel do Tempo

Entende-se, dessa forma, que a comunicação local está muito relacionada com a vida cotidiana, com a dinamização sócio-cultural e com a necessidade de reafirmar uma personalidade própria frente a outros povos, unidos por muitos sentimentos comuns e pelo desejo de um processo de comunicação que evite uma perda de identidade frente a uma sociedade global.

O cenário midiático atual exige estratégias que combinem as informações macro e micro, ou seja, ao mesmo tempo em que é prioridade matérias de proximidade, não se pode deixar de pensar que esta comunidade também vive globalmente. É por isso que o jornal *A Cidade* apresenta 85% das notícias de Voluporanga e região, 10% das notícias de âmbito nacional e 5% de notícias internacionais, pois com isso, o impresso está ciente de que o local e o global

constituem as duas faces do novo mapa informativo do jornalismo atual e consegue satisfazer completamente a necessidade de seus leitores.



Jornal A Cidade, 9/04/2008

Figura 8 – Matérias locais e regionais



Jornal A Cidade, 18/04/2008

Figura 9 – Matéria nacional



Jornal A Cidade, 07/01/2007

Figura 10 – Conteúdo jornalístico internacional

Assim, o que o jornal *A Cidade* faz hoje é exatamente o que López García (2000, p.17) chama de novas estratégias para o *glocal*:

Los medios locales, sin abandonar su atención a la información de proximidad y a los rasgos de identidad, deberán plantear nuevas alianzas tanto con medios tradicionales como con los nuevos medios. Y, sobre todo, tendrán que aprovechar las posibilidades de producir bienes y servicios que ofrecen las tecnologías actuales, especialmente mediante Internet, para mantener la identidad en una sociedad global.

López García (2000) aponta que, entre as principais estratégias, que os impressos devem usar para sobreviver aos tempos de mundialização, estão: a criação de departamentos de inovação, aposta nas raízes de identidade da sociedade em que atuam, atenção especial para a informação local, de proximidade; uso de talentos e criatividade para se destacar em relação à concorrência e execução de ações de proteção exterior, com o objetivo de defender suas identidades e a de sua sociedade.

O jornal *A Cidade* ainda precisa aprimorar-se em departamentos de inovação e ousar em talento e criatividade dos funcionários para se tornar mais atrativo diante da concorrência. Ele já apresenta ações de proteção exterior como o *site* na Internet, que prioriza informações de proximidade. De maneira geral, o impresso já se enquadra em 50% nas novas políticas de comunicação *glocal*.

Desta forma, os jornais regionais/locais, inclusive o jornal *A Cidade*, seguindo os parâmetros acima já discutidos, assumem um papel fundamental contra os perigos da homogeneização e do pensamento único, já que em suas páginas são publicadas diariamente conteúdos jornalísticos de raízes culturais próprias, falando de seu povo, de sua gente, sem desconsiderar o cenário nacional e o internacional.

2.5 Jornalismo cívico de proximidade: ideal para mídia regional/local

Para Carlos Camponez (2002, p.129) a proximidade não é medida apenas em metros, por isso enfatiza que o indivíduo deve estar preparado para conceber a produção de conteúdos, ainda que esteja longe de sua casa, como algo que aproxima pessoas, que estão distantes de sua terra natal.

Vários são os critérios que classificam determinados meios como mídia regional, entre eles, o de possuir vocação local como intencionalidade e a comunicação interpessoal. Sobre este último conceito, Xosé López García (apud PERUZZO, 2002, p. 81) afirma que:

Quando falamos de comunicação local, falamos, pois, da mediação técnica num lugar em que também é possível a comunicação não mediatizada ou interpessoal. Esta concepção supõe o reconhecimento de uma grande diversidade no mundo local, mas também considera esse espaço, o local, como um espaço indispensável para a participação, tanto que permite a difusão de informações necessária e útil para a ação.

Esta reflexão aplica-se ao dia-a-dia do jornal *A Cidade*, já que o veículo possibilita a ação interpessoal e a vivência dos acontecimentos por parte da comunidade, que contribui diretamente para a formação de cidadãos críticos em relação aos temas de sua comunidade, por meio dos editoriais, artigos, colunas, além das reportagens. Isso é o que Cícilia Peruzzo chama de jornalismo cívico, ou seja, aquele em que o indivíduo/leitor vê, relatado nas páginas do jornal, ocorrências dos fenômenos de um lugar próprio, que lhe conferem a possibilidade de um olhar próprio, profundo e não apenas um olhar panorâmico dos acontecimentos.

Quando se conhece os atores em cena, seus vínculos políticos e intenções; quando se toma parte dos acontecimentos e se conhece suas causas e desdobramentos; quando se discute os assuntos com outras pessoas, torna-se muito mais fácil perceber a omissão ou a manipulação de informações. Esta aí um ótimo para que o meio de comunicação local atue de maneira responsável e ética se pretende desfrutar da credibilidade local (PERUZZO, ano, p.82).

Acredita-se que o jornal *A Cidade* seja um jornal que pratica o jornalismo cívico porque se preocupa com a coletividade e também em favorecer o debate público com o intuito de ajudar a comunidade a se conhecer e agir pela cidadania, por isso, é conhecido na cidade como um jornal popular e polêmico.

Assim, o jornal *A Cidade* pode ser um exemplo de mídia regional/local de jornalismo cívico de proximidade, pois apesar de se situar no interior, tenta romper, na medida do possível, o comprometimento com segmentos políticos e econômicos para priorizar a coletividade, pautando-se pela ética e pela informação de interesse público.

2.6 Mídia regional: uma questão de fronteiras

Diante do revigoramento da mídia local no contexto da globalização e com o crescimento dos estudos sobre o “local” em meados dos anos 90, as noções de mídia local, regional e nacional entrelaçam-se e só podem ser compreendidas por meio de supostos aspectos, sendo o primeiro o de quebra de fronteiras.

Fronteiras devem ser entendidas aqui, não apenas como geográficas e territoriais, mas também fronteiras de base cultural, ideológica, idiomática, de identidades históricas, de familiaridade, de circulação das informações.

Quando se trata de mídia de proximidade, os termos regional e local misturam-se, já que ambos somente podem ser compreendidos se houver uma relação de um com o outro.

O local e o regional só podem ser compreendidos na relação de um com o outro, ou deles com outras dimensões espaciais, como o nacional e o global. Há elementos culturais, sociais, políticos e econômicos que se interconectam. Há elementos em comum, mas também aqueles que são distintos (PERUZZO, 2003, p. 67-68).

Assim chega-se ao aspecto da relação global-local, fato que permite concluir que as forças globalizadas não têm o poder de sufocar as sociedades e as culturas nos níveis nacional e local. A realidade mostra que o local e o global fazem parte de uma mesma esfera, na qual vão coincidindo e se inter-relacionando um com o outro, simultaneamente. Ao mesmo tempo não se pode esquecer que o local tem suas especificidades, já que com ele conseguimos ver, tocar, aprender e compreender. “Sem dúvida, é desde os espaços locais que se definem os contornos da vida diária, onde se constrói a personalidade social e onde se faz a aprendizagem social” (LÓPEZ GARCÍA, 1999, p.127).

Para Milton Santos (2002 apud PERUZZO, 2002, p. 69) “a localidade se opõe à globalidade, mas também se confunde com ela, ou seja, o global precisa se tornar local para se realizar. Afinal, o ato de consumir é local. A indústria de tênis da marca x só aumenta seu faturamento se o calçado for consumido aqui e ali, em localidades concretas”

A valorização dos meios de comunicação em nível local acontece justamente no auge do processo de globalização. Stuart Hall (1998, p. 94) mostra como a

globalização leva a um fortalecimento de identidades locais e não à sua destruição. Nas palavras de Manuel Castels (2000, p. 85):

quando o mundo se torna grande demais para ser controlado, os atores sociais passam a ter como objetivo fazê-lo retornar ao tamanho compatível com o que podem conceber. Quando as redes dissolvem o tempo e o espaço, as pessoas se agarram a espaços físicos, recorrendo à sua memória histórica.

De maneira geral, entende-se por mídia local aquela em que a informação é gerada dentro do território de pertença e de identidade em uma dada localidade ou região, mas ela não é monolítica, ou seja, sua auto-afirmação como empresa depende da sua política editorial. Dessa forma, o seu caráter local não se desvincula da sua vocação pelo nacional e o veículo de comunicação só se torna de caráter regional devido a estratégias de ampliação do mercado.

Este é o caso do jornal *A Cidade* porque é considerado como mídia regional por circular em várias cidades da região. Contudo, priorizam-se conteúdos locais, de Votuporanga, sem se esquecer das informações relevantes de caráter nacional, principalmente acontecimentos relacionados à política. O que se nota é que a empresa tomou caráter regional justamente para ampliar o mercado de negócios, pois busca ser o *Diário Oficial* das prefeituras da região, aumentando assim seus lucros financeiros e expandindo-se na região, já que com editais das prefeituras, aumenta-se o número da tiragem diária e conseqüentemente, ganham-se novos assinantes.

O jornal *A Cidade* enquadra-se na definição de Jean-Marie Launay (apud CAMPONEZ, 2002, p.110), o qual afirma que

quem diz imprensa regional, diz informação local. É, de resto, nesta ligação conceitual entre a sua localização territorial e a territorialização dos seus conteúdos que a imprensa regional e local constrói a sua razão de ser, a sua especificidade e a sua força.

O conceito de comunicação social regional e local não aborda as comunidades fisicamente desterritorializadas, como aquelas que se formam no ciberespaço ou no mundo global. Pelo contrário, a comunicação social regional e local é justamente aquela que se justifica por delimitar territórios, espaço físico, área geográfica, aquela que se preocupa com a vida cotidiana da comunidade em que se insere, com a área comercial, com a dinamização sócio-cultural comunitária.

Assim, o jornal *A Cidade* assume esta identidade regional, pois trata de questões que remetem tanto a produções de matérias jornalísticas de interesse da comunidade como também atua como veículo de comunicação na esfera do mercado rentável, preocupando-se também em investir em tecnologia e recursos humanos para profissionalizar o mercado regional.

2.7 O meio impresso regional/local: suas características e peculiaridades

Os meios de comunicação local apresentam características próprias que se destacam frente aos fatos de cenário nacional. O jornal impresso, por exemplo, consegue mostrar de maneira mais clara situações da vida de determinadas regiões, municípios, vilas, bairros, zonas, entre outras. O leitor depara-se diariamente com a proximidade da informação, uma vez que as pessoas acompanham os acontecimentos de forma direta, pela vivência ou presença pessoal e isto possibilita uma versão midiática dos fatos.

O jornal *A Cidade* apresenta este perfil. É comum leitores ligarem à redação para discutir, sugerir ou opinar sobre determinadas matérias. Muitas vezes, o jornal é o elo entre a comunidade e as autoridades locais. O caso mais recente foi a conquista, por parte do jornal ao lado de moradores do bairro Pozzobon, numa rotatória que liga o centro da cidade com a zona norte, um local onde havia grande número de acidentes, fosse fiscalizado diariamente por policiais militares.

A matéria jornalística surgiu depois de um grave acidente envolvendo um menor de 14 anos e a comunidade viu no jornal o ponto de proximidade com as autoridades locais, ou seja, com a Polícia Militar e com o Diretor Municipal de Trânsito. Satisfeitos com a conquista, os mesmos leitores entraram em contato com o jornal para comemorar a vitória.



Jornal A Cidade, 25/01/2007

Figura 11 – Discussão sobre rotatória



Jornal A Cidade, 25/01/2007

Figura 12 – Solução depois de matéria

Além disso, os laços políticos locais também podem ou não interferir no impresso de caráter regional/local. No jornal *A Cidade*, a coluna *Anoto Aí*, que relata com humor os bastidores da política regional, quebra o conceito de que aquele impresso é 100% tendencioso. A coluna é o famoso *Falha Nossa*⁴ em estilo

⁴ Referência ao quadro homônimo do programa *Vídeo Show* da tevê Globo que mostra os erros de gravação nas produções da emissora, como novelas, séries e programas de auditório.

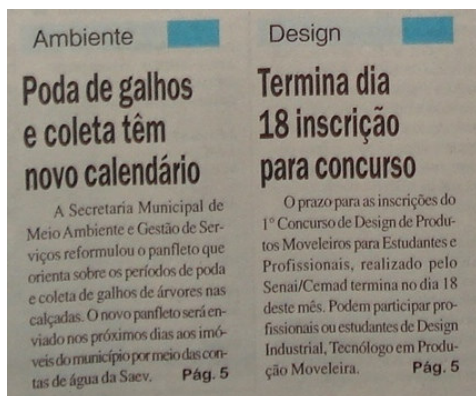
votoporanguense. A própria comunidade já espera ansiosa pelas “gafes” dos políticos que são publicadas diariamente na segunda página.

Em geral, a mídia regional/local apresenta certas características em comum que devem ser lembradas, entre elas que esta mídia costuma abordar conteúdos ligados à comunidade e de promover sua integração local como forma de angariar a credibilidade visando ajudar a consecução dos interesses empresariais. O jornal *A Cidade* opta pela credibilidade, na área social. Procura sempre fazer parcerias com clubes de serviço ou até mesmo com o governo municipal em projetos assistenciais. Assim divulga o nome do jornal tanto para a classe baixa que está sendo favorecida, quanto para a classe média/alta que, geralmente, são os parceiros nos programas.

Em muitos jornais do interior é difícil encontrar um impresso que apresente esta independência. Conforme declara Letícia Costa (2002, p.107), os pequenos jornais do interior necessitam de verbas para sobreviver e, na maioria das vezes, infelizmente, o recurso não vem de anúncios publicitários ou assinaturas, mas sim de políticos com influência na região que, desta forma, acabam manipulando ou informando notícias que os beneficiem.

Outro instrumento bastante usado em jornais de caráter local são os *press-releases* emitidos por assessorias de imprensa dos poderes legislativo, executivo e de empresas privadas. No caso do jornal *A Cidade*, a linha editorial prioriza *releases* da Prefeitura, deputados federais e estaduais da região e empresas como *Coacavo*, *Facchini* e *Unifev* que são grandes anunciantes do impresso. A maioria dos *releases* são publicados na íntegra, alterando-se apenas o *lide* de cada notícia.

De acordo com o editor do jornal, a opção por publicar os *releases*, além de oferecer um atrativo a mais a estes anunciantes, é também informação para os leitores da cidade e região. Segundo o editor, os *releases* passam por uma seleção e só são publicados os que realmente interessam aos leitores do jornal. Mesmo com a publicação de *releases*, o jornal *A Cidade* não perde, de forma alguma, seu caráter de proximidade com o leitor, já que 95% de suas matérias jornalísticas são produzidas pelos próprios jornalistas da redação.



Jornal A Cidade, 6/04/2008

Figura 13 – Releases da prefeitura e SENAI/CEMAD

Quanto ao espaço cedido para publicações de âmbito nacional ou internacional, o jornal *A Cidade* não possui páginas fixas ou cadernos para divulgação diária. Como já mencionado antes, o jornal dá ênfase a matérias jornalísticas locais e regionais e acontecimentos de caráter nacional só ganham espaço no impresso, quando geram muita repercussão, geralmente assuntos relacionados à política, economia e polícia. É importante ressaltar que o jornal *A Cidade* utiliza a *Agência Estado* como fonte de informações para divulgar acontecimentos nacionais e internacionais.

É verdade que a imprensa do interior, incluindo o jornal *A Cidade*, espelham-se em jornais maiores para produzir um bom produto. Os *layouts* são parecidos, os cadernos especiais recebem o mesmo nome e a cobertura jornalística é muito semelhante, sendo que a única diferença é que os conteúdos jornalísticos são de caráter regional e local, contudo os jornais regionais pautam-se pelos grandes impressos e reproduzem, muitas vezes, a mesma matéria com um caráter regional/local. Por isso, cobrir pleitos eleitorais, atos dos poderes públicos, desfalques, assaltos, acidentes, assassinatos são comum a todos os jornais.

Segundo Scharlau Vieira (2002, p.121), o jornalismo praticado no interior luta para ampliar a qualidade de produção e reintroduzir rotinas que aproximem a prática diária dos desejos e reais necessidades da população. O sonho de se tornar grande gera custos, o que é o maior empecilho para seu crescimento. Marini⁵ condena esta atividade de cópia: “Nada contra a solução de querer copiar dos grandes jornais,

⁵ Marini é jornalista e editor do jornal *Folha Regional* de Araçatuba, escreveu os artigos *Somos todos regionais* e *As dez tendências do jornalismo regional* que estão disponíveis pela Internet.

mas se querem mesmo preservar ou desenvolver a identidade regional, poderiam ser mais criativos.”

Vieira (2002) aponta, nos jornais do interior uma aproximação do jornalista com o público receptor. Esse aspecto pode gerar um problema, no início, já que o repórter pode ser pressionado ou receber interferências da fonte. Ao fazer uma cobertura local, conforme a repercussão do texto, o repórter pode ampliar seu prestígio ou complicar seu convívio. Por outro lado, Vieira (2002, p. 21) considera importante o cruzamento entre linguagem e emoção.

Nesta perspectiva, os profissionais que estão mais próximos dos fatos e de suas repercussões podem não só produzir trabalhos mais sintonizados com as demandas sociais, mas também promover um diálogo mais revelador e cidadão. O personagem com quem o repórter falou ontem pode cruzar com ele na rua hoje.

Um fator importante que Wilson Marini valoriza são os colunistas do próprio jornal. Ele afirma que o reinado dos colunistas nacionais acabou e que cada vez mais os colunistas dos jornais do interior são pessoas da própria comunidade e conhecidos por todos. Segundo Marini, “o objetivo dessa aproximação é tornar a relação mais íntima dos autores com os leitores”.

Quando se tratar de um fato de repercussão, o leitor deve ser informado sobre a continuidade dos fatos. Isso é mais intenso no interior, pois, às vezes, por falta de matéria, os jornalistas acabam sempre querendo saber como tal fato terminou. Na capital, a continuidade dos assuntos só acontece com fatos de grande repercussão, tendo em vista a quantidade de matérias que entram em uma redação. Assim, os jornalistas precisam correr contra o tempo e acabam descuidando deste aspecto.

Sair a campo atrás de entrevistas e depois apurar os fatos também resulta em uma boa matéria jornalística. Essa prática é mais fácil no interior e mais barata que na capital. A cidade é menor, gasta-se menos e o contato pessoal gera sempre mais informações. O “olho clínico” do repórter sempre resulta em mais detalhes para as matérias.

Em jornais do interior, é comum o jornalista tornar-se amigo de sua fonte. Noblat (2002, p. 37) pondera que isso é perigoso, pois “Um dia você pode precisar escrever sobre ela [fonte] e se omitir a informação estará deixando de cumprir seu papel profissional”.

Em empresas do interior, o papel do editor-chefe da redação ultrapassa as funções de corrigir e editar matérias. Chaparro (1998, p.48) tece os seguintes comentários a respeito deste assunto:

O editor é uma simbiose de jornalista e gerente. Em escala maior ou menor, administra recursos humanos, tecnológicos e financeiros, com o dever de otimizar resultados, tanto sob o ponto de vista do lucro quanto da qualidade jornalística.

Características como estas são mais visíveis em jornais do interior. O editor de redação, geralmente é uma pessoa só, além de se preocupar com matérias jornalísticas, ele também pensa na rentabilidade das matérias, os lucros que as notícias publicadas trarão para o jornal. Assim, não é exagero nenhum de Chaparro (1998) afirmar que o jornalista é também um gerente, já que seu trabalho não é simplesmente o de coordenar uma redação, mas também fazer com que a empresa dê lucros.

Rossi também comenta sobre a escolha das fontes. Os critérios podem ser se a fonte é amiga do proprietário do jornal ou inimiga, se é anunciante, se é um político ligado à família ou defende interesses do próprio jornal. Se o jornal do interior não dependesse tanto dos anunciantes, poderia condenar esta atitude.

Outro aspecto importante citado por Marshall (2003, p. 41) é que

o processo generalizado de erosão dos paradigmas na era pós-moderna provoca a mutação do conceito de informação. Esta deixa de significar a representação simbólica dos fatos para se apresentar como um produto híbrido que associa ora publicidade, ora entretenimento, ora persuasão, ora consumo.

Assim se faz jornal no Brasil, desde os pequenos até os grandes jornais, a informação é tida como um produto à venda, que para ser comercializada deve chamar a atenção do leitor, convencê-lo em algum aspecto e, mais que isso, o próprio jornal precisa de *marketing* para se tornar conhecido pela maioria da população. De certa forma, os jornais, tanto do interior, como os da capital, preocupam-se com o seu *marketing* empresarial.

Marshall (2003, p. 42) afirma que o processo de mutação dos jornais tem submetido a sociedade a uma dieta de notícias sensacionalistas. Ele afirma que “esse é o caminho mais curto entre a audiência/vendagem e o lucro e tem sido explorado com pequenas variações na maioria dos veículos de comunicação”. Isso é

bem visível nas páginas do jornal *A Cidade*. Quando há acidentes com famílias tradicionais ou casos de repercussão, os diretores da empresa já fazem circular uma boa quantidade a mais de jornais porque sabem que a venda será certa.



Jornal *A Cidade*, 4/01/2007

Figura 14 – Morte de casal



Jornal *A Cidade*, 21/01/2007

Figura 15 – Pai mata filha e menor morre em rotatória

A missão do jornalista de escrever sobre um determinado fato pode levar uma sociedade inteira a pensar como ele quer. Neuman (1973) chama isso de “Espiral do Silêncio”. A maioria das opiniões na sociedade é formada pelo que ela lê, ou seja, a opinião de um determinado jornalista ou linha editorial do jornal é também adotada pelos leitores. Segundo Neuman (1973), isso acaba influenciando maciçamente a sociedade e desencadeando a homogeneização da opinião pública.

Sob este prisma, de acordo com a pesquisa, pode-se perceber que a população sofre forte influência das matérias do jornal *A Cidade*, pois é muito comum a Redação receber ligações de leitores querendo enriquecer as matérias do dia com depoimentos, sempre no intuito de acrescentar algo novo. São poucos os

que ligam para criticar ou questionar a linha editorial do jornal. A maioria procura o impresso para sugerir, comentar ou elogiar notícias já publicadas.

Marshall (2003) declara também que a imprensa conquista, em decorrência, a fama de “quarto poder”, tamanha a sua capacidade de atuar sobre a sociedade. Nos jornais do interior, este aspecto é mais forte. Um jornalista do interior é mais conhecido, pode-se dizer que tem mais prestígio perante a sociedade porque atua em um município de menor porte e este profissional acaba marcando presença na maioria dos eventos locais. Na capital, este profissional também é conhecido, mas não com a intensidade do interior, pois a cidade é maior e é quase impossível que todos conheçam determinado jornalista.

Em conversa informal com alguns leitores, foi possível perceber que os repórteres do jornal *A Cidade* têm o respeito dos moradores da cidade de Votuporanga, são pessoas populares para a comunidade e, muitas vezes, sentem-se cobrados por isso. É comum o jornalista, em momento de lazer, ser questionado por leitores sobre determinadas matérias, ou até mesmo elogiado com honra ao mérito em clubes de serviço. A “fama” votuporanguense nem sempre traz apenas benefícios porque quando o jornalista precisa escrever sobre denúncias ou matérias investigativas, esta proximidade com a fonte faz com que leitores confundam amizade com profissionalismo.

Outra peculiaridade dos jornais do interior refere-se às questões publicitárias. Diferentemente dos grandes veículos de comunicação, os jornais do interior mantêm-se com vultosas verbas publicitárias e vendas de assinaturas, porém muitos sabem da dificuldade em manter edições diárias. Isso tanto é verdade que a grande maioria dos jornais do interior paulista ainda circula com periodicidade semanal, quinzenal e até mensal, de acordo com dados da Associação dos Jornais do Interior do Estado de São Paulo (Adjori).

Como toda empresa inserida no mundo capitalista, os lucros do jornal *A Cidade* vêm, principalmente, da venda de publicidade.

Os grupos de mídias regionais já estão desenvolvendo e consolidando a idéia de empresa, a princípio, de caráter regional, e estão sendo reconhecidos como tal, contudo, ao mesmo tempo estão comprometidos com as produções e conteúdos jornalísticos tanto em nível local quanto global. Estas empresas representam um poder em fase de crescimento e investimentos com a contratação de jornalistas formados e a aquisição de máquinas modernas, que mostram a força desses

impressos no interior paulista. Obviamente que são poucos os que se sustentam neste estágio, porém fortes jornais da mídia regional estão se expandindo cada vez mais, como é o caso da rede *Bom Dia*, do empresário J. Awilla.

Os meios de comunicação exercem grande importância para seus proprietários, principalmente, no que se refere ao prestígio político. No caso do jornal *A Cidade*, o diretor proprietário, João Carlos Andrioli Ferreira, apesar de demonstrar seu gosto pela política, sempre recusou as propostas oferecidas neste meio. Recentemente foi convidado para assessorar o deputado federal João Eduardo Dado e ser chefe de gabinete da prefeitura local. Ele explicou que a linha editorial que traz seu impresso não lhe permite vincular-se às alianças partidárias e nem a órgãos públicos, preferindo ser o mais imparcial possível.

Assim como toda publicação jornalística, o jornal *A Cidade* tem a função de transmitir informações locais, contudo os diretores deparam-se constantemente com situações que exigem um certo esforço e habilidade para que se possa continuar no mercado, sem perder o caráter de um jornal imparcial. Tudo é resolvido na Coluna do *Anote Aí*, na qual, realmente, ninguém questiona nada.

Outra coluna muito comentada no jornal é a coluna social. Há uma grande porcentagem de pessoas que assinam o jornal para publicar sua foto nesta sessão. Como Votuporanga é uma cidade tradicionalista, empresários de classe social média/alta gostam de ser reconhecidos por todos. Levam ao jornal fotos de netos, familiares e apreciam que a cidade saiba sobre a vida deles. Isso gera *status*. Sair na coluna social, em Votuporanga, significa fazer parte de uma sociedade privilegiada. Por isso a redação do jornal *A Cidade* recebe diariamente notas sociais. São informações de pais sobre a aprovação do filho no vestibular, o casamento da melhor amiga, a viagem da família no mês de janeiro, entre outros. Desta maneira, as páginas sociais são um forte atrativo do jornal.

Observa-se que o jornal *A Cidade* apresenta-se como mídia regional/local. É um impresso que aproveita a vitalidade local, ou seja, faz-se jornalismo de uma maneira próxima à vida e aos interesses do cidadão.

O grande diferencial do jornal *A Cidade* é a coluna *Anote Aí*, já que ficou convencionado entre leitores e políticos que este é um espaço inquestionável e aceitável, embora, às vezes, sofra represálias.

O jornal *A Cidade* preocupa-se com a responsabilidade social e a proximidade é extremamente valorizada de acordo com a estratégia editorial do jornal.

Portanto, apesar do interesse ser maior pela disseminação da produção midiática produzida nos grandes centros para todos os cantos do país, hoje agrega-se a tendência de valorizar a regionalização da produção. Neste aspecto, o jornal *A Cidade* tem cumprido seu papel no jornalismo regional, que é o de informar, orientar e entreter, priorizando uma comunidade de proximidade, sem desconsiderar os âmbitos nacionais e internacionais, ou seja, pode ser considerado, perfeitamente, como um jornal *glocal*.

CAPÍTULO III: JORNAL *A CIDADE*: O ANTES E O DEPOIS DE 1995

3.1 O jornal *A Cidade* antes da implantação do curso de Jornalismo

Para melhor análise, no presente capítulo, dividimos os estudos do jornal *A Cidade* em duas fases: antes e depois de 1995 (ano da implantação do curso de Jornalismo no Centro Universitário de Votuporanga).

Na primeira fase, será analisado apenas o desempenho dos profissionais que atuaram no jornal *A Cidade*, entre 1985 e 1995 – antes da implantação da faculdade de Jornalismo em Votuporanga. Para tanto aplicamos o método de entrevista estruturada aos editores que atuaram neste período no veículo em estudo.

A entrevista estruturada, partindo do conceito aplicado às ciências humanas, “é aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas aos indivíduos são predeterminadas” (LAKATOS & MARCONI, 2001, p. 197).

Este tipo de pesquisa foi escolhida por ser o método em que as perguntas são padronizadas e, assim, permitem a comparação entre um conjunto de respostas. Dessa maneira, durante a análise das respostas, busca-se a diferenciação.

Levando-se em consideração que os entrevistados são ex-editores do jornal *A Cidade*, o método estabelece-se como “o que dá oportunidade para a obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais e que sejam relevantes e significativos” (LAKATOS & MARCONI, 2001, p. 198).

A partir da coleta dos dados primários, serão articulados os objetivos de cada questão e, por conseguinte, o desenvolvimento da tabela comparativa, que contribui ao processo de análise dos dados. Abaixo de cada quadro são descritas as interpretações de cada questão analisada.

É somente através dessa fase de elaboração interpretativa dos dados que se pode atingir um padrão de trabalho científico unificado na área de conhecimento da Comunicação. Só esse padrão é capaz de coordenar organicamente teoria e pesquisa, operações técnicas, metodológicas, teóricas e epistemológicas numa única experiência de investigação (LOPES, 2005, p. 152).

Portanto, na elaboração interpretativa dos dados, buscaremos aliar teoria e prática em nossa pesquisa, conforma assinala Maria Immacolata Vassalo Lopes (2005).

Seguem abaixo os resultados obtidos em nossa pesquisa, com intuito de nos aproximarmos da realidade da rotina do jornal *A Cidade*.

3.2 Entrevista com os Editores – Análise dos resultados

A pesquisa com os editores seguiu os fundamentos da entrevista estruturada. O objetivo da pesquisa era: i) conhecer a formação intelectual e a conduta prática do editor; ii) a utilização de técnicas jornalísticas; iii) conhecer a rotina do impresso; e iv) avaliar como o profissional encara a faculdade de jornalismo (vide os tópicos da entrevista, bem como as respostas na íntegra, no Anexo).

Os entrevistados foram os três editores que atuaram no jornal *A Cidade* entre 1985 e 1997. Entre os doze anos, os seguintes editores atuaram no veículo em apreço: de 1985 a 1988 José Carlos Pontes – *Entrevistado 1*, de 1988 a 1989 Antônio Carlos de Camargo – *Entrevistado 2*, de 1993 a 2000 e 2001 a 2004 Sérgio Mantovani - *Entrevistado 3*. A entrevista foi realizada pela Internet no período de cinco de setembro de 2007 a 15 de janeiro de 2008.

Dentre os resultados obtidos com a pesquisa, foi possível traçar um quadro comparativo que mostra os aspectos mais relevantes de cada questão e as respostas dos três editores entrevistados.

A primeira questão: *Em que período e quanto tempo você foi editor(a) no jornal A Cidade?*, destina-se ao levantamento do período de atuação de cada entrevistado, assim:

Primeiro Editor	Segundo editor	Terceiro editor
“De 1985 a 1988. Ajudei a formatar o jornal e fui o primeiro editor.”	“De 1988 a 1989.”	“Fui editor interino em curtos períodos no final dos anos 80 e começo dos anos 90, entre a saída de um editor e chegada de outro. Por volta de 1994, com a saída de Dagmar Azevedo, passei a responder pela editoria [...]”

O primeiro editor trabalhou no jornal *A Cidade* de 1985 a 1988, somando três anos. Ele teve tempo de realizar o trabalho proposto, mesmo porque estavam iniciando o jornal e trocar a equipe naquela época não era uma boa política. Já o outro editor ficou menos tempo na editoria, mas já trabalhava como repórter no jornal antes, ou seja, conhecia a política do jornal *A Cidade*.

O terceiro foi o que ficou mais tempo no cargo. Saiu por um período e depois retornou à empresa. Conhecia a política editorial perfeitamente, foi o editor mais antigo que já passou pelo setor.

A questão dois: *Neste período, você era formado em jornalismo? Se sim, em que faculdade se graduou?* Em comparação com a questão anterior, é possível observar se há algum conhecimento prévio na concepção do fazer jornalístico e ainda, como esse conhecimento foi articulado na rotina do jornal *A Cidade*.

Primeiro Editor	Segundo editor	Terceiro editor
“Eu tinha trancado matrícula quando entrei para o último ano da <i>Faculdade Cásper Líbero</i> , em São Paulo.”	“Não. Na época em que ingressei na profissão havia apenas duas faculdades de jornalismo, uma em São Paulo e a outra em Ribeirão Preto. Fazer faculdade de jornalismo era privilégio de poucos.”	“Não era formado em jornalismo. Trabalhava na redação [do <i>A Cidade</i>] tempos antes da instalação do curso de Comunicação Social da <i>Unifev</i> . Sou formado em Administração de Empresas. Em 2002 consegui o registro

		precário no Ministério do Trabalho como jornalista.”
--	--	--

Nesta análise é interessante observar que apenas o primeiro editor possuía técnicas jornalísticas adquiridas pelo curso de Comunicação Social. Conseqüentemente, os editores seguintes, embora não tivessem a graduação em jornalismo, acabaram seguindo a mesma linha editorial proposta pelo primeiro editor na implantação do jornal. Assim, o jornal *A Cidade* acabou tomando um rumo, ou até, adquirindo uma linha editorial, em conseqüência do conhecimento jornalístico deste primeiro editor.

A questão da profissionalização da categoria por tempo de trabalho também foi polêmica com o terceiro editor, mas o tema será abordado nas próximas questões. O que cabe discutir aqui é que, em 1984, Votuporanga surgia com um novo conceito de jornal, um jornal polêmico, em que as técnicas jornalísticas de quem estudou fizeram a diferença para os leitores votuporanguenses.

Questão três: *Caso a resposta seja não, fale sobre como ingressou no campo jornalístico e se o jornal A Cidade foi seu primeiro contato com o impresso.* Ainda na esfera temática que une as questões seguidas até aqui, esta questão busca o movimento inverso em relação à academia, isto é, o aprendizado pragmático formador do profissional.

Primeiro Editor	Segundo editor	Terceiro editor
“Comecei fazendo <i>free lancer</i> no jornal <i>Última Hora</i> de São Paulo. Depois, quando ainda estava no primeiro ano da faculdade, entrei no jornal <i>A Gazeta Esportiva</i> de São Paulo.”	“Eu comecei a trabalhar em jornal em novembro de 1961 no jornal <i>O Imparcial</i> de Araraquara como redator de esporte.”	“Sempre tive interesse em lidar com comunicação. [...] Em 1983 [...] fui trabalhar com o jornalista Anésio Pelicione [...] no Jornal <i>Folha de Votuporanga</i> . Lá tive o primeiro contato com o impresso e onde tive a certeza do que queria fazer. Comecei como revisor, e ao mesmo tempo escrevia a coluna <i>Tópicos</i> , sobre variedades. Com a desativação da gráfica do jornal, saí da <i>Folha</i>

		e em 1984 entrei no <i>Diário de Votuporanga</i> e em 1986 n´ <i>A Cidade</i> .”
--	--	--

Todos os editores já entraram no jornal *A Cidade* com uma certa experiência no ramo jornalístico, obviamente que o primeiro editor, por ser de São Paulo, teve mais oportunidades e acabou trabalhando em jornais maiores, contudo os outros dois chegaram ao jornal *A Cidade* também com bagagem empírica. O terceiro editor, por exemplo, tempos antes de entrar no jornal *A Cidade*, havia trabalhado no concorrente (*Diário de Votuporanga*), o que facilitou bastante o trabalho da redação, por já conhecer o “esquema” e até as fontes do outro jornal.

A seguir, a temática do questionário passa a abordar a rotina de produção da notícia do jornal *A Cidade*. Na questão quatro, indagamos: *Como era a produção jornalística do jornal A Cidade enquanto você era editor (a)?*

Primeiro Editor	Segundo editor	Terceiro editor
<p>“Muito ruim. O jornal que havia na época era <i>A Vanguarda</i> [o atual <i>Diário de Votuporanga</i>]. [...] O jornal fechava antes das sete da noite. Os repórteres eram abnegados, mas faltava infra-estrutura. Os jornais utilizavam muito a infra-estrutura das emissoras de rádio. Não havia um desenho definido para as páginas. Tudo era feito no dia-a-dia, dando destaque para as matérias importantes e aí se colocava as demais matérias. Não se esqueça que era no chumbo [o que conhecemos por linotipo - uma máquina que funde em bloco cada linha de caracteres tipográficos. A capacidade de produção</p>	<p>“A equipe era pequena, mas havia muita disposição para o trabalho. Não havia especialistas, cada um fazia o que podia, nas diversas áreas, esporte, política, polícia, social etc.”</p>	<p>“Tanto no primeiro como no segundo período a produção jornalística ocorria num processo que podemos considerar como avançado para um jornal desse porte. Todas as segundas-feiras havia reunião da direção com a redação para discussão e avaliação das edições da semana anterior, planejamento das edições especiais, e intenso debate sobre assuntos que poderiam se transformar em pauta. Todos os repórteres eram chamados a opinar, independente do tempo de casa e experiência, e a decisão sobre as pautas e reportagens especiais eram decididas pela maioria e, mesmo que algumas</p>

<p>é de 6.000 a 8.000 toques por hora. Suas matrizes (superfícies impressoras) são em baixo-relevo, justapostas em um componedor (utensílio no qual o tipógrafo vai juntando à mão, um a um, os caracteres que irão formar as linhas de composição). O próprio operador despacha para a fundição, a 270°C.] Não havia <i>off-set</i>. Isso dificultava muito.”</p>		<p>vezes não coincidissem com a opinião do diretor, este respeitava o colegiado.”</p>
--	--	---

Dentro deste quadro comparativo, podemos supor que o jornal *A Cidade* teve grande avanço em sua produção jornalística, além de seu parque gráfico. A máquina de linotipo foi substituída pelo sistema *off-set* em 1994 e, com o decorrer do tempo, houve uma preocupação, por parte dos jornalistas, em aprimorar seus afazeres. Isso é notável quando o terceiro editor relata suas reuniões de pauta e a preocupação em levantar assuntos para se tornarem matérias e reportagens especiais. Os editores anteriores não relatam tal prática, mostrando a ausência dessa atividade em determinado período.

Com as reuniões de pauta, conseqüentemente surgiam novas idéias, a redação refletia unida sobre temas diversos, algo positivo e até inovador para Votuporanga e para o jornal *A Cidade*.

Na questão cinco: *Como era composta a redação? Havia reunião de pautas? Os repórteres eram diplomados?*, pretende-se, por meio da rotina de construção da notícia, recuperar os métodos de identificação, busca e construção das reportagens do jornal.

Primeiro Editor	Segundo editor	Terceiro editor
<p>“Não havia reunião de pauta regular, afinal a equipe era pequena. Mas discutíamos algumas matérias. Havia os setoristas [os jornalistas são divididos e escrevem por</p>	<p>“Havia reunião de pauta, sim. Diplomado em jornalista, que eu me lembre, apenas o Benoni Amaro [atual locutor da Rádio Cidade]. Todos os demais exerciam a</p>	<p>“A redação era composta por um editor, em média três repórteres, um fotógrafo e colunista social. Havia reuniões rápidas de pauta pela manhã. Desde a conclusão da</p>

editorias] que davam conta do recado.”	profissão aprendida na Redação, uma grande escola.”	primeira turma de Comunicação Social da Unifev, o jornal passou a dar prioridade para a contratação de jornalistas diplomados ou estudantes. Mas independente disso o talento era primordial, dessa forma havia na redação pessoas não formadas.”
--	---	---

Mais uma vez, de acordo com a descrição dos editores, pode-se notar um avanço no fazer jornalístico na redação do jornal *A Cidade* de Votuporanga. O primeiro editor afirma que não havia reunião de pautas, já que a equipe era composta por poucos funcionários e as matérias eram divididas por assuntos, assim cada repórter era responsável por três ou quatro editorias.

Já no período do segundo editor, percebe-se que as reuniões de pauta foram implantadas na redação do jornal *A Cidade*, o que mostra uma inovação, mesmo que apenas um repórter tivesse o diploma de jornalismo e este não era o editor na época. O terceiro editor mostra como o jornal *A Cidade* foi tomando seu formato de hoje, de forma gradativa.

Já naquela época, além das reuniões de pauta, a figura do fotógrafo e do colunista social era de extrema importância na redação. O terceiro editor estava no cargo quando surgiu o curso de Comunicação Social em Votuporanga, por isso menciona, em sua entrevista, como o jornal posicionou-se diante da abertura do curso no município. Contudo, este assunto será abordado no próximo capítulo.

Na próxima questão: *Havia uma linha editorial? Qual era?*, busca-se observar a constituição da opinião do veículo, elaborando uma concepção identitária com a comunidade.

Primeiro Editor	Segundo editor	Terceiro editor
“Esse era um grande problema. A direção do jornal era muito cobrada pelas lideranças da cidade. Fui chamado algumas vezes para “aliviar” uma matéria ou	“Os proprietários do jornal não o tinham como fonte de renda. Nenhum deles (eram quatro sócios) tinha qualquer experiência na área. Confiavam nos	“Não havia uma linha editorial definida, de se publicar só isso ou aquilo. A grande marca do jornal era publicar a verdade, defendendo as bandeiras da

<p>outra. Mas, o Jornal <i>A Cidade</i> foi muito ousado para a época e tínhamos a liberdade de fazer o que queríamos. As restrições eram coisas bobas, de cidade provinciana, como, por exemplo, retirar o anúncio de uma menina de programa de São Paulo ou pedir para colocar “Dr.” na frente de alguns nomes da cidade. Coisas que não interferiam na linha editorial. É difícil definir qual a linha editorial, mas tínhamos sempre em mente o benefício para a cidade.”</p>	<p>profissionais e davam total liberdade para ação. O jornal atuava de maneira independente, não se prendendo a interesses institucionais, nem particulares, nem governamentais. Isso dava certa liberdade para agir.”</p>	<p>comunidade. Quando o assunto era grave, e a matéria poderia ter repercussão negativa na comunidade, ou no meio político, havia ponderação, mas sempre com a preocupação de não camuflar a verdade. [...] No meu período, definiria que a linha editorial foi ponderada, porque as notícias sempre eram divulgadas, ainda que não com o destaque que por vezes algumas pessoas achassem que merecia. Muitas vezes fomos criticados por divulgar notícias que contrariavam interesses, mas nunca por omissão.”</p>
---	--	---

O que se entende, nesta comparação entre os três editores, é que há uma linha editorial no jornal *A Cidade* que se pode denominar de “ousada”. Essa foi a proposta inicial desde a abertura do jornal e seguida até os dias de hoje. Como relatam os três editores, o jornal *A Cidade* é conhecido em Votuporanga por noticiar fatos que geram polêmica, principalmente no campo político.

Percebe-se também que os dois primeiros editores eram mais ousados que o terceiro. Este último era mais cauteloso na divulgação das notícias, uma vez que o jornal já era maior, atingira mais prestígio na cidade e gerava outros interesses políticos que poderiam influenciar na parte financeira do impresso.

A questão: *Havia Manuais de Redação? Vocês se baseavam em algum para escrever as notícias do jornal A Cidade?*, refere-se ao emprego de técnicas e a padronização na escrita da notícia.

Primeiro Editor	Segundo editor	Terceiro editor
“Nunca houve qualquer manual, mas nós tínhamos como	“Não, o jornal não possuía Manual de Redação. Consultas	“Não tínhamos um manual próprio, nos baseávamos nos

<p>parâmetro os grandes jornais do país. Isso que falei do “Dr.” é um exemplo. Não colocávamos “Dr.” na frente de nenhum nome. Isso causou um certo desconforto para alguns setores. Criamos uma linguagem, sem manual, mas baseado nos grande jornais.”</p>	<p>eram feitas em manuais como os da <i>Folha de S. Paulo</i> e do <i>Estadão</i>.”</p>	<p>manuais da <i>Folha</i> e do <i>Estadão</i>. O jornalista Fabiano Ângelo Ferreira, quando foi secretário de redação, começou a introduzir um manual, compilando os dos grandes jornais.”</p>
--	---	---

Assim como os demais jornais do interior e de médio ou pequeno porte, é compreensível que o jornal *A Cidade* tenha como referências os manuais de redação da *Folha de S. Paulo* e do *Estadão*. O terceiro editor comenta que houve um jornalista, Fabiano Ferreira (que futuramente também seria editor do jornal) escreveu um manual próprio para o impresso *A Cidade*, pois havia a real necessidade de consulta por parte dos jornalistas e também constavam certos termos regionais de Votuporanga que os outros grandes manuais não traziam.

O manual do jornal *A Cidade* foi usado pelos repórteres até o período em que Fabiano esteve na empresa, sendo abandonado, sem motivos concretos, pelos outros editores que o substituiriam na redação do impresso.

Em outra questão: *Na época era difícil encontrar repórteres qualificados que suprissem as necessidades da empresa neste período?* O questionário passa a abordar uma nova temática, voltada à rotina do editor e se pretende levantar a realidade do corpo de repórteres e os problemas comuns no desempenho da função.

Primeiro Editor	Segundo editor	Terceiro editor
<p>“Era difícil, mas tivemos sorte de encontrar algumas pessoas que escreviam bem [...] Confesso que tínhamos uma boa equipe. Havia alguns repórteres, que não tinham um bom texto, mas eram bons repórteres, então eles traziam as notícias e a gente escrevia [...]</p>	<p>“Sim. [...], todo mundo tinha que entender um pouco de cada assunto, pelo menos. Em jornais de pequeno porte, como sabemos, não há editoriais específicas. O pessoal se vira como pode. Era assim e creio que continua assim.”</p>	<p>“Era difícil. Muitas vezes havia pessoas com talento para entrevista e faro para a notícia, mas na maioria dos casos, péssimos em redação. O que se percebia era a base ruim que tinham na escola, especialmente português. Era mais fácil entregar a eles um gravador e depois</p>

tivemos gente que veio de Rio Preto [São José do Rio Preto – município de 450 mil habitantes que fica a 80 km de Votuporanga].”		transcrever e tratar a matéria. Isso consumia muito tempo, tornando a edição do jornal extremamente lenta [...].”
--	--	---

Pelo que se nota, a dificuldade em encontrar bons jornalistas vem de tempos antigos. Tanto o primeiro quanto o terceiro editor afirmam que os profissionais da época eram bons entrevistadores, contudo péssimos na articulação de textos em Língua Portuguesa. O primeiro admite ter sorte em encontrar uma boa equipe, já o terceiro afirma que, na maioria das vezes, era ele próprio quem fazia as matérias.

Apenas o segundo editor afirmou ter sido fácil encontrar repórteres qualificados no período em que atuou. Segundo ele, o motivo dessa facilidade é que todos sabiam fazer um pouco de tudo e isso facilitava encontrar mão-de-obra qualificada.

De qualquer forma, em um balanço geral, a maioria dos editores afirmou ter dificuldades em encontrar bons profissionais que soubessem tanto “farejar” a notícia quanto saber escrevê-la.

Na questão nove: *Quais os principais problemas que os editores encontravam neste período?*, buscou-se a descrição dos principais problemas dos editores no período de atuação.

Primeiro Editor	Segundo editor	Terceiro editor
“Acho que são problemas como hoje, do dia-a-dia. Não saberia dizer de problemas que não fossem os atuais.”	“A cidade era menor, o campo de cobertura idem. Nem sempre você conseguia ‘achar’ assuntos interessantes para preencher as páginas do jornal. Isso levava ao improviso, estimulava a criatividade, como fator positivo.”	“[...] o maior problema foi com os primeiros jornalistas formados. Eles queriam colocar em prática toda a teoria da faculdade e não se davam conta da realidade dos pequenos jornais do interior. Achavam que logo de início ganhariam o piso da categoria, teriam jornada de 5 horas e não permitiam alterações em seus textos, já que muitas vezes acabavam manifestando a sua

		<p>própria opinião nas matérias. Em relação à comunidade, quando o jornal passou a se adaptar às influências do curso de Comunicação, adotando, por exemplo, nova diagramação, com textos mais curtos, houve certa resistência de leitores mais antigos. Com o tempo, as dificuldades foram superadas.”</p>
--	--	---

De certa forma, o primeiro editor não se lembrou exatamente de problemas específicos ocorridos no período em que esteve na redação, mas não deixou de opinar de forma coerente ao afirmar que as dificuldades ainda continuam as mesmas. Uma delas é apontada pelo segundo editor quanto à não facilidade em encontrar matérias de interesse público para um jornal diário, para uma população de 80 mil habitantes. Obviamente o jornal evoluiu, contudo o problema ainda existe hoje em dia e a maneira que a redação encontra para driblar a falta de assunto é, justamente, recorrer aos boletins de ocorrência e visitas à Prefeitura e Câmara Municipal.

Já o terceiro editor, que esteve na Redação do *A Cidade* antes e depois da abertura do curso de Comunicação Social da *Unifev*, pôde falar ainda mais das mudanças ocorridas e apontou muitas delas como dificuldades. A primeira foi quanto aos alunos graduados, que assumiam seus cargos na Redação do jornal. O editor afirma que ele tinha dificuldade em seguir com seu trabalho, já que os novos jornalistas não aceitavam alterações em seus textos, não seguiam o padrão proposto até então pelo impresso, não sabiam diferenciar jornais do interior dos grandes jornais e cumpriam rigorosamente a jornada de trabalho, atrasando ainda mais o trabalho de quem ficava na edição final.

O editor informa também que uma dificuldade superada foi quanto à mudança de diagramação. Ele garante que o curso de jornalismo na cidade influenciou também na diagramação do jornal e que, de início, houve uma certa resistência por parte dos leitores mais antigos do jornal. No entanto, com o passar do tempo, isto foi se adequando e o jornal tomou um novo formato.

Ainda sobre o tema tratado acima, o intuito da próxima questão é acompanhar as fontes para captação da notícia. Assim, perguntamos: *Como era o processo de captação das notícias? In loco, regional, agência de notícias?*

Primeiro Editor	Segundo editor	Terceiro editor
“[...] naquela época não havia internet e as agências de notícias eram inviáveis pelo tanto que a gente usava [...] a grande maioria das notícias era local. Tínhamos o rádio e a TV como suporte. Sempre ficava um [repórter] até meia noite para ver se não acontecia algo de última hora. Ele tinha a liberdade de derrubar uma matéria da capa e substituir. Tínhamos carros e telefones para as entrevistas e reportagens.”	“Para o noticiário local havia a deslocamento dos repórteres para a cobertura dos eventos ou em busca de informações, na prefeitura, na câmara, nos clubes sociais. O telefone ajudava muito. Hoje você tem a Internet, um manancial constante de informações, de dados para o complemento das notícias. É tudo muito mais fácil.”	“ <i>In loco</i> . No caso de ocorrências policiais, havia um repórter quase que exclusivo, com contato direto com fonte de informações. A qualquer hora do dia ou noite, estava à disposição para cobrir o fato. As notícias políticas tinham como fonte os bastidores da Prefeitura. O Jornal <i>A Cidade</i> foi o primeiro da região a trabalhar com agência de notícias. Através da internet, por volta de 1997, o jornal fez parceria com a <i>Agência Estado</i> , e recebia em tempo real as principais notícias do Brasil e do mundo. Também foi o primeiro a sua versão <i>on-line</i> .”

Como relatam os três editores, o maior foco do jornal *A Cidade* são notícias locais, por isso, desde o seu início, mesmo quase sem recursos, já havia disponível um repórter exclusivo para cobrir notícias de Votuporanga e região. É interessante observar que o seu caráter ousado também é aplicado à tecnologia. De acordo com o terceiro editor, o jornal *A Cidade* foi o primeiro da região a possuir agência de notícias e a trazer seu jornal em versão *on-line*.

A questão 11: *Você tem acesso às páginas do jornal A Cidade hoje em dia? Você acha que a faculdade de jornalismo contribuiu para o crescimento do jornal e para uma melhor elaboração das notícias? Por quê?*, possui duas proposições. A primeira é observar se o entrevistado tem contato com o trabalho desempenhado atualmente pelo jornal e avalia suas transformações em relação ao seu período de

trabalho. A segunda tem como objetivo uma auto-avaliação do trabalho desenvolvido pelo jornalista.

Primeiro Editor	Segundo editor	Terceiro editor
<p>“Acho que todo mundo que passou pelo jornal, contribuiu. Foi legal porque fomos ousados e corajosos. De certa forma, mudamos a maneira de fazer jornal em Votuporanga. O jornal saía todos os dias, inclusive nas segundas-feiras. Isso nunca aconteceu na cidade, somente na nossa época. O fechamento era dez, onze da noite e sempre ficava um plantão. Não podemos nos esquecer que tínhamos o apoio do Luiz Rivoiro [jornalista que trabalhou em Votuporanga nos anos 60 e 70 e como gerente da Rádio 8 de Agosto teve a iniciativa de fundar um outro jornal diário na cidade. O nome <i>A Cidade</i> foi uma criação dele], um grande homem de comunicação que apostava num jornal bem feito. Foi isso que fizemos. Mas, pode ter certeza, o jornalismo de Votuporanga tem duas fases, a anterior e a posterior ao jornal <i>A Cidade</i>.”</p>	<p>“Sou assinante do Jornal. Leio-o todos os dias. A faculdade, de certa forma sim. É claro que o ensino acadêmico ajuda muito. O que vale, porém, é a complementação do aprendizado na redação, no dia-a-dia. É como a residência médica. Diploma não confere, por si só, condições para um bom desempenho. É preciso quebrar a cara para avançar.”</p>	<p>“Continuo tendo acesso ao jornal, tanto impresso quanto <i>on-line</i>. [...] a faculdade contribuiu para a modernização do jornal. Ele está mais próximo em qualidade em relação aos grandes meios de comunicação. [...]”</p>

O primeiro editor não respondeu à pergunta conforme foi solicitado, apenas afirmou que todos que passaram pela redação do jornal *A Cidade*, de certa forma, puderam contribuir para o crescimento do jornal. Já os outros dois editores concordaram que a faculdade de jornalismo influenciou na produção das notícias.

O segundo editor garante que é leitor do jornal e que a faculdade traz uma bagagem teórica ao jornalista. Entretanto, é no dia-a-dia da redação que ele realmente vai completar o seu aprendizado. Já o terceiro editor afirma que as teorias acadêmicas ajudam na modernização da prática jornalística e isso favorece os leitores do jornal *A Cidade* diariamente.

Por fim, o tópico: *Faça uma avaliação, com detalhes, sobre o seu trabalho enquanto editor do jornal A Cidade*, pretende identificar a impressão do entrevistado em relação ao trabalho que foi desempenhando e possíveis contribuições para a profissionalização do veículo.

Primeiro Editor	Segundo editor	Terceiro editor
<p>[...] Tenho orgulho de ter feito parte da equipe do jornal <i>A Cidade</i> porque foi uma das melhores redações que trabalhei. Havia uma amizade muito grande entre todos nós. Isso facilitava muito o nosso trabalho. Além de tudo não havia quem mandava mais. Era uma equipe. Não havia superiores, não havia uma hierarquia na realidade. Havia no papel e de fato, como alguém que se responsabilizava e coordenava as matérias. [por exemplo] [...] Quando o presidente Tancredo Neves morreu todos já tinham ido embora, menos o plantão. Dez minutos depois, todos estavam na redação para refazer o jornal, sem que fosse preciso dar um telefonema para chamar os redatores e repórteres. Sentamos e refizemos o jornal em</p>	<p>“Aprendi, aprendi muito. Votuporanga vivia nessa época uma fase conturbada de sua política. A oposição ao prefeito de então era muito forte, havia restrições a ele partidas de segmentos importantes da cidade. A rejeição pela Câmara do chamado Projeto Cura teve lances dramáticos. A direção da empresa proprietária perfilava com os opositoristas, mas procurava manter a linha editorial de forma imparcial. No plano nacional, o ciclo militar estava acabando e os ares da democracia voltavam a ser respirados. Foi um momento muito rico, de desafios e de experiências extremamente válidas. A faculdade de jornalismo era privilégio de poucos.”</p>	<p>“Sempre dizia aos colegas que o editor era o representante da direção da empresa dentro da Redação. Isso minimizava eventuais contestações sobre o meu trabalho, já que muitas vezes tinha que administrar conflitos entre Redação e departamento comercial. Na maioria dos casos, conseguia convencer repórteres a efetuar coberturas de eventos comerciais, uma vez que em jornais pequenos não há como manter equipes distintas para redação de notícias e comercial. Como editor, tinha pleno conhecimento do pensamento e dos interesses da direção do jornal, mas não deixava de consultá-la sempre que necessário. Do mesmo modo, quando considerava justo, defendia o pleito da Redação junto a</p>

duas horas, já tarde da noite.”		direção. Acredito que o papel do editor numa redação, seja o de um moderador, que busca conciliar o idealismo do repórter com a realidade do jornal, que é um negócio que necessita do lucro para sobreviver.”
---------------------------------	--	--

Os três editores consideram a experiência de ter trabalhado na redação do jornal *A Cidade* como algo positivo. O primeiro editor declara que a união dos colegas de trabalho, na maioria das vezes, facilitava o desempenho e o sucesso das reportagens do impresso. Já o segundo editor confessa ter aprendido bastante com a experiência enquanto esteve no cargo. Ele relata que foi um período difícil, no qual acontecimentos políticos nacionais e municipais surgiam a todo momento, mesmo assim, são períodos que jamais serão esquecidos.

O terceiro editor lembra também do compromisso de editor enquanto representante da direção da empresa jornalística. Ele conta que, muitas vezes, tinha conflitos com os repórteres por defender os interesses financeiros da empresa se estivessem em risco por causa de alguma matéria. Outro freqüente problema era convencer repórteres a cobrirem eventos comerciais, já que a empresa não disponibilizava de muitos recursos para contratação de vários funcionários que pudessem dividir-se em dois setores (redação e departamento comercial).

De modo geral, conforme relataram os entrevistados antes da implantação do curso de Jornalismo, os primeiros editores do jornal *A Cidade* entraram no mercado de trabalho sem a profissionalização da categoria. O curso ainda não existia em Votuporanga e possuir diploma de jornalista era privilégio de poucos.

É interessante ressaltar que mesmo sem experiência acadêmica, os editores que começaram a trabalhar no jornal *A Cidade* já possuíam alguma experiência profissional, ou seja, ainda que com pouco contato e que a maior escola tenha sido o *A Cidade*, eles já haviam passado por outros veículos de Comunicação.

A produção jornalística também era deficitária até 1995, conforme lembra cada um dos entrevistados. Os três editores, por exemplo, lembram que a redação era pequena, tinha como fonte de matéria as notícias de rádio, fechava suas edições ainda muito cedo, por volta das 20 horas, já que todo o trabalho era produzido em

máquinas de linotipo (assim foi até 1994, até que o impresso adquiriu máquinas *off-set*).

Apenas o terceiro editor, que viveu um outro momento do jornal (na transição da implantação do curso de jornalismo no município), pôde desfrutar de uma produção um pouco mais avançada. Nesta época já havia reunião de pautas, planejamento para edições especiais, entre outras vantagens que começaram a surgir depois de 1997 (vale lembrar que o terceiro editor esteve no jornal de 1993 a 2000 e de 2001 a 2004).

Houve uma graduação positiva de editores quanto à profissionalização de jornalistas e reunião para organização de matérias e reportagens especiais. Nos primeiros anos, o jornal não dispunha de mão-de-obra qualificada nem se reuniam para discutir as matérias. Com o passar do tempo, a prática foi se tornando tarefa do dia-a-dia.

Por mais que os editores não conseguissem identificar uma linha editorial para o jornal *A Cidade*, descreveram a opinião do veículo como algo ousado, que relatava fatos que geravam polêmica entre os leitores. Os repórteres também concordaram que abusavam em publicar notícias “populistas” (até então diferenciadas), que agradavam o público leitor.

Todos os entrevistados afirmaram basear-se nos manuais tradicionais de consulta, os da *Folha de S. Paulo* e do *Estadão*. Um editor contou também que houve um período em que se propôs um manual próprio ao jornal *A Cidade* que vigorou apenas por um curto período.

Os antigos editores relataram ainda a dificuldade em encontrar profissionais qualificados para exercer o cargo de repórter em vários momentos do jornal *A Cidade*. Os motivos apontados diversificavam-se, contudo a dificuldade em encontrar jornalistas que possuíssem bom texto e soubessem usar a Língua Portuguesa corretamente foi um apontamento da maioria dos editores.

Antes de 1995, o processo pela captação de notícias era quase que totalmente voltado ao local. As notícias vinham do rádio e da tevê e por repórteres que saíam em campo. Aos poucos foram chegando: a tecnologia, como notícias via fax, mais tarde por Internet, assessorias de imprensa e agências de notícias. As notícias da região também, aos poucos, ganharam cobertura do *A Cidade*.

Lentamente, o jornal *A Cidade* foi crescendo, ganhando prestígio no município e se profissionalizando cada vez mais.

3.3 A Cidade após a implantação do curso de Jornalismo

Cabe, agora, observar se a academia influenciou no mercado regional após 1995, com a implantação do curso de Jornalismo em Votuporanga. Deste modo, procura-se verificar a hipótese de que o curso de jornalismo tenha contribuído para uma melhora do jornalismo impresso em Votuporanga.

Para tanto, foi aplicada a pesquisa estruturada com o mesmo perfil de perguntas realizadas anteriormente com os editores que atuaram no jornal *A Cidade*, antes da implantação do curso. Assim, as questões propostas aos profissionais que trabalharam no veículo de 1985 a 1995 tinham como intuito saber se a produção jornalística, linha editorial, modo de produção, reuniões de pauta, entre outras tarefas foram alteradas devido à profissionalização da categoria.

Nesta parte da pesquisa, foram abordados os quatro editores que passaram pela redação do jornal *A Cidade* de 1996 até os dias atuais: Sérgio Henrique Mantovani – atuou de 1993 a 2000 e de 2001 a 2004, Fabiano Ângelo Ferreira – trabalhou de janeiro a junho de 2000, Vanessa Bortolozo – colaborou de junho de 2000 a outubro de 2001 e José Luiz Pavam – desempenha desde 2004 a função de editor.

Como se pode observar, o editor que passou um maior período no cargo foi Sérgio Henrique Mantovani. Ele estava na editoria quando houve a implantação do curso de jornalismo no Centro Universitário de Votuporanga e acompanhou de perto os primeiros estagiários da faculdade no jornal *A Cidade*. Em vários momentos de sua entrevista, Mantovani menciona as dificuldades em lidar com os primeiros jornalistas e até mesmo com os estagiários do Centro Universitário.

Os depoimentos de Mantovani já foram usados anteriormente, por relatar justamente o momento de transição e implantação do curso em oposição à prática jornalística aplicada no *A Cidade* naquela época. Desta maneira, seu depoimento será confrontado com as entrevistas dos editores Fabiano Ferreira, Vanessa Bortolozo e José Luiz Pavam.

Deste modo, o objetivo é conhecer a formação intelectual e a conduta de cada editor, saber como era a rotina do impresso, avaliar a utilização de técnicas jornalísticas e traçar um paralelo à análise anterior, observando se a prática

jornalística do jornal *A Cidade* sofreu alterações bruscas depois da implantação do curso de jornalismo em Votuporanga.

As entrevistas foram realizadas pela Internet, por meio de mensagens eletrônicas, no período de 25 de janeiro a cinco de fevereiro de 2008. Dentre os resultados obtidos foi possível traçar um quadro comparativo que mostra os aspectos mais importantes de cada questão.

Na primeira questão: *Em que período e quanto tempo você foi editor(a) no jornal A Cidade de Votuporanga?*, pretende-se mostrar quanto tempo cada editor ocupou o cargo.

Editor 1	Editor 2	Editor 3
“Fui editor por um período de seis meses, entre janeiro e junho do ano 2000. Antes disso, porém, eu já ajudava na edição, principalmente nos fechamentos das edições especiais e de domingo.”	“De junho de 2000 a outubro de 2001.”	“De maio de 2004 até esta data.”

É interessante ressaltar que dos quatro editores, os três pesquisados aqui se graduaram após 1995 no *Centro Universitário de Votuporanga*. Dois deles permaneceram pouco tempo no cargo de editor. Fabiano Ferreira, apenas seis meses e Vanessa Bortolozo, pouco mais de um ano.

O atual editor, José Luiz Pavam, ocupa o cargo de editor-chefe do jornal *A Cidade* há quatro anos, contudo, antes disso, trabalhou no *Diário de Votuporanga* por 18 anos. O *Diário* é o segundo jornal da cidade.

Na outra questão: *Neste período, você era formado em jornalismo? Se sim, em que faculdade se graduou?* busca-se conhecer qual a bagagem jornalística que o editor traz para a redação do jornal *A Cidade* e como tal prática é aplicada no dia-a-dia.

Editor 1	Editor 2	Editor 3
“Comecei a trabalhar no jornal no terceiro ano do curso de jornalismo, a convite do jornal, por meio da indicação de	“Sim. No Centro Universitário de Votuporanga.”	“Sim, era formado em Jornalismo, pela Unifev, com pós-graduação em Comunicação e Linguagem.”

professores. Depois que terminei o curso, em dezembro de 1998, continuei a trabalhar até junho de 2000. Minha graduação foi feita na Unifev.”		
---	--	--

Esta questão traz excelentes resultados ao dividir o jornal *A Cidade* em dois períodos: antes e depois de 1995. De acordo com as pesquisas aplicadas, a implantação do curso de jornalismo em Votuporanga incentivou os profissionais do jornal *A Cidade* a buscarem uma especialização da categoria.

Os primeiros editores do impresso (José Carlos Pontes, Antônio Carlos de Camargo, Sérgio Henrique Mantovan), afirmaram em seus depoimentos que “obter graduação de jornalismo naquela época era privilégio de poucos”.

A realidade pós 1995 já era outra. Os três editores que estavam no comando do jornal tinham o diploma de jornalismo e todos conseguiram a titulação no Centro Universitário de Votuporanga, já que com o curso na própria cidade, era mais fácil especializar-se. A prática jornalística do jornal *A Cidade* segue agora, cada vez mais, técnicas aplicáveis à rotina do repórter.

A questão três: *Caso a resposta seja “não” fale como ingressou no campo jornalístico e se o jornal A Cidade foi seu primeiro contato com o impresso.* Com esta pergunta, pretende-se conhecer o perfil de cada editor, levando-se em consideração o campo pragmático e suas experiências de mercado.

Editor 1	Editor 2	Editor 3
Não houve resposta por parte do entrevistado.	“Iniciei no jornal <i>A Cidade</i> em 1996 como telefonista, me apaixonei pela profissão e iniciei a faculdade de jornalismo em 1997.”	“Ingressei no campo jornalístico como jornalista. Fui aprendendo tudo o que havia dentro de um jornal, naquela época ainda muito artesanal, feito com chumbo, nas velhas linotipos. Não foi no jornal <i>A Cidade</i> que tive o primeiro contato com o jornalismo.”

O editor um passou pelo processo inverso aos editores dois e três. Ele primeiro cursou a faculdade de jornalismo até o terceiro ano, aprendeu algumas técnicas, para depois ingressar na redação do jornal *A Cidade* e começar seus primeiros trabalhos como repórter e, mais tarde, como editor.

A segunda editora apaixonou-se pela profissão antes mesmo de saber redigir uma matéria. Começou no jornal *A Cidade* como telefonista e recepcionista e, aos poucos, foi conhecendo a rotina dos repórteres. Matriculou-se na faculdade de jornalismo e logo passou a integrar a equipe de reportagem do jornal.

O terceiro editor é o que mais conhece os processos do impresso. Para chegar a editor do jornal concorrente, necessitou de anos e anos de aprendizado. Foi jornalista, cobrador, linotipista, repórter e editor. Conhece as artimanhas do jornalismo impresso e é um apaixonado pela profissão.

De maneira geral, apenas o terceiro editor veio para o jornal *A Cidade* com experiência de outro emprego. Tal fato mostra o círculo inverso do primeiro período do jornal, no qual todos os antigos editores já haviam tido contato com outras empresas jornalísticas. Os dois primeiros editores posteriores a 1995 iniciaram as carreiras no jornal *A Cidade* de Votuporanga.

A seguir, a pesquisa aborda a questão da produção jornalística, investigando seus editores sobre este assunto. Desta forma, perguntamos: *Como era a produção jornalística do jornal A Cidade enquanto você era editor(a)?*

Editor 1	Editor 2	Editor 3
<p>“A produção era intensa e com poucos repórteres, praticamente todos sem formação na área ou somente como estudantes. Não tínhamos editorias fixas, muito menos repórteres especialistas em determinadas áreas. Havia um direcionamento maior para determinados repórteres em relação a alguns tipos de matérias, mas todos</p>	<p>“Fatos nacionais e locais, períodos, datas especiais contribuíram sempre para o desenvolvimento das pautas. Entrevistas presenciais, via fone, com utilização de gravadores era a maneira que utilizávamos para ‘colher’ informações.”</p>	<p>“Seguimos uma linha editorial ditada, logicamente, pela diretoria. Fazemos um jornal informativo, que aborda questões que se inserem na realidade da cidade. Votuporanga é uma cidade ainda pequena para um jornalismo mais agressivo. Isto poderia trazer conseqüências para o jornal.”</p>

faziam de tudo um pouco quando necessário.”		
---	--	--

Admite-se que a questão possibilita respostas totalmente abertas, mas o objetivo é investigar se em ambos os períodos houve modificações na produção jornalística do jornal *A Cidade* foi alcançado. No primeiro período, com exceção do terceiro editor, os outros afirmaram que a produção ainda deixava a desejar.

Nesta pergunta é interessante ressaltar que nos dois períodos estudados, os editores, tanto Antônio Carlos de Camargo (antes de 1995) quanto Fabiano Ferreira (depois de 1995), deixam clara a questão da polivalência no jornalismo do interior, já discutido em capítulos anteriores por jornalistas e teóricos como Wilson Marini e Tony Vieira, ao afirmarem que nenhum repórter assumia editoria fixa, uma vez que a equipe era reduzida.

Repara-se também que o depoimento do editor três, José Luiz Pavam, contradiz todo o conceito criado pelo editor um, José Carlos Pontes, no período antes de 1995, que tinha como o objetivo criar um jornal polêmico, que ultrapassasse as barreiras da sociedade votuporanguense.

No depoimento de José Luis Pavam (editor três), pôde-se observar que com o crescimento do jornal e sua inserção na política local, o veículo perdeu este perfil ousado proposto pelo grupo de antes, já que hoje as conseqüências de tais posicionamentos podem ser mais drásticas para o impresso.

Pode-se perceber ainda que o editor foi radical em considerar o jornal totalmente informativo, pois, em nossa posição de pesquisador, vemos que o grupo *A Cidade* ainda traz notícias polêmicas para uma cidade tão conservadora como Votuporanga. Portanto, por mais que os tempos sejam outros, a proposta inicial, ainda que sutilmente, continua nas páginas do *A Cidade*, principalmente nas colunas do “Anote Aí” e nas matérias exemplificadas.

Em outra questão: *Como era composta a redação? Havia reunião de pautas? Os repórteres eram diplomados?*, o objetivo é analisar a composição da redação do jornal e sua produção, como eram construídas as reportagens e a identificação dos repórteres frente à empresa.

Editor 1	Editor 2	Editor 3
“A redação tinha três ou	“Sim havia reuniões de	“Sim, há discussão

<p>quatro repórteres, além de uma colunista social. Havia sim reunião de pauta, inclusive ela foi instituída diariamente por mim, pela necessidade de organizar melhor a edição do dia e fazer com que os repórteres se comprometessem mais. Somente um repórter tinha formação acadêmica em jornalismo.”</p>	<p>pautas: semanais e diárias. Não, os repórteres não eram diplomados. Alguns eram estudantes.”</p>	<p>sobre pautas. Discutimos todos os dias o que podemos buscar de diferente. São diplomados sim.”</p>
---	---	---

Com base nas respostas dos entrevistados, é possível observar que houve uma evolução depois de 1995. Se compararmos o primeiro com o segundo período, a evolução do jornal *A Cidade* deu-se em dois aspectos: a) as reuniões de pauta, que em um primeiro momento nem existiam, passaram a ser semanais, num segundo momento, tornaram-se diárias; b) os jornalistas que compõem a redação do jornal *A Cidade*, no momento atual, são todos graduados. Antes eram indivíduos que gostavam de escrever, depois alguns jornalistas misturaram-se com estudantes universitários até que, por fim, o jornal conseguiu a profissionalização de todos os jornalistas.

Além destas principais alterações no quadro de funcionários da redação do jornal *A Cidade*, outros aspectos relevantes podem ser apontados. A direção do impresso via a necessidade de uma coluna social para os leitores. Desde 2004, é o único jornal da região de Votuporanga que possui dois colunistas sociais, cobrindo assim o maior número de eventos e atendendo a demanda necessária exigida por seus leitores.

Na questão seis: *Havia uma linha editorial? Qual era?*, busca-se esclarecer qual a opinião do veículo e como este encara questões e notícias da própria sociedade.

Editor 1	Editor 2	Editor 3
<p>“Não havia uma linha editorial específica ou mesmo fundamentada. No entanto, desde que</p>	<p>“A linha editorial era muito subjetiva. Mas o nosso foco maior sempre foi política e</p>	<p>“Como já disse em resposta anterior, é uma linha editorial amena, mais informativa, porém,</p>

comecei no jornal sempre soube da prioridade a matérias sobre acidentes, que sempre ganhavam foto de capa e manchete.”	polícia.”	com algumas apimentadas, sem entretanto agredir esse ou aquele. O jornal é bem aceito quando abordamos questões que dizem respeito à população, problemas que afetam a população. Contudo notícias de política e polícia sempre são as preferidas do nosso leitor.”
--	-----------	---

Mais uma vez os editores deste segundo período não souberam delimitar uma linha editorial. Contudo, como já vinha acontecendo anteriormente, descreveram uma linha editorial ousada, em que o impresso prioriza reportagens de política e polícia.

Apenas o terceiro editor, José Luiz Pavam, lembrou-se do jornal como um veículo informativo, que se preocupa também com questões que dizem respeito à população local. Ele confessa também que é impossível não noticiar fatos de cunho político e policial. Em sua entrevista, Pavam conta que leitores chegam a ligar para a redação do jornal querendo saber detalhes das notícias que foram publicadas no dia.

Na questão: *Havia Manuais de Redação? Vocês se baseavam em algum para escrever as notícias do jornal A Cidade?*, procura-se conhecer quais as técnicas empregadas pelos repórteres para a produção das notícias.

Editor 1	Editor 2	Editor 3
“Não havia manuais e um dos motivos que me ajudou a ser editor foi ter apresentado um projeto com várias mudanças na produção do jornal, inclusive com a adoção de um manual próprio. Fiz um manual com base em regras dos manuais dos jornais <i>Folha de S.Paulo</i> e <i>O Estado de S.Paulo</i> , adaptando para a nossa realidade na época.	“Não tínhamos um manual específico, porém, consultávamos sempre o Manual da <i>Folha</i> e do <i>Estado</i> .”	“Acompanho o Manual do <i>Estadão</i> . Embora a gente procure “desenvolver” uma cartilha própria, de acordo com cada situação.”

Imprimimos uma meia dúzia e deixávamos na redação para consulta dos repórteres, que deveria obedecer às regras.”		
--	--	--

Nos dois momentos do jornal *A Cidade*, os profissionais procuravam se basear nos manuais dos grandes jornais, como o da *Folha de S. Paulo* e o do *O Estado de S. Paulo*. Após o período de 1995, o editor Fabiano Ferreira⁶ propôs um manual para o jornal *A Cidade*, com base nos outros já citados. No entanto, o projeto deixou de vigorar na redação assim que o editor saiu da empresa.

O terceiro editor, José Luiz Pavam, afirma que se baseia apenas no manual do *Estadão*, mostrando uma linha mais conservadora. Quando questionado sobre o desenvolvimento de cartilha própria, Pavam explicou que procura escrever de uma maneira simples, que atinja os leitores votoporanguenses, levando-se em consideração a cultura local.

Na questão seguinte: *Era difícil encontrar repórteres qualificados que suprissem a necessidade da empresa neste período?*, aborda-se a rotina dos editores e seus principais desafios frente aos seus trabalhos na empresa.

Editor 1	Editor 2	Editor 3
“Não sei se era difícil. Na verdade não dispúnhamos de orçamento para isso. Ou seja, se houvesse disposição em pagar piso de jornalista talvez fosse mais fácil ter profissionais diplomados na redação.”	“No curto período que fiquei na editoria a redação, apesar de não qualificada tecnicamente, eram pessoas que tinham a ‘veia’ jornalística. Era bem bacana!”	“A questão de profissionais ou repórteres qualificados é mais financeira do que qualquer outra coisa. É preciso analisar o que a empresa tem disponível para contratar.”

Nesta parte da entrevista, os editores do primeiro período divergiram em relação aos editores do segundo período. Os profissionais antes de 1995

⁶ A questão sobre o manual de redação produzido para o jornal *A Cidade*, já discutido anteriormente por outro editor, volta a ser comentado aqui, já que o autor do material é o jornalista que concede a entrevista, Fabiano Ferreira, e que fez questão de ressaltar o assunto.

preocuparam-se em relatar a dificuldade em encontrar jornalistas aptos a trabalhar devido a problemas como a deficiência em Língua Portuguesa e faro jornalístico.

Já os editores do segundo período apontaram a questão financeira do jornal *A Cidade* como um ponto fundamental para a contratação de bons profissionais. Tanto o primeiro, Fabiano Ferreira, quanto o terceiro editor, José Luiz Pavam, que levantou tal questão, entendem a situação do jornalismo regional e sabem da dificuldade em manter um jornal diário no interior, mesmo assim a realidade de hoje na redação do *A Cidade* já é muito diferente.

A segunda editora não apresentou problemas quanto à contratação de jornalistas no período em que esteve na redação. De acordo com ela, sua equipe tinha amor pela profissão e isso facilitava muito o seu trabalho.

Na próxima questão: *Quais os principais problemas que os editores encontravam neste período?* busca-se conhecer as dificuldades que os editores enfrentavam em seus períodos de atuação frente à redação do jornal.

Editor 1	Editor 2	Editor 3
<p>“Como editor, meu maior problema era encontrar na equipe o mesmo entusiasmo e comprometimento que eu tinha na época. A maioria se sentia desmotivada, desvalorizada e por aí vai. Instituir normas, reuniões e cobrar dos repórteres gerava desgostos, mas não vejo isso como problema e sim como desafio.”</p>	<p>“Apesar da ‘veia jornalística’ esbarrávamos na falta de técnica de alguns.”</p>	<p>“Vejo muita ciúmeira no conjunto da empresa. Sempre preguei que os “colegas” de trabalho deveriam ser mais amigos. Entretanto, o que percebo é gente querendo puxar a perna do outro. Há muitas fofocas mesquinhas. E isso não é saudável. Percebo muita gente fazendo coisas que não deveriam (por exemplo, visitando o dia todo <i>chats</i> e <i>msn</i>, sem necessidade) [...]. As pessoas deveriam ser mais cordiais, mas não são.”</p>

O editor do primeiro período, antes de 1995, Sérgio Mantovan, levantou uma questão importante em face das suas dificuldades na redação. Ele foi o editor que justamente esteve no cargo durante o período de transição e implantação do curso

de Jornalismo em Votuporanga e acabou deparando-se com os primeiros jornalistas diplomados da Unifev.

Mantovan conta que a graduação dificultava o seu trabalho de editor no sentido de que os recém-formados resistiam às mudanças em seus textos e exigiam horas de jornada de trabalho pelas quais a empresa ainda não podia pagar.

No segundo período os dois primeiros editores mencionaram problemas técnicos jornalísticos e falta de entusiasmo na profissão. O primeiro editor, Fabiano Ferreira, afirma que seu maior desafio era desenvolver em sua equipe uma maneira de trabalho diferenciada, na qual a motivação estava intimamente ligada à profissão. A forma encontrada pelo editor para manter a equipe sempre motivada era realizar reuniões diárias e por meio delas tinha também como cobrar dos repórteres um melhor desempenho.

A segunda editora, Vanessa Bortolozo, confessa que, apesar de ter sua equipe motivada e com muita vontade de trabalhar, às vezes, deparava-se com profissionais que ainda não conheciam muito bem as técnicas jornalísticas, então ela tinha todos os dias trabalho redobrado ao ter de adequar os textos à linha do jornal em si.

O atual editor, José Luiz Pavam, levanta problemas contemporâneos, com os quais até então poucos se preocupavam. As atuais ferramentas de trabalho como *Orkut*, *MSN (messenger)*, *chats*, que são fontes de notícias, podem acabar se tornando ferramentas perigosas nas mãos de pessoas que fazem mau uso delas. É justamente neste sentido que o terceiro editor (José Luiz Pavam) aponta os problemas enfrentados por ele hoje na redação do jornal.

Ele fala ainda da disputa entre os colegas de trabalho dentro da empresa. Neste aspecto, sabe-se claramente que há uma concorrência sadia entre os repórteres e que, de certa forma, tal disputa até enriquece o conteúdo jornalístico do veículo, desde que isso não influencie o dia-a-dia da redação nem o convívio dos colegas no ambiente de trabalho.

Na questão: *Como era o processo de captação das notícias? In loco, regional, agência de notícias?*, procura-se saber como o jornal *A Cidade* é dividido em seu conteúdo jornalístico e como suas matérias são distribuídas nas páginas do impresso.

Editor 1	Editor 2	Editor 3
“Na época fazíamos a maior parte da captação <i>in loco</i> , o que demandava motorista, fotógrafo e outros profissionais envolvidos. Também usávamos agências de notícias para esportes e entretenimento.”	“Utilizávamos todos os meios: <i>in loco</i> , regional, agência “Estado”, rádio, tevê, internet...”	“Privilegiamos notícias locais e que tenham partido da redação. Vamos ao local ou pelo fone. Noticiário de agências somente no que diz respeito a entretenimento, como horóscopo, novelas... ou alguma coisa que realmente mexe com o cotidiano das pessoas.”

É interessante o resultado dos posicionamentos dos editores dentro dos dois períodos do jornal *A Cidade*, pois todas as suas repostas foram exatamente as mesmas: o veículo, desde sua inauguração até os dias de hoje, prioriza notícias locais, em que o repórter sai às ruas para colher a informação, ou no máximo adquire-as pelo telefone.

Os editores afirmaram ainda que usam agências de notícias para enriquecer *A Cidade* com matérias de esporte e entretenimento. A mesma linha é seguida até hoje, cumprindo seu papel de desenvolver um jornalismo local/regional voltado à comunidade votuporanguense.

A pergunta de número 11: *Você tem acesso às páginas do jornal A Cidade hoje em dia? Você acha que a faculdade de jornalismo contribuiu para o crescimento do jornal e para uma melhor elaboração das notícias? Por que?*, tem por objetivo saber se o entrevistado tem acompanhado o trabalho do jornal hoje em dia e avaliar as mudanças em relação ao período em que esteve no veículo, além de opinar sobre a influência do curso de Jornalismo na redação do jornal *A Cidade*.

Editor 1	Editor 2	Editor 3
“Vejo o jornal pelo menos uma vez por semana. Acho que a faculdade de jornalismo foi importante, pois deixou o jornal mais jovem, mais antenado com as tendências na área de comunicação. Não acho que isso colabora para a melhor	“Sim, tenho. Creio que o jornal tenha melhorado sim em sua técnica, porém creio que haja menos comprometimento com a marca ‘A CIDADE’.”	“Sim, a faculdade dá um embasamento para que o repórter possa desenvolver um trabalho melhor, mais elaborado. Poderia ser melhor, porém, o número reduzido de pessoas obriga a uma certa correria que acaba comprometendo um

<p>elaboração das notícias, pois acredito que ainda falta uma postura mais profissional por parte do editor chefe para que a equipe se empenhe mais e seja mais produtiva. Por outro lado, a equipe também precisa de incentivos por meio de pisos da categoria, banco de horas, escalas de plantão etc.”</p>		<p>pouco a qualidade.”</p>
---	--	----------------------------

Os três editores acompanham as edições do jornal *A Cidade* no mínimo uma vez por semana e concordam que o curso de jornalismo, de certa forma, influencia na redação do jornal. O primeiro editor, Fabiano Ferreira, afirma que, com a implantação do curso de jornalismo no município, o jornal acabou aderindo a certas regras, principalmente de diagramação, seguindo parâmetros teóricos propostos pelo curso oferecido pela faculdade. No entanto, Fabiano Ferreira critica a forma de trabalho do terceiro editor, afirmando que este não motiva sua equipe e não traz resultados positivos para a empresa.

A editora dois também detectou esta falha ao afirmar que hoje não se tem mais o comprometimento de antes com a marca “A Cidade”. Ela justifica-se discorrendo que poderia haver maior integração entre a equipe, afirmando que o atual editor deveria motivar os repórteres a “vestirem mais a camisa da empresa”.

O atual editor reclama do número reduzido de funcionários que atua na empresa hoje. A atual redação é composta por ele e mais dois jornalistas formados, além de dois colunistas sociais e um repórter fotográfico. De acordo com levantamento bibliográfico e informações do Departamento Pessoal da empresa, a redação sempre girou em torno de seis ou sete pessoas atuando neste setor.

Na questão: *Você acredita que, por meio de seu trabalho, contribuiu de forma positiva para o crescimento do jornal A Cidade? Por que?*, pretende-se realizar um balanço do período dos editores na redação do jornal e como este profissional contribuiu para a profissionalização do veículo.

Editor 1	Editor 2	Editor 3
“Sim, com certeza.	“Acredito que sim, pois	“Sim. Acredito e muito.

<p>Acredito que fiz um trabalho positivo. Guardo até hoje grande parte das edições e às vezes até releio meus textos ou analiso jornais que editei. Acho uma pena que coisas que adotei na época em que fui editor foram abandonadas depois, como o manual de redação, por exemplo, e a avaliação dos textos (eu corrigia todos no papel e mostrava os problemas para os repórteres).”</p>	<p>recém-formada, pude incentivar o estudo dos novos profissionais e profissionalizar a redação.”</p>	<p>Percebi que houve uma grande mudança. É claro que não é um trabalho só meu, mas de toda equipe. O jornal tem uma boa aceitação e o comentário pela cidade toda mostra isso.”</p>
--	---	---

Todos os editores afirmam que contribuíram para o crescimento do jornal. O editor um, Fabiano Ferreira, relembra de suas inovações como as correções dos textos junto aos repórteres, além do manual de redação que elaborou, específico para o uso do jornal *A Cidade*. Ele lamenta que grande parte de seu trabalho já tenha sido abandonado por futuros editores, mas se considera realizado por ter feito um bom trabalho na empresa.

A editora dois, Vanessa Bortolozo, conta que assumiu o cargo pouco tempo depois de ter se graduado na faculdade. Foi uma experiência inédita e um aprendizado coletivo. Ela afirma que incentivava os colegas de redação a se especializarem na profissão e, conseqüentemente, isso também melhorava a produção jornalística do jornal *A Cidade*.

O terceiro editor, José Luiz Pavam, também afirma que sua passagem pela redação do jornal *A Cidade* trouxe mudanças para o veículo. Entre estas mudanças, ele menciona os furos jornalísticos no setor da política. Devido a sua forte integração com vereadores e amigos da Câmara Municipal, a coluna *Anote Aí* tem sido mais apimentada nestes últimos tempos. Com isso, o jornal tem conseguido um maior número de assinantes e crescido na cidade.

Na última questão: *Faça uma avaliação, com detalhes, sobre seu trabalho enquanto editor(a) no jornal A Cidade*, a pesquisa procurou destacar a auto-avaliação dos editores sobre seus trabalhos executados no veículo.

Editor 1	Editor 2	Editor 3
<p>“Como já disse, considero ter feito um bom trabalho. O jornal confiou em mim e me deu oportunidade para fazer mudanças. Essa é uma característica forte do jornal <i>A Cidade</i>, por meio do senhor João Carlos. O ponto positivo é que ele dá abertura para quem tem vontade de trabalhar e inovar. Então por isso fiquei muito satisfeito e trago até hoje no meu currículo a marcação sobre minha passagem pelo jornal. Agora, oito anos depois, também sou editor e devo muito da minha agilidade e visão à experiência que vivi durante três anos e meio no Jornal <i>A Cidade</i>.”</p>	<p>“O meu tempo em que era editora do jornal <i>A Cidade</i> foi um grande aprendizado pra mim. Lá pude me deparar por diversas situações éticas que me fez avaliar de diversas maneiras a mesma notícia.</p> <p>Meu papel além de manter a equipe motivada para a ‘busca’ da notícia era ainda passar o que tive a oportunidade de aprender na teoria, no período da Faculdade.”</p>	<p>“[...] Acredito que poderia ser melhor se tivesse mais tempo para “editar” de fato TODAS as matérias, corrigir erros infantis de português, como tenho visto. Mas tenho que dividir meu tempo em ser também repórter. O acúmulo acaba comprometendo. Mas, no cômputo geral, acredito que tenho contribuído para fazer um bom jornal, à altura de Votuporanga.”</p>

O primeiro editor, Fabiano Ferreira, avaliou seu trabalho de forma positiva, afirmou que o jornal e seus diretores sempre o incentivaram a desafios e mudanças e com isso ele pôde crescer profissionalmente. Depois do jornal *A Cidade*, Fabiano Ferreira trabalha como editor do caderno de *Artes e Cultura* do *Diário da Região* da cidade de São José do Rio Preto, além disso, também se tornou professor universitário das disciplinas de jornalismo impresso e jornalismo *on line* do curso de Jornalismo da Unifev.

A editora dois, Vanessa Bortolozo, também se sente satisfeita com seu período de editoria no jornal *A Cidade* de Votuporanga. Ela afirma que seu maior desafio no cargo era o de manter sempre a equipe motivada. A editora disse ainda que durante seu período de trabalho no veículo teve a oportunidade de aplicar na prática toda a teoria aprendida na faculdade, mostrando, mais uma vez, como o curso influenciou os profissionais em suas carreiras.

Já o terceiro editor, José Luiz Pavam, revela que poderia se dedicar melhor ao seu papel como editor. Ele conta que, muitas vezes, acaba tendo que escrever

algumas matérias para ajudar os colegas de redação e não revisa os outros textos dos repórteres, fato que consideramos como grave. Mesmo assim, o editor garante que tem contribuído para a produção de um bom jornal para Votuporanga.

Assim, o capítulo procurou traçar um perfil do jornal *A Cidade*, por meio de entrevistas com seus editores, dividindo-os em dois períodos: antes e depois de 1995, ano em que se iniciou o curso de jornalismo em Votuporanga.

De uma maneira geral, pode-se concluir que a linha editorial do impresso permaneceu a mesma, assim como a captação de matérias que, em sua maioria, continua sendo de cunho local, apenas aumentando seu leque de publicações com notícias e reportagens regionais, nacionais e internacionais.

O perfil dos editores alterou-se relativamente e com ele o modo de se fazer jornalismo. A paixão pelo jornalismo e a busca constante por boas histórias que se observavam nos funcionários do impresso antigamente, hoje são substituídas pela técnica jornalística e também por questões salariais, conforme nos foi relatado nas entrevistas transcritas acima.

No quarto capítulo de nossa dissertação, enfocaremos o curso de Jornalismo da cidade de Votuporanga e a sua contribuição para o jornal *A Cidade*.

CAPÍTULO IV: O CURSO DE JORNALISMO EM VOTUPORANGA

O curso de jornalismo em Votuporanga teve início em março de 1995, 48 anos depois da implantação da primeira faculdade de Jornalismo no Brasil, a Fundação Cásper Líbero.

A Unifev – Centro Universitário de Votuporanga tem como mantenedora a Fundação Educacional de Votuporanga (FEV). Começou suas atividades em 30 de abril de 1966, em regime de Autarquia Municipal, e chamava-se Faculdade de Ciências e Letras de Votuporanga (FACLE). A FACLE principiou suas atividades no dia 25 de julho de 1968, oferecendo os cursos de Ciências, Letras e Pedagogia, com 60, 100 e 200 vagas, respectivamente.

A criação da FACLE teve como base uma pesquisa de opinião regional entre os estudantes do ensino médio da época. Os resultados mostravam a necessidade de se criar uma instituição capaz de oferecer continuidade aos estudos, contribuindo para a fixação da população estudantil na própria região. A distância dos cursos superiores também contribuiu para isso porque exigia o deslocamento dos jovens, que em geral não retornavam para a região, absorvidos que eram pelos grandes centros como São Paulo, Araraquara, São Carlos, Rio Claro, Campinas, Ribeirão Preto e São José do Rio Preto.

Paralelo aos acontecimentos educacionais de Votuporanga, em 1964, na ascensão do regime militar, decretava-se “o recesso da produção crítica nas universidades sobre as questões políticas e os conflitos de classe” (MELO, 1998, p. 151).

Um ano mais tarde, o parecer n° 984 instituía um novo currículo para o curso de jornalismo, agora com uma visão funcionalista e empírica da comunicação. Entretanto, não modificava substancialmente o currículo proposto pelo parecer n° 323/62. Um ano depois, surge uma nova regulamentação para os cursos. O currículo estabelecido pela Portaria Ministerial n° 1.238, de quatro de agosto de 1966, baseado no parecer n°. 984/65, almejava seguir o novo projeto de desenvolvimento dos militares para o país e da visão profissionalizante do conhecimento, incluindo as

disciplinas de formação técnica específica, como por exemplo, a fotografia jornalística, a redação e a produção de jornais.

Até aqui, é perceptível a mudança dos cursos de Jornalismo de formação humanística generalista para a formação pragmática, dirigida para diplomação rápida de comunicadores para um mercado em expansão. Esta orientação pragmática da formação é fortemente influenciada pela escola norte americana de comunicação. Talvez isso tenha sido propiciado pela hegemonia dos Estados Unidos no pós-guerra. Em 1969, vigora o decreto-lei 972, que regulamenta a profissão de jornalismo.

No início da década de 1970, a FEV passou a ser mantenedora da Faculdade de Ciências e Letras. Em 1973, os cursos de Letras, Pedagogia e Ciências foram reconhecidos pelo Decreto Federal nº 72.491, de 18 de julho, sendo nesse mesmo ano autorizados os cursos de Ciências Biológicas e Matemática (Licenciatura Plena), reconhecidos pelo Decreto Federal nº 77.994, de 8 de julho de 1976.

Ainda no ano de 1973, em 21 de setembro, a Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas de Votuporanga (FACICA) foi autorizada, oferecendo os cursos de Ciências Contábeis e de Administração, reconhecidos pelo Decreto Federal 79872 de 27 de junho de 1977, reconhecidos pela Portaria de nº 72, de 27 de janeiro de 1988 e 101, de 18 de fevereiro de 1987 respectivamente.

Neste mesmo período, o ensino de jornalismo cresce bastante. Em 1972, já existiam 46 cursos instalados no país, os quais chegariam a 60 no final da década.

Os anos 70 foram marcados pelo questionamento sobre o ensino praticado nas faculdades. O currículo dos cursos de Jornalismo sofreu alterações com o propósito de melhorar a formação de seus alunos:

O amadurecimento do jornalista como profissional de comunicação de massa pode ser explicado no fato de que ele sai dos anos 50 e 60 de uma situação extremamente dependente para situar-se nos anos 70 em uma situação de independência, beneficiado pela melhoria dos padrões profissionais, pela competição, pelos desafios políticos e também por uma mais adequada preparação para o exercício de suas funções (MEDINA, apud BAHIA, 1982, p. 229).

Pode ser que essa situação de independência tenha sido criada pelo esgotamento do regime militar a partir da segunda metade dos anos 70.

Um ponto fundamental é que nesse ambiente são iniciados os primeiros estudos empíricos de comunicação e, por conseguinte, a maturação dos cursos de pós-graduação na área.

O conhecimento empírico sobre os processos midiáticos começa a robustecer-se, assumindo nas décadas de 70 e 80 a fisionomia de um campo específico, situado na fronteira do sistema produtivo (MELO, 1998, p. 11).

A implantação de disciplinas práticas no curso de Jornalismo pelo CFE (Conselho Federal de Educação), baseado nas pesadas críticas dos empresários dos jornais e solicitação dos estudantes de Jornalismo, acontece em 1978. Nesse período, são implantados os projetos experimentais pelo artigo nº 4 da Resolução nº. 003/78.

Com a criação dos projetos experimentais, foi possível as faculdades de comunicação assumirem um maior comprometimento com a realidade e a necessidade do mercado.

A criação dos Projetos Experimentais parece atender não só à necessidade do mercado, ávido pela prática laboratorial dos egressos dos cursos de Comunicação, mas ao apelo dos próprios estudantes que, desde a década de 1950, já reclamavam atividades práticas nas escolas, como registrado nas conclusões do I Encontro Nacional de Escolas de Comunicação, realizado em Salvador, em outubro de 1970 (CARVALHO, 2002, p. 133).

Em 1985, foram autorizados pelo Decreto Federal nº. 90.872, de dois de abril de 1985, o Curso de Geografia e a Habilitação em Química, junto à Faculdade de Ciências e Letras.

Entre o final e meados da década de 80, há uma seqüência de pareceres e resoluções propondo currículos e estruturas para os cursos de Jornalismo, que são os seguintes: parecer 1.203/77, parecer 2/78, Resolução 3/78, e Resolução 02/84. Tais medidas visam conciliar academia e mercado.

Nas décadas de 80 e 90 há uma abertura indiscriminada de cursos de Comunicação pelo país. Isso se dá pelo crescimento da demanda social de diplomados. Nessa época há uma crescente influência dos meios de comunicação na política, na cultura e na vida cotidiana dos brasileiros. Nos anos 90 há um processo de transformação do jornalista em celebridade.

Vale ainda ressaltar que um dos fatores que desencadearam o crescimento dos cursos de comunicação foi a desobrigação do Estado neoliberal em relação ao Ensino Superior e, portanto, à formação dos comunicólogos.

No ano de 1991, teve início na faculdade de Votuporanga o funcionamento do Bacharelado em Geografia, autorizado pelo Conselho Estadual de Educação e, em setembro do mesmo ano, foi aprovada a unificação da Faculdade de Ciências e Letras e da Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas, transformando-as em Faculdades Integradas de Votuporanga (FIV). É importante ressaltar que mesmo modificando o nome, a imprensa local ainda citava em suas matérias o nome de FEV, mantendo o nome de Fundação Educacional de Votuporanga.

Por força do Decreto Federal de 13/2/95 e de 10/2/95, foram autorizados os Cursos de Ciência da Computação e Comunicação Social com Habilitações em Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Radialismo, respectivamente, sendo este último reconhecido pela Portaria do Ministério de Educação e Cultura (MEC) nº. 1528/99.

Por meio do Decreto Federal de 2/12/97 foi credenciado o Centro Universitário de Votuporanga, quando foram autorizados os Cursos de Turismo e Direito. Neste período houve uma campanha intensa da faculdade para alterar o nome da instituição de Fundação para Centro Universitário.

Em função disso, a abreviação da faculdade deixou de ser FEV e passou a ser divulgada como CEUV (Centro Universitário de Votuporanga).

Em 1999, com a autonomia do Centro Universitário, foram criados os Cursos de Arquitetura e Urbanismo, Educação Física, Enfermagem e Obstetrícia, Engenharia da Computação, Farmácia, Fisioterapia, Nutrição, Serviço Social e Tecnologia em Produção Moveleira. Os cursos de Fonoaudiologia e Sistemas de Informação foram implantados no ano de 2000, com base na sua autonomia institucional.

No final de 1999, o curso de Jornalismo passava por uma outra mudança em sua constituição. Foi elaborado o Documento Diretrizes Curriculares para o Curso de Comunicação, pela Comissão de Especialistas de Comunicação (CEECOM). Após encaminhamento ao Conselho Nacional de Educação, foi formalizado em 2001, pelo parecer nº. 492 e por homologação ministerial.

Dessa maneira, houve “liberdade na composição de conteúdos curriculares, pois não existe uma estrutura pré-determinada para o curso, mas sim, parâmetros para a constituição de um currículo, sob a denominação de Diretrizes Curriculares” (ANTONIOLLI, 4).

Em 2002, a Fundação Educacional de Votuporanga tornou-se Centro Universitário, recebendo do MEC autonomia para registrar os diplomas de seus formandos. A partir de então, o Centro Universitário de Votuporanga recebe a denominação de UNIFEV.

Em 26 de novembro de 1994, o jornal *A Cidade*⁷ noticiava sobre o vestibular de verão da FEV e anunciava que a instituição já estava aguardando o resultado da aprovação pelo MEC dos cursos de Comunicação Social e Ciências da Computação, que poderia sair ainda em dezembro daquele ano.

A manchete “MEC homologa os novos cursos da Fundação” do jornal *A Cidade*, de 18 de dezembro de 1994, trazia boas notícias à população da cidade. A Comissão Especial do MEC tinha aprovado no dia 15, na quinta-feira à noite, em

⁷ Toda a pesquisa bibliográfica para levantamento histórico da aprovação do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Rádio e Televisão do Centro Universitário de Votuporanga foi retirada do acervo do jornal *A Cidade* dos anos de 1994, 1995, 1997, 1999 e 2000, anos em que as matérias sobre o curso, sua aprovação, seu reconhecimento frente ao MEC, suas avaliações e índices de aproveitamento foram mais noticiados por este impresso. Além disso, algumas informações de relevância também foram extraídas do portal da Unifev (www.unifev.edu.br).

Brasília, o curso de Ciências da Computação. A portaria dependia apenas da assinatura do então presidente da república, Itamar Franco, mas o curso já entraria nos vestibulares de verão de 1995.

As informações chegaram por telefone, conforme se comprova na reportagem do jornal *A Cidade*, pelo então diretor executivo da FEV, Vanderlei Passoni, que acompanhava em Brasília as reuniões da Comissão Especial do MEC. De acordo com Passoni, o curso de Comunicação Social só não foi aprovado porque um conselheiro teve que se retirar do plenário e não houve “quorum”.

Na matéria, o diretor executivo afirma que esse processo para a aprovação do curso de Comunicação Social tem a mesma base do curso anterior (“o de Ciências da Computação e com certeza também deverá ser homologado no próximo dia 20 de dezembro de 1994, quando a Comissão volta a se reunir. Assim, o curso de Comunicação Social também fará parte dos demais para o processo seletivo de janeiro da Fundação Educacional de Votuporanga”).

Os dois cursos faziam parte de um pacote de dez que seriam autorizados à razão de dois por ano. Todavia, eles estiveram sob ameaça de terem seus processos paralisados porque o então Ministro da Educação, Maurílio Hingel, extinguiu o Conselho Federal justamente quando os cursos estavam em fase final, só dependendo de homologação. Em sua portaria, o ministro alegou que o Conselho Federal de Educação era um balcão de negócios e que dali para frente era preciso fiscalizar melhor os cursos superiores.

A Fundação Educacional de Votuporanga teve então sucessivas reuniões com a Comissão Especial do MEC que foi formada para reestruturar o órgão que iria formar o Conselho Federal de Educação.

Prevaleceu o fato de que os dois processos da FEV (Fundação Educacional de Votuporanga) estavam prontos, a entidade já tinha sido vistoriada e recebido um parecer favorável do órgão que havia sido extinto. Assim, finalmente, a Comissão Especial do MEC ultimou o processo homologando inicialmente o curso de Ciências da Computação.

A expectativa para o curso de Comunicação Social era grande, conforme foi informado por telefone de Brasília. O diretor executivo anunciara que o curso deveria ser aprovado logo na terça-feira, dia 20 de dezembro. A notícia viera apenas no jornal do dia 25 de dezembro de 1994, com o título *Curso de Comunicação Social é aprovado*.

Finalmente, o curso de Comunicação Social foi aprovado pelo Conselho Nacional de Educação, no dia 23 de dezembro, às 10 horas, em Brasília. Na reportagem do impresso, o então presidente da FEV, David Mendonça Pontes, afirmava que estava aguardando a publicação da aprovação, no Diário Oficial, para a inclusão do novo curso nos vestibulares de verão de 1995.

A espera pela autorização do curso também atrasou a rotina da FEV na época. O vestibular de Comunicação Social e Ciências da Computação foi realizado em datas diferenciadas dos outros cursos. O tradicional vestibular aconteceu no dia 29 de janeiro de 1995, enquanto o vestibular especial para os novos cursos aconteceu apenas em 5 de março do mesmo ano .

Ainda na edição do dia 12 de fevereiro de 1995, o jornal *A Cidade* publica as primeiras notícias informando sobre o vestibular dos cursos de Comunicação Social e Ciências da Computação. Na reportagem, o diretor executivo, Vanderlei Passoni, informa que a procura estava sendo grande pelos dois cursos e que a FEV estaria oferecendo 120 vagas para o curso de Comunicação Social no período noturno e 160 vagas para o curso de Ciências da Computação, sendo 80 vagas para o diurno e 80 para o noturno.

Em nota do dia 24 de fevereiro de 1995, o jornal *A Cidade* informa mais uma vez sobre as datas do vestibular, além do fato de que as inscrições iriam até o dia 3 de março e que todos os laboratórios para o curso de Comunicação Social já estariam prontos.

Durante a pesquisa, uma das notas que o jornal *A Cidade* publicou também despertou o nosso interesse. Na véspera da prova, no dia 4 de março de 1995, havia uma notícia informativa com o título *Como será o vestibular de amanhã da Fundação*, que informava aos candidatos não só os horários e o que eles deveriam portar, mas também os orientavam sobre os conteúdos da prova.

Seria um vestibular específico para os cursos, no qual haveria textos dirigidos à área escolhida (Comunicação Social ou Ciências da Computação), com dez questões voltadas ao Jornalismo ou Rádio e TV, ou informática, além das disciplinas tradicionais como Comunicação e Expressão e Estudos Sociais, História, Língua Portuguesa, Inglês, Geografia, Física, Química, Biologia, totalizando 100 questões.

No dia sete de março de 1995, o jornal *A Cidade* publicou o balanço do vestibular especial realizado pela FEV (Fundação Educacional de Votuporanga). Na notícia, a instituição registrou um índice de 4,27% de abstenção e a inscrição de 515

candidatos para as 280 vagas. Das 120 vagas disponíveis para o curso de Comunicação Social, houve apenas 98 inscritos.

A lista dos aprovados na primeira turma do curso de Comunicação Social foi divulgada no jornal *A Cidade*, no dia 8 de março de 1995. Entre os aprovados, três deles já passaram pela redação do jornal em estudo. O atual editor, José Luiz Pavam, foi um destes alunos.

As aulas finalmente iniciaram-se no dia 15 de março de 1995 e foram matriculados para esta primeira turma cerca de 75 alunos. Com o passar dos anos, a procura pelo curso de Comunicação Social aumentou de ano para ano sem ocorrer novidades que fossem noticiadas pela mídia local a não ser as datas dos futuros processos seletivos.

É de fundamental importância ressaltar aqui que este estudo tem como objetivo focar também as contribuições que o curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo proporcionou e proporciona ao jornal *A Cidade*. Conhecer as especificidades e particularidades do curso referido permite-nos estabelecer comparações em relação à profissionalização de repórteres e produções jornalísticas do jornal *A Cidade*, que serão discutidas logo adiante.

Dessa forma, o desempenho do curso, de seus alunos e professores fez toda a diferença. O curso tornou-se um dos mais procurados da região e o resultado deste trabalho veio logo de imediato.

Os primeiros trabalhos de conclusão de curso também foram noticiados pela imprensa local. Eles aconteceram de 25 a 30 de novembro de 1999. Entre os alunos formandos havia três repórteres do jornal *A Cidade*, Yannik D'Elboux, Fabiano Ângelo Ferreira e Elaine Enside. A pesquisa observou aqui os primeiros efeitos do curso de Comunicação na produção e nos profissionais do jornal *A Cidade*. Antes, havia pessoas que vinham de fora, em sua maioria sem graduação alguma. Agora existiam estudantes de jornalismo, com perfil "farejador" de notícias. Em futuras análises, veremos que isso, de certa forma, influenciou no jornal, objeto do nosso estudo.

No mês seguinte aos trabalhos de conclusão, outra boa notícia referente ao curso de Jornalismo do já CEUV (Centro Universitário de Votuporanga) vinha abrir as páginas dos principais jornais locais novamente. No dia 9 de dezembro de 1999, o jornal *A Cidade* publicou a chamada de capa com o seguinte título: *Jornalismo*

recebe A no Provão, informando que o Centro Universitário comemorava sua aprovação com nota máxima junto ao Ministério da Educação.

No dia 11 de dezembro do mesmo ano, uma reportagem especial trazia informações de que o conceito A no provão do MEC colocava o Centro Universitário de Votuporanga entre os melhores do país, ao lado de faculdades como USP e Cásper Líbero. A reportagem afirmava ainda que, em 1998, o curso alcançou o conceito B e que houve um percentual positivo de 20%, segundo dados do próprio Ministro da Educação da época, Paulo Renato Souza.

Na reportagem há uma entrevista com a pró-reitora do Centro Universitário de Votuporanga, Neide Romani Covre, que relata ao jornal que o excelente aproveitamento do curso de Jornalismo tem fatores aliados como o número reduzido de alunos por classe e que dessa forma o alto grau de engajamento entre professores e alunos mostraram os resultados na avaliação do MEC.

Na tabela abaixo, de acordo com o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), segue um relatório sobre a linha evolutiva dos conceitos do curso de jornalismo da Unifev - Centro Universitário de Votuporanga.

Comparando os resultados obtidos, realmente as menores turmas de alunos foram as que tiraram as maiores notas no provão, com exceção da turma do ano de 2000 que era menor que a turma de 1998. De 2002 em diante, o conceito C permaneceu o mesmo e as turmas de alunos aumentaram.

CENTRO UNIVERSITARIO DE VOTUPORANGA (UNIFEV)
CENTROS UNIVERSITARIOS - PRIVADA
JORNALISMO (VOTUPORANGA, SP)

Informações sobre os docentes		Voltar para a instituição			
Provão					
Ano	Conceito	Evolução (%)	Graduandos Presentes	% Respondentes	
2003	C	➔	7,80	37	100,00
2002	C	➔	-9,80	32	100,00
2001	B	➔	1,30	16	100,00
2000	C	⬇	-17,50	19	89,50
1999	A	↗	20,20	10	100,00
1998	B			23	100,00

Percentual de alunos nos grupos delimitados pelos percentis 25, 50 e 75 da distribuição de notas dos graduandos - Brasil				
Ano	P0 - P25	P25 - P50	P50 - P75	P75 - P100
2003	0,00	37,80	32,40	29,70
2002	9,40	46,90	31,30	12,50
2001	0,00	25,00	56,30	18,80
2000	10,50	15,80	26,30	47,40
1999	0,00	10,00	40,00	50,00

Fonte: <http://www.resultadosenc.inep.gov.br/conceito.action?inst=222&cidade=57105&curso=8>

Figura 16 – Evolução das notas do curso de Jornalismo da Unifev junto ao MEC

Tal conceito repercutiu no país todo, tanto que jornais e revistas de âmbito nacional, como a revista *Época*, que reproduziu, em dezembro de 2000, uma matéria especial com o título *Resultados do Provão e do teste das faculdades revelam que empenho dos alunos pode superar falhas da escola e até professores despreparados*.

A matéria demonstra que a infra-estrutura do Centro Universitário foi considerada insatisfatória nas avaliações do MEC, contudo o que fez a diferença para os alunos foi a prática da profissão experimentada nas emissoras universitárias (Rádio e TV Universitária), criadas pela FEV (Fundação Educacional de Votuporanga).

A reportagem afirma ainda que Votuporanga é uma cidade propícia aos veículos de comunicação (dois jornais diários, quatro rádios e revistas mensais) e com a vinda do curso para o município, as redações ficaram tomadas por alunos e formandos da Faculdade de Comunicação do Centro Universitário.

O único entrevistado pela revista *Época* foi Fabiano Ângelo Ferreira, que em 2000 já era editor no jornal *A Cidade* e fez parte desta primeira turma de jornalismo. Ele atribuiu a boa nota do curso também ao desempenho dos professores que, junto aos alunos, procuraram criar um currículo informal, substituindo disciplinas ultrapassadas que estavam no original.

Quanto à coordenação do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Unifev – Centro Universitário de Votuporanga, a ordem cronológica foi a seguinte: de 1995 a 1996 – Celso Falaschi, de 1996 a 1997 – Ângelo Sottovia Aranha, de 1997 a 1999 – Elaine Caramella, de 2000 a 2002 – Paulo César Nápoli e de junho de 2002 aos dias atuais - Ana Paula de Moraes Teixeira.

Todos os coordenadores foram procurados para responder ao questionário estruturado. Entretanto, apenas três dispuseram-se a colaborar com a pesquisa, sendo eles Celso Falaschi, Paulo Nápoli e Ana Paula de Moraes Teixeira.

As entrevistas foram realizadas por *e-mail* no período de cinco de outubro de 2007 a 10 de fevereiro de 2008. Trata-se de questões voltadas à realidade do curso de jornalismo, enquanto estes estiveram na coordenação da Unifev. A pesquisa preocupa-se em analisar qual o perfil do aluno egresso, se o curso é/era voltado ao mercado regional, quais os parâmetros curriculares, sua grade, entre outros aspectos importantes para a formação deste profissional.

A primeira questão: *Quanto tempo você atuou como coordenador do Curso de Jornalismo da Unifev?*, destina-se ao levantamento do período de atuação de cada entrevistado, assim:

Coordenador 1	Coordenador 2	Coordenador 3
“Atuei como consultor, exercendo as funções de coordenador dos cursos de comunicação, por um ano. Nosso objetivo era a produção do projeto didático-pedagógico, que não existe até então, e uma	“Dois anos.”	“De agosto de 2002 até hoje.”

reforma curricular [...].”		
----------------------------	--	--

O primeiro coordenador atuou apenas um ano, exercendo além da função de coordenador, a de consultor de Comunicação. O curso de Jornalismo estava em seu início e naquela época, ele havia trabalhado bastante para o seu reconhecimento. O principal objetivo era formar uma grade curricular que impressionasse a comissão do MEC. De acordo com o entrevistado um, a produção do projeto didático-pedagógico proposto por ele não foi posta em prática até hoje.

Já o coordenador dois ficou no cargo por dois anos, no período de 2000 a junho de 2002. A terceira coordenadora é a que está há mais tempo no curso de Jornalismo da Unifev. Entrou em agosto de 2002 e permanece até hoje (fevereiro de 2008).

A outra questão: *Qual o enfoque dado para a construção da grade curricular? Quais os parâmetros utilizados?*, pretende levantar o enfoque dado ao curso e perfilar o profissional de jornalismo egresso.

Coordenador 1	Coordenador 2	Coordenador 3
“Procuramos atualizar a grade curricular, respeitando as regionalidades, mas introduzindo disciplinas que preparem os alunos para o mercado não só na região, mas em qualquer lugar do Brasil.”	“[...] tínhamos como enfoque a formação intelectual do aluno na compreensão dos contextos comunicacionais e como se relacionar com eles e processá-los junto à comunidade. Tínhamos como base as grades curriculares da PUC, USP e UNESP. Porém, o mercado regional via o curso como um “trampolim” profissional para o mercado de trabalho e não como um curso de formação de habilidades e capacitação profissional.”	“A grade curricular trabalha com três objetivos: um para a formação de repertório cultural, a partir da oferta de disciplinas humanísticas, incluindo nesse rol a necessidade de situar o aluno nas preocupações éticas e de responsabilidade social; outro objetivo que é o de promover a técnica profissional, investindo na capacitação e elaboração dos principais produtos midiáticos e gestão de projetos em comunicação. [...] terceira prioridade do curso que é estimular a iniciação científica, por meio da elaboração de um projeto [...] para

		problemas diagnosticados ou preconizados face aos estudos aprendidos durante o curso.”
--	--	--

Por se tratar de um curso situado no noroeste paulista, houve certa preocupação dos coordenadores em introduzir disciplinas do jornalismo regional na grade curricular, sem deixar de lado as disciplinas básicas de todo curso de Comunicação. A preocupação em formar alunos para o mercado também fazia parte das diretrizes do curso, que oferecia diversos laboratórios de última geração, proporcionando um maior aprendizado.

A coordenadora três afirma que a grade curricular trabalha com três objetivos, sendo o primeiro de formação cultural, oferecendo disciplinas humanísticas, o segundo investindo na capacitação e elaboração de produtos midiáticos e gestão de projetos em comunicação e terceiro, o incentivo à iniciação científica.

Na questão três “*Como eram divididas as disciplinas teóricas e práticas na grade curricular do curso?*” busca-se saber como era constituída a grade curricular e como era dividida a teoria e a prática.

Coordenador 1	Coordenador 2	Coordenador 3
“[...] a idéia foi a de manter as diretrizes curriculares do MEC, com 50% de teóricas e 50% de práticas, mas com um meticuloso trabalho de evitar as sobreposições de conteúdos, que eram comuns na época, tanto nas disciplinas específicas, quanto nas de fundamentação teórico-humanística.”	“Basicamente 50% para cada uma no decorrer dos anos.”	“As disciplinas teóricas e práticas estão distribuídas durante os oito semestres do curso. [...] Em termos de carga horária, a grade do curso tem uma abrangência de disciplinas teóricas; teórico-práticas, e exclusivamente práticas.”

Os coordenadores seguiram o mesmo parâmetro ao afirmar que as disciplinas do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo eram divididas da seguinte forma: metade em disciplinas teóricas e metade em disciplinas práticas, fazendo assim com que o aluno tivesse tanto a base da teoria quanto pudesse

experimentar o conteúdo aprendido por meio de laboratórios com a ajuda de seus professores.

A terceira coordenadora afirma que as disciplinas teóricas e práticas são distribuídas durante os oito semestres e que o foco do curso são disciplinas voltadas a discussões reflexivas de caráter intelectual aplicadas às Ciências da Comunicação com abrangência em disciplinas teóricas, teórico-práticas e exclusivamente práticas.

Com a questão: *Em sua gestão, a grade curricular sofreu mudanças? Qual o motivo?*, o objetivo é observar as alterações da grade na expectativa de se adequar às mudanças externas, como mercado nacional/regional e políticas educacionais.

Coordenador 1	Coordenador 2	Coordenador 3
“Pergunta respondida acima.”	“Sim. Considerávamos que o curso anual deveria ser transformado em semestral, uma vez que algumas disciplinas ficavam muito “arrastadas” em detrimento de outras que poderiam compor o curso, como “História da Arte”, “Antropologia” e “Estética e Comunicação de Massa.”	“[...] Primeiramente, até 2002 a grade curricular contemplava uma estrutura de separação das habilitações do terceiro ano de curso em diante; o que fazia com que os cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Rádio e TV tivessem a mesma estrutura curricular nos dois primeiros anos de curso. [...] Outro desafio da coordenação [...] quando da alteração da grade foi a tentativa de cruzar três mobilizações [...]: a primeira procurou atender às exigências do Ministério quando à produção mínima de comunicações de conteúdos jornalísticos [...]; a segunda, [...] procura adequar a oferta de disciplinas ao que há de mais recente em relação a exigências [...] de avaliação do egresso pelo Ministério (Enade; provão, etc.) [...] a terceira que procura fazer uma união entre as

		diretrizes curriculares, os parâmetros de qualidade para condições de oferta e a regulamentação da profissão [...].”
--	--	--

Sobre as possíveis mudanças do curso de Comunicação Social com habilitação em jornalismo no decorrer de sua existência, o coordenador afirma que propôs desde o início uma grade curricular que fosse dividida entre disciplinas teóricas e práticas.

Já o coordenador explica que em sua gestão a mudança ocorreu quanto à implantação do período semestral. Ele discorre que o curso era anual e foi transformado em semestral, devido a disciplinas modernas que se enquadravam no curso e não poderiam deixar de compor a grade curricular, entre elas História da Arte, Estética e Comunicação de Massa, entre outras.

A terceira coordenadora apontou várias mudanças ocorridas, sendo a primeira delas, a separação das grades de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Rádio e TV desde o início do curso, já que antes, elas se dividiam apenas no terceiro ano. A coordenadora afirma que as alterações foram necessárias por uma série de motivos, entre eles, a dificuldade de se realizar aulas práticas.

Outra mudança apontada por Ana Paula foi também uma exigência do Ministério da Educação, isto é, fazer com que o curso trabalhasse com todas as vertentes da Comunicação (jornal impresso, jornalismo digital, radiojornalismo e telejornalismo). Uma segunda alteração acompanhou a exigência do mercado. De acordo com a coordenadora, o curso procurou adequar a oferta de disciplinas ao que há de mais recente em relação a exigências cada vez mais prementes do mundo globalizado.

A última alteração realizada pela terceira coordenadora diz respeito a diretrizes curriculares, que foram adotadas com o intuito de se fazer com que o curso de jornalismo da Unifev consiga fornecer uma formação de qualidade, mesmo com uma carga horária tão enxuta.

Na próxima questão: *A preocupação com o jornalismo regional foi ou é abordada no curso? De que maneira?*, o objetivo é observar a construção do curso com base na região em que está inserido.

Coordenador 1	Coordenador 2	Coordenador 3
<p>“Eu precisaria rever o projeto pedagógico aprovado na época, mas, por força de mudança de escritório e residência, não tenho como fazer isso no momento. Por isso não posso responder a questão.”</p>	<p>“O Jornalismo Regional sempre foi abordado no curso, mas pouco valorizado pelos alunos por entenderem que temas como “manipulação”, “ingerência” e “falta de ética”, são fatores que muitas vezes os jornalistas locais são sujeitados para não perderem o emprego ou terem chances no mercado. O que muitas vezes não procede.”</p>	<p>“O jornalismo regional é abordado no curso de várias maneiras. [...] o curso pensa na formação de um profissional que poderá atuar em qualquer parte do Brasil, do ponto de vista da competência técnica. Entretanto, um dos objetivos do curso é trabalhar a dialética globalização-regionalização dentro de uma coerência tangível e intelegível ao aluno, principalmente num momento em que os modelos tradicionais de empresas regionais de comunicação vão cada vez mais contra os preceitos discutidos na academia, e encarar a globalização como um elo de expansão profissional talvez seja uma saída plausível também para a saturação das formas convencionais de empregabilidade do jornalista.”</p>

O coordenador um não respondeu à questão justamente por não se lembrar do projeto pedagógico aprovado na época em que esteve no *Centro Universitário de Votuporanga*. Já o coordenador dois afirma que o jornalismo regional sempre foi uma preocupação do curso, contudo pouco valorizado pelos alunos.

De acordo com o depoimento do coordenador dois, ainda há um certo preconceito dos alunos em atuar em mercados da região e acabam confundindo aulas de jornalismo regional com ética no jornalismo ou até jornalismo empresarial. O que se percebe é que, por mais que o coordenador afirme que o jornalismo regional seja abordado no curso, pelo comportamento dos alunos diante de tal questão, nota-se que os mesmos não conhecem ainda tal segmento jornalístico.

A coordenadora três afirma que o jornalismo regional é abordado no curso de Jornalismo da Unifev, mas sempre levando em consideração a questão do global-nacional-regional-local.

Nesta pergunta: *Como era a titulação do corpo docente? Isso influenciou no aprendizado? De qual maneira?*, o objetivo é descobrir como a instituição trabalhou o seu capital intelectual, bem como se a titulação é uma peça importante na construção do aprendizado no curso.

Coordenador 1	Coordenador 2	Coordenador 3
<p>“Quando passei pela Fundação, o corpo docente ainda mantinha alguns professores titulados, mas já havia um movimento de redução de custos e, portanto, a substituição desses por outros recém formados pela instituição. Não tenho como responder a segunda parte da pergunta, pois não houve aplicação de avaliação docente, discente e institucional.”</p>	<p>“O corpo docente estava se formando e criando uma identidade para o curso. A titulação oscilava entre 40 e 50% de mestres, 30% especialistas e o restante de graduados ou profissionais do mercado com experiência comprovada. [...] A mescla dessas experiências foi processada pelos alunos de diversas formas. Alguns aproveitaram o curso como ferramenta profissional, outros aproveitaram intelectualmente e outros, como em toda faculdade de jornalismo, apenas cursaram, mas não aplicaram o curso a suas realidades. O fato é que boa parte dos alunos daquela época estão no mercado de trabalho, tanto como profissionais da imprensa quanto como docentes de comunicação.”</p>	<p>“[...] No curso de jornalismo, há apenas dois professores (de 18) sem titulação, mas que estão em fase final de especialização ou de mestrado. [...] O diferencial da titulação em relação ao processo de ensino-aprendizagem é bastante polêmico, já que vai também do perfil do professor. Porém, pressupõe-se que o aluno possa ter orientações mais pontuais se tutelado por um professor titulado, já que a pesquisa é de grande valia para a produção de qualquer conhecimento e é justamente isso que constitui o diferencial de um profissional no mercado de trabalho: engendrar novas possibilidades e a pesquisa é a maior parceira nesse investimento.”</p>

Quanto à titulação do corpo docente da Unifev, o primeiro coordenador já discorre que eram poucos os professores titulados na instituição. Segundo ele, já

havia um movimento por parte da direção da faculdade com preferência para a contratação de professores especialidades ao invés de mestres e doutores. Obviamente, embora não houvesse avaliações para comprovar tais informações, tal redução refletia-se no ensino oferecido no curso de Jornalismo.

Já o segundo coordenador afirma que o corpo docente do curso era formado por 50% de mestres, 30% de especialistas e o restante, profissionais graduados. O coordenador garante que a mescla de profissionais com teóricos influenciou de maneira positiva no aprendizado dos alunos e muitos deles hoje fazem parte da imprensa votuporanguense e de toda região.

A terceira coordenadora afirma que dos atuais 18 professores de Comunicação Social, que atuam no curso de jornalismo hoje, apenas dois ainda não possuem titulação, contudo estão em fase final de especialização ou de mestrado. Ela acredita que a titulação tem um peso fundamental no ensino-aprendizagem do aluno, já que o professor titulado apresenta uma maior bagagem de pesquisas e constitui um diferencial de um simples profissional de mercado de trabalho.

O perfil do discente é uma das características em que o curso está baseado. Por isso a pergunta: *Qual o perfil do aluno em sua gestão?*, a fim de observar as mudanças sobre a formação profissional.

Coordenador 1	Coordenador 2	Coordenador 3
“Não tínhamos material específico, resultado de pesquisas apropriadas. Os contatos com as diversas turmas, das diversas habilitações, nos mostravam que esses alunos eram, em sua maioria, com formação deficiente, mas com grande vontade de aprendizado para o exercício profissional. O paradoxo é que, além disso, muitos eram trabalhadores com elevada carga horária	“Basicamente de dois tipos: o primeiro, composto por alunos da própria cidade, de classe média e que tinham um objetivo básico delineado. Ou seja, tinham um propósito com o jornalismo. O segundo, era formado por alunos de cidades vizinhas, que viajavam longas horas para chegar a faculdade e que esperavam conseguir algo com o curso. Muitos porque já trabalhavam em suas	A coordenadora não respondeu a questão.

em suas atividades, o que não os deixava predispostos a um aprendizado mais efetivo.”	idades em emissoras de rádio, jornais locais ou desenvolviam atividades afins. Outros exclusivamente por curiosidade.”	
---	--	--

De acordo com os coordenadores, o perfil dos alunos ingressos, em sua maioria, eram estudantes diversos, com formação deficiente, principalmente na Língua Portuguesa, mas com muita vontade para aprender o exercício do jornalismo. O coordenador um explica que a maioria dos alunos trabalhava o dia todo e que chegava à faculdade no período noturno muitas vezes cansados para aprender novos conceitos.

O coordenador dois conta que muitos dos alunos ingressos já trabalhavam em veículos de Comunicação e entraram na faculdade para se especializarem. Ele afirma ainda que recebia muitos alunos da região de Votuporanga, o que fez a faculdade crescer em pouco tempo.

Ainda com enfoque nas bases de formação do curso, pergunta-se: *Qual era o objetivo do curso em relação ao profissional egresso?*

Coordenador 1	Coordenador 2	Coordenador 3
“Eu precisaria rever o projeto pedagógico aprovado na época, mas, por força de mudança de escritório e residência, não tenho como fazer isso no momento. Por isso não posso responder a questão.”	“Formar profissionais capazes de solucionar os problemas da profissão e, fundamentalmente, compreender o universo jornalístico e seu papel junto à sociedade de forma crítica e socialmente responsável.”	“Possibilitar conhecimentos para tornar o aluno um comunicador consciente de sua função social e do papel que desempenha dentro da sociedade, habilitando-o para atuar em empresas e serviços de comunicação [...]”

O coordenador um não respondeu à questão, uma vez que não possuía o projeto pedagógico em mãos para realizar tal análise. Já o coordenador dois informa

ter como objetivo do curso um aluno egresso com capacidade em solucionar problemas da profissão, conhecendo seu dever como jornalista e assumindo seu papel junto à sociedade, de uma maneira crítica e responsável.

A coordenadora três espera que o curso proporcione ao aluno egresso possibilidades de conhecimento para que este atue como um comunicador consciente de sua função social, trabalhando em empresas e serviços de comunicação, de maneira crítica, procurando construir novas linguagens e atuando em processos comunicativos para o amplo espectro deste futuro jornalista.

Nesta questão: *Quais foram as dificuldades encontradas no curso?*, levantaram-se os principais problemas pedagógicos e estruturais de cada entrevistado.

Coordenador 1	Coordenador 2	Coordenador 3
<p>“As maiores dificuldades encontradas estavam relacionadas diretamente com a administração superior da instituição, a constante briga de poder, com reflexos negativos diretos no exercício da coordenação e consequente implantação de novos projetos. Tudo era muito difícil, pois se um pró-reitor aprovava, o outro barrava, e assim por diante. Por isso, inclusive, optei por não continuar no trabalho de coordenação, deixando a instituição tão logo entregue e aprovado o projeto didático-pedagógico. Além disso, havia a imposição de nomes de pessoas relacionadas com dirigentes, sem que esses profissionais soubessem exercer</p>	<p>“Fazer com que a instituição compreendesse que os laboratórios de jornalismo deveriam ser voltados aos objetivos do curso, e não da instituição. A política de uso dos laboratórios era equivocada. Havia um “aproveitamento” de professores de outras áreas para que não houvesse novas contratações de docentes. O curso evoluía à medida que as visitas de autorização e reconhecimento do MEC eram agendadas. E tantos outros fatores que contribuíram para meu pedido de demissão.”</p>	<p>A coordenadora não respondeu à questão.</p>

adequadamente a atividade docente.”	a		
-------------------------------------	---	--	--

Sobre as maiores dificuldades enfrentadas no curso, o primeiro coordenador faz fortes críticas à instituição. Segundo ele, o maior problema do curso era justamente com a administração da faculdade, já que a disputa de poder era mais importante que a própria aprovação de projetos de relevância para o curso ou até mesmo ciúmes com a coordenação do curso.

Outro problema apontado por ele refere-se à contratação de professores. O coordenador afirma que muitas vezes a direção impunha a contratação de profissionais que não sabiam exercer a atividade docente, impossibilitando a entrada de bons professores.

O segundo coordenador reclama que a administração utilizava os laboratórios do curso de jornalismo para outros fins e isso, muitas vezes, prejudicava o andamento do curso. Muitos professores de outras áreas utilizavam os laboratórios para conter gastos e os equipamentos estragavam-se com o tempo de uso de muitos, que não tinham um conhecimento prévio.

A partir daqui, com a questão: *Como alunos e professores da UNIFEV viam a questão da profissionalização do jornalista?*, é introduzido um novo tema. Agora, pretende-se observar a relação entre a academia, categoria profissional e as mudanças do mercado de trabalho.

Coordenador 1	Coordenador 2	Coordenador 3
“Não tenho elementos para responder a essa questão.”	“Condição <i>sine qua non</i> para o andamento do curso. Caso contrário não haveria razão para sua instalação.”	“[...] a questão da exigência ou não do diploma é uma polêmica [...] Para isso são necessários infraestrutura, professores satisfeitos (recebendo em dia, inclusive); valorização dos mestres (a Unifev, por exemplo, mantém a capacitação de professores).”

O primeiro coordenador não respondeu à questão, já o segundo, acredita que a Unifev vê a profissionalização do jornalista como algo fundamental caso contrário

não haveria motivos para proporcionar à população o curso de Comunicação Social com esta habilitação.

A terceira coordenadora acha fundamental a formação superior do jornalista e, para isto, preza por um bom ensino, valorizando a qualidade da instituição, dos laboratórios e não apenas a aquisição de um diploma de jornalista.

Na pergunta: *Qual foi a maior preocupação da UNIFEV em relação à profissionalização da categoria?*, o objetivo é desvelar o engajamento e comprometimento da instituição em relação à categoria profissional.

Coordenador 1	Coordenador 2	Coordenador 3
“Em termos de instituição, ao que me parece, hoje, depois de tantos anos, nenhuma.”	“Não sei dizer se houve uma preocupação da Unifev a esse respeito. O fato é que, se não houvesse a profissionalização, não haveriam alunos suficientes para manter o curso. Dessa maneira, creio que a maior preocupação da Unifev talvez fosse não perder os alunos por conta de um problema político da categoria.”	A coordenadora não respondeu a questão.

O primeiro coordenador acredita que, depois de tanto tempo fora de instituição e podendo analisá-la de longe, não vê nenhuma preocupação da faculdade em relação à profissionalização da categoria dos jornalistas. O coordenador dois concorda com o primeiro, ao afirmar que a única preocupação da Unifev está relacionada com a captação de alunos e mantê-los no curso de jornalismo.

Com a questão: *Você acredita que a faculdade de Jornalismo é essencial para Votuporanga? Por quê?*, observa-se a importância da instalação do curso em relação aos circunvizinhos.

Coordenador 1	Coordenador 2	Coordenador 3
“Acredito que não seja essencial, por força da	“Sim. De um modo ou de outro a sociedade	“Votuporanga possui uma localização que

<p>restrição do mercado de trabalho. Sou de opinião, inclusive, que o MEC deve rever as autorizações nessa área e fechar pelo menos metade das faculdades de jornalismo do país, para evitar a criação de falsas expectativas de emprego e sucesso em nossa juventude. A profissão é glamurosa, mas também muito penosa.”</p>	<p>reconhece essa responsabilidade e vocação jornalística da cidade. Tanto é que Votuporanga é um dos únicos municípios da região a possuir dois jornais diários. Além disso, uma sucursal da Rede Globo, uma TV Universitária, e mais de seis emissoras de rádio. Fora pequenas empresas de comunicação. Isso, para um município com menos de cem mil habitantes é, realmente, um fato relevante, e que não pode passar despercebido.”</p>	<p>funciona como pólo central de uma área extensa de micro municípios [...] Manter o curso de Comunicação em Votuporanga também auxilia na projeção do município, [...] A mais nova “inserção” pelo curso foi a conquista dos alunos de Comunicação para representar, em Votuporanga, a entidade da UNE responsável por movimentar, entre universitários a Cultura, a Ciência e a Arte. É o projeto CUCA, sediado no Rio de Janeiro, com representação em 14 estados, e que, no estado de São Paulo, exceto a capital, Votuporanga é a única reconhecida. Essas e outras iniciativas fazem com que o curso de Comunicação traga para Votuporanga grandes realizações e uma credibilidade admirável.”</p>
---	---	--

O coordenador um acredita que Votuporanga não comporta a atual faculdade de jornalismo, já que são muitas no estado de São Paulo e isso cria falsas expectativas aos futuros estudantes de jornalismo do país. O coordenador dois discorda do colega, afirmando que o município tem uma grande representatividade em empresas de Comunicação, no noroeste paulista, embora tenha menos de cem mil habitantes.

A coordenadora três é da mesma opinião. Ela afirma que manter o curso em Votuporanga não só movimenta alunos em toda a região como também incentiva eventos e pesquisas acadêmicas em que a cidade torna-se um referencial na área da Comunicação, com projetos culturais e participações em eventos nacionais, levando o nome da Unifev e de Votuporanga.

Na penúltima questão: *A faculdade de jornalismo contribuiu para a mudança da imprensa votuporanguense e da região? Se sim, quais os aspectos?*, o intuito é conhecer como cada entrevistado relaciona o ensino acadêmico com o mercado profissional em que está inserido.

Coordenador 1	Coordenador 2	Coordenador 3
<p>“Não disponho de pesquisas de recepção que me permitam avaliar esse quesito.”</p>	<p>“Sim. Basta ver nas empresas de comunicação da região o número de profissionais que passaram pelas cadeiras da instituição. O jornalista é um elemento multiplicador e quando temos esse elemento compondos os estratos sociais formamos uma sociedade mais esclarecida e preocupada com os problemas da comunidade. Nesse sentido, os alunos de jornalismo da UNIFEV desempenham um papel extremamente importante.”</p>	<p>“[...] Em planejamento gráfico, por exemplo, que é uma das disciplinas que ministramos, cada estudante aproveita os conceitos teóricos e práticos para desenvolver uma solução para um cliente em potencial (do contexto próximo, a partir da escolha de um recorte da realidade que convivem). E os resultados têm se demonstrado bastante eficazes. Um dos projetos, dos vários que emplacaram, foi o do aluno Alessandro Alves de Souza, que mais tarde acabou sendo responsável pela implantação de um jornal impresso na cidade de Cosmorama – SP, e que agora já está em vias de se tornar site. A disponibilidade da TV Universitária para o município certamente contribuiu para que a TV TEM escolhesse Votuporanga como uma de suas sub-praças (unidade vinculada a São José do Rio Preto). Com a cobertura televisiva, Votuporanga ganhou maiores</p>

		probabilidades de ter acesso a informação de qualidade. Nessa vertente, o curso de Comunicação, pela TV Universitária, e também pela Rádio Unifev, auxilia a construir e a mudar a história do município.”
--	--	--

O coordenador um não respondeu à questão. O coordenador dois disse que a faculdade de jornalismo da Unifev foi de fundamental importância para o mercado regional, já que a grande maioria dos alunos, que passaram pelo curso, hoje estão no mercado de trabalho de toda a região.

A coordenadora três não respondeu a pergunta de forma satisfatória. Ela não relatou como o curso de jornalismo contribuiu para a transformação da imprensa votuporanguense. A única alusão é sobre a implantação de um projeto gráfico, como experiência em sala de aula.

Pela resposta dada à questão proposta, observamos que há no curso de Jornalismo o predomínio da parte técnica, no entanto, não ficou claro a formação crítica do aluno.

Na questão: *Quais as vantagens que o curso de jornalismo oferece para os profissionais que atuam no mercado regional?*, pretende-se observar como a faculdade muda a prática da profissão no mercado regional.

Coordenador 1	Coordenador 2	Coordenador 3
“Em uma área como o jornalismo, não há como criar um enfoque essencialmente regional, até porque já vivemos em um mundo globalizado. Os conceitos e ferramentas que se utilizam em Votuporanga (SP) são os mesmos a serem utilizados em Macapá ou no Rio Grande (RS). É claro que numa região agrícola e moveleira,	“Clareza contextual. Não adianta conhecer a técnica exclusivamente, sem saber como e para que aplicá-la. E isso é amplamente discutido no jornalismo. Não é uma questão de oferecer vantagens mas de abrir um leque de oportunidades de ingresso no mercado, sem necessariamente “colocar” o aluno no mercado. Entendo que o	A coordenadora não respondeu a questão.

<p>como é o caso de Votuporanga, o curso pode ter enfoques em agropecuária e empreendedorismo, para atendimento aos pequenos, médios e grandes empresários desses setores, seja para as funções de assessoria de imprensa, seja para o desenvolvimento de sites e blogs. A priori, não vejo outras diferenciações dignas de registro.”</p>	<p>curso da UNIFEV não dá o peixe, mas sim “ensina os alunos a pescar.”</p>	
--	---	--

O coordenador um explica que em um curso de Jornalismo “não há como criar um enfoque essencialmente regional, até porque já vivemos em um mundo globalizado”. Além disso, é uma exigência do MEC que haja disciplinas básicas globalizadas.

Contudo, em uma região como Votuporanga, o coordenador afirma que, obviamente o jornalismo regional pode ser incentivado, com *blogs* regionais, assessorias de imprensa, com projetos de empresas de pólos moveleiros, entre outros.

O segundo coordenador disse que o curso oferece clareza contextual e que não ensina apenas técnica, mas faz o aluno refletir sobre bases jornalísticas. Deste modo, conseqüentemente, o estudante aprende a ser um bom profissional.

É válido ressaltar que a atual coordenadora do curso de Jornalismo evitou responder várias das questões propostas. Este fato faz-nos pensar que ela, talvez, não se sinta segura o suficiente para emitir opiniões sobre os alunos do curso, as perspectivas futuras destes alunos e também avaliar o curso como um todo.

Embora tenha havido lacunas nas respostas dos coordenadores (principalmente em relação ao terceiro), foi possível constatar que o curso de Jornalismo representou um avanço para os jornais da cidade de Votuporanga e da região, oferecendo profissionais qualificados e mais preparados para o mercado de trabalho e, em conseqüência, houve uma melhoria também nas matérias e

reportagens apresentadas nos jornais da cidade e, particularmente, no impresso que foi estudado nesta dissertação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De uma maneira geral, o trabalho investigou o jornalismo regional produzido em Votuporanga, por meio de um estudo de caso do jornal *A Cidade*, e que teve como parâmetros de avaliação para tal resultados, entrevistas com todos os editores do impresso supramencionado.

Obviamente a implantação do curso de Jornalismo em Votuporanga proporcionou aos repórteres do jornal *A Cidade* uma maior facilidade para que estes pudessem especializar-se.

Para melhores resultados, preferiu-se dividir as entrevistas dos editores em dois períodos: a primeira fase foi antes de 1995 e a segunda depois. Vale dizer que este ano serve como divisor na pesquisa, afinal trata-se do período em que foi implantado o curso de Jornalismo. Por isso, também investigou-se o perfil do curso de Jornalismo oferecido pela faculdade local, com o objetivo de saber o que poderia ser aproveitado do curso no dia-a-dia do jornal.

Foram entrevistados seis editores do jornal *A Cidade*. Das análises obtidas percebe-se, principalmente em relação ao segundo bloco de editores, uma mudança de perfil em relação ao primeiro.

O saudosismo, comprometimento e amor à profissão relatada nas entrevistas dos primeiros editores não são vistas no segundo bloco de editores. Os primeiros editores falam com paixão do início da profissão, das conquistas e de como era o jornalismo naquela época. A impressão que se tem ao se ler as entrevistas é a de que não se faz mais jornalismo como antigamente.

Uma outra característica do jornal *A Cidade* que vêm de tempos antigos é sua linha editorial.

Esta perdura até os dias de hoje, como os antigos editores já haviam relatado. Segundo eles, o jornal mantém uma linha ousada. Ainda que o atual editor a considere de cunho informativo, não foi o que as pesquisas de campo e bibliográficas apontaram.

Os manuais de redação sempre foram os mesmos, os de referência nacional: manual da *Folha de S. Paulo* e de *O Estado de S. Paulo*, com exceção daquele

criado pelo primeiro editor da segunda fase do jornal *A Cidade*, Fabiano Ferreira, que trazia aspectos e peculiaridades regionais. Contudo, o referido manual foi abandonado pelos futuros editores, assim que este saiu do jornal *A Cidade*.

Um contraponto interessante é que os editores, depois de 1995, preocupam-se mais com a questão salarial e ciúmes de colegas, ficando evidente que a profissionalização da categoria encerra um período onírico sobre a prática da profissão e a visão que prevalece é a de uma categoria trabalhista e puramente competitiva.

O jornal *A Cidade*, nos dias atuais, possui condições financeiras para manter uma redação em que todos os jornalistas são graduados. Em toda a história do impresso, esta é a primeira vez que isso ocorre na Redação. No início quase não havia jornalistas profissionais. Com o passar do tempo, houve uma mescla entre estudantes universitários e graduados, até que nos dias atuais a redação é composta por jornalistas profissionais, sendo um editor, dois repórteres, dois colunistas sociais e um fotógrafo.

Ao examinar estes resultados, alguns questionamentos são feitos. Entre o antes e depois de 1995, houve uma mudança de foco sobre o profissional de jornalismo. Quem é o responsável? As exigências do mercado ou o ensino universitário? O confronto de valores de carreira com os da ética apreendidos na faculdade? Ou uma questão insolúvel ainda entre mercado e ensino?

A resposta ainda parece distante. No entanto, para que se possa obter uma avaliação, o jornal *A Cidade* enquadra-se exatamente como mídia local/regional, já que é uma comunicação baseada em uma informação de proximidade e cumpre uma importante função social em sua comunidade.

Entende-se por informação de proximidade “acontecimentos orgânicos de uma determinada região caracterizada por vínculos de pertença enraizados na vivência e refletidos num compromisso com o lugar e com a informação de qualidade” (PERUZZO, 2005, p. 81).

A versão *on line* do jornal *A Cidade* também foi uma forma que o veículo encontrou de deixar os votuporangenses distantes fisicamente do município mais próximos das informações de sua terra natal. Acessando o *site* do jornal, eles sabem diariamente notícias de Votuporanga, fazem críticas, sugestões e até comentam notícias do dia; é uma forma de mantê-los em contato com sua comunidade.

O jornalismo como serviço de informação para a comunidade parece perdurar no local/regional. Tanto antes quanto depois de 1995, este tem sido o compromisso do fazer jornalístico do jornal *A Cidade*.

REFERÊNCIAS

ANTONIOLLI, Maria Elisabete. Diretrizes curriculares: atividades complementares e legislação educacional. Disponível em <http://www.fnpi.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=100&cf=7>. Acessado em 15/12/2007, 5 p.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: História da Imprensa Brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BOURDIN, Alain. **A questão local**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **De Gutemberg a Internet: una historia social de los medios de comunicaci3n**. Madrid: Taurus, 2002.

CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo de proximidade**. Coimbra: Minerva, 2002.

CARVALHO, Samantha Viana Castelo Branco. Projetos experimentais em jornalismo: a experi3ncia do UniFiam. **Revista Idade M3dia: Revista da Faculdade de Comunica33o Social**, Vol. 1, n.1 (1º. sem. 2002), São Paulo: FIAM – FAAM Centro Universit3rio, 2002, p. 131-142.

CASTELS, M (org). (1985). **High technology, space and society**. Bervelly Hills, Sage Publications.

CHAPARRO, M. C. Veracidade, dever mais. In: LOPES, D. F. et al (org). **Edi33o em Jornalismo Impresso**. São Paulo: Eidcon, 1998.

CIMADEVILLA, Gustavo. De 3lites y de masas, de globales y locales: apropiaciones y corrimientos em la m3dia regional. HERMES, Dirceu (Org.). **M3dia, educa33o e cultura: m3ltiplos olhares sobre a comunica33o regional**. Chapec3, SC: Argos, 2006, p. 29-60.

COELHO NETO, Teixeira. **Dicion3rio cr3tico de pol3tica cultural**. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1999.

COSTA, Let3cia M. Pinto da. **Vozes dissonantes na imprensa do interior: a produ33o e a recep33o do jornal “A Voz do Vale do Para3ba”**. São Bernardo do Campo: P3sCom-Umesp, 2002 (Disserta33o – Mestrado em Comunica33o Social).

DIAS, Osni. Vitorino Prata Castelo Branco: autor do primeiro manual de jornalismo. In: MELO, José Marques de (Org). **Imprensa Brasileira**: personagem que fizeram história. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005, p. 199-209.

DORNELLES, Beatriz. Imprensa Local. Disponível em http://www2.metodista.br/unesco/agora/pmc_acervo_territorios_territorios_imprensa_local.pdf , acessado em 20/09/2007. 2005.

DUARTE, Fábio. **Global e local no mundo contemporâneo**: integração e conflito em escala global. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 1998.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

_____. **Cultura y comunicación**: entre lo global y lo local. La Plata: Universidad Nacional de la Plata, 1997.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

GUTIÉRREZ OLÓRTEGUI, Mário. Imagenes e imaginários de la televisión global. **Diálogos de la comunicación**. Lima. N. 45, jun. 1996, p. 30-38.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&Z, 1998.

HELD, D.; MCGREW, A. **Prós e contras da globalização**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

IANNI, Octávio. **A era do globalismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. Nacionalismo, regionalismo e globalismo. In: BOLAÑO, César R. Siqueira (Org). **Globalização e regionalização das comunicações**. São Paulo: EDUC: Universidade Federal de Sergipe, 1999.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 4. ed. rev e ampl. São Paulo: Atlas, 2001.

_____. **Metodologia Científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

LÓPEZ GARCÍA, Xosé. Meios locais de futuro y con futuro. In: LEDO ANDIÓN, Margarita e KUNSCH, Margarida M. Krohling (Org.). **Comunicação audiovisual: investigação y formación universitárias**. II Colóquio Brasil-Estado Espanhol de Ciências da Comunicação. Santiago de Compostela. Universidad de Santiago de Compostela/ Intercom, 1999.

_____. La comunicación del futuro se escribe com L de local. Revista Andaluza de Comunicación: **Ámbitos**. Julio/Diciembre, n. 5. Universidade de Sevilla, Sevilla, España, 2000, p. 107-117.

MARINI, Wilson. Dez Tendências do Jornalismo Regional. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/id200198h.htm>. Acessado em 11/03/2007.

_____. Somos todos regionais. Disponível em: http://portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=artigo/docs/somos_todos_regionais. Acessado em 11/03/2007.

MARQUES DE MELLO, José & QUEIROZ, Adolpho (Orgs.). **Identidade Brasileira no Final do Século**. São Bernardo do Campo: Metodista, 1998.

_____. Comunicação e Desenvolvimento: por um conceito midiático de Região. In: MARQUES DE MELLO, José, SOUSA, Cidoval Moraes de; GOBBI, Maria Cristina. **Regionalização Midiática: estudos sobre comunicação e desenvolvimento regional**. Rio de Janeiro: Sotese, 2006, p. 13-36.

_____. **Teoria da Comunicação: Paradigmas Latino-americanos**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

_____. Estudos de mídia no Brasil: identidades & fronteiras. **Revista Comunicação & Sociedade: Identidades Comunicacionais**, n. 30, 1998, p. 9-50.

_____. Costa Rego, o primeiro catedrático de jornalismo do Brasil. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. Vol. XXIII, n. 1, janeiro/junho, 1998, p. 79-117.

MARSHALL, Leandro. **O Jornalismo na Era da Publicidade**. São Paulo – Sumus, 2003.

MORAES, Denis de. A dialética das mídias globais. In: **Globalização, mídia e cultura contemporânea**. Campo Grande: Letra Viva, 1997.

NASSIF, Luís. **O jornalismo dos anos 90**. São Paulo: Futura, 2003.

NOBLAT, R. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2002.

NOELLE-NEUMANN, Elisateth. **The Spiral of silence**: Opinion public – our social skin. Chicago, The University of Chicago Press, 1993, 2ª edição.

OLIVEIRA, Roberto Reis. Mídia Regional: A proximidade e Mercado – A TV Tem. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/oliveira-roberto-midia-regional.pdf>. Acessado em 11/03/2006.

ORTIZ, Renato. Um outro território. In: BOLAÑO, César R. Siqueira (Org). **Globalização e regionalização das comunicações**. São Paulo: EDUC: Universidade Federal do Sergipe, 1999.

_____. **Mundialização e Cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Revista Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo. PósCom-Umesp, n. 43, 2005, p. 67-84.

_____. Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária. **Anuário UNESCO/UMESP de comunicação regional**. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco/Umesp, 2003, p. 52-78.

_____. Mídia local, uma mídia de proximidade. **Comunicação Veredas**: Revista de Pós-graduação em Comunicação. Marília, SP, Unimar, Vol. 1, n. 2, 2002, p. 65-85.

RAMONET, Ignácio. **Geopolítica do caos**. Petrópolis: Vozes, 2002.

ROSSI. O que é jornalismo. São Paulo. Brasiliense, 1986.

SERVAES, J. Globalización o localización: hacia un espacio de identidad cultural. **Anuário Unesco/Umesp de Comunicação Regional**. São Bernardo do Campo: Umesp, ano 6, n. 6, jan-dez, 2002.

STORPER, Michael. Desenvolvimento territorial na economia global do aprendizado: o desafio dos países em desenvolvimento. In: RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; SANTOS JÚNIOR, Orlando Alves dos (Orgs.). **Globalização, fragmentação e reforma urbana**: o futuro das cidades brasileiras na crise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

SOUSA, Jorge Pedro. Comunicação regional e local na Europa Ocidental: Os casos Português e Galegos. **Comunicação Veredas**: Revista de Pós-graduação em Comunicação. Marília, SP, Unimar, Vol. 1, n. 2, 2002, p. 11-64.

_____. **Elementos de Jornalismo Impresso.** Florianópolis: Letras Contemporânea, 2005.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

VIEIRA, Toni André Scharlau. Jornalismo no interior: potencialidades éticas e técnicas. In: HOHLFELDT, A; BARBOSA, M. (Orgs). **Jornalismo no século XXI – A cidadania.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença.** Petrópolis: Vozes, 2000.

ANEXOS

Entrevista ex-editores do jornal *A Cidade* de Votuporanga, antes da implantação do curso de Jornalismo

Editor 1 – José Carlos Pontes

1) *Em que período e quanto tempo você foi editor(a) no jornal A Cidade de Votuporanga?*

De 1985 a 1988 . Mas eu que ajudei a formatar o jornal e fui o primeiro editor. Depois voltei quando o João Carlos já era dono do Jornal. O ano preciso não me lembro.

2) *Neste período, você era formado em jornalismo? Se sim, em que faculdade se graduou?*

Eu tinha trancado matrícula quando entrei para o último ano da Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo

3) *Caso a resposta seja não, fale sobre como ingressou no campo jornalístico e se o jornal A Cidade foi seu primeiro contato com o impresso.*

Comecei fazendo Free no jornal Última Hora. Depois, quando ainda estava no primeiro ano da faculdade, entrei no jornal A Gazeta Esportiva

4) *Como era a produção jornalística do jornal A Cidade enquanto você era editor (a)?*

Muito ruim. O jornal que havia na época era A Vanguarda. Só tinha ele. O seu fechamento era muito cedo. O jornal fechava antes das sete da noite. Os repórteres eram abnegados, mas faltava infra-estrutura. Os jornais utilizavam muito a infra das emissoras de rádio. Não havia um desenho definido para as páginas. Tudo era feito no dia-a-dia, dando destaque para as matérias importantes e aí se colocava as demais matérias. Não se esqueça que era no chumbo. Não havia ofsete. Isso dificultava muito.

5) *Como era composta a Redação? Havia reunião de pautas? Os repórteres eram diplomados?*

Não havia reunião de pauta regular, afinal a equipe era pequena. Mas discutíamos algumas matérias. Havia os setoristas que davam conta do recado.

6) *Havia uma linha editorial? Qual era?*

Esse era um grande problema. A direção do jornal era muito cobrada pelas lideranças da cidade. Fui chamado algumas vezes para “aliviar” uma matéria ou outra. Mas, o Jornal A Cidade foi muito ousado para a época e tínhamos a liberdade de fazer o que queríamos. As restrições eram coisas bobas, de cidade provinciana, como, por exemplo, retirar o anúncio de uma menina de programa de São Paulo ou pedir para colocar “Dr.” Na frente de alguns nomes da cidade. Coisas que não interferiam na linha editorial. É difícil definir qual a linha editorial, mas tínhamos sempre em mente o benefício para a cidade. Se você procurar nos arquivos do jornal, verá a luta que fizemos para não aprovar o projeto Cura. Ele só não foi aprovado por causa do jornal.

7) *Havia Manuais de Redação? Vocês se baseavam em algum para escrever as notícias do jornal A Cidade?*

Nunca houve qualquer manual, mas nós tínhamos como parâmetro os grande jornais do País. Isso que falei do “Dr.” É um exemplo. Não colocávamos “Dr.” Na frente de nenhum nome. Isso causou um certo desconforto para alguns setores. Criamos uma linguagem, sem manual, mas baseado nos grande jornais.

8) *Na época era difícil encontrar repórteres qualificados que supria as necessidades da empresa neste período?*

Era difícil, mas tivemos sorte de encontrar algumas pessoas que escreviam bem como a Adriana Carla, a Bárbara, a Esther. Confesso que tínhamos uma boa equipe. Havia alguns repórteres, que não tinham um bom texto, mas eram bons repórteres, então eles traziam as notícias e a gente escrevia, como Jair Viana e Júlio Jr. Este último escrevia, mas a gente dava uma pincelada final. Ma, tivemos gente que veio de Rio Preto, como o Lelé Arantes. Bom repórter e bom texto.

9) *Quais os principais problemas que os editores encontravam neste período?*

Acho que são problemas como hoje, do dia-a-dia. Não saberia dizer de problemas que não fossem os atuais.

10) *Como era o processo de captação das notícias? In loco, regional, agência de notícias?*

Não se esqueça que naquela época não havia internet e as agências de notícias eram inviáveis pelo tanto que a gente usava, pois a grande maioria das notícias era local. Tínhamos o rádio e a TV como suporte. Sempre ficava um até meia noite para ver se não acontecia algo de última hora. Ele tinha a liberdade de derrubar uma matéria da capa e substituir. Tínhamos carros e telefones para as entrevistas e reportagens.

11) *Você tem acesso às páginas do jornal A Cidade hoje em dia? Você acha que a faculdade de jornalismo contribuiu para o crescimento do jornal e para uma melhor elaboração das notícias? Por que?*

Não leio mais o jornal A Cidade, mesmo porque estou em São Paulo. Teoricamente a faculdade deve ajudar, mas não posso afirmar, pois tenho me decepcionado muito com novos jornalistas. Tenho a impressão que muita gente faz jornalismo só porque não tem matemática ou coisa assim, que seria outra coisa como é jornalista. É diferente da minha época que a pessoa vivia o jornalismo 24 horas por dia. Era uma opção de vida.

12) *Você acredita que, por meio de seu trabalho, contribuiu de forma positiva para o crescimento do jornal A Cidade? Por que?*

Acho que todo mundo que passou pelo jornal, contribuiu. Foi legal porque fomos ousados e corajosos. De certa forma, mudamos a maneira de fazer jornal em Votuporanga. O jornal saía todos os dias, inclusive nas segundas feiras. Isso nunca aconteceu na cidade, somente na nossa época. O fechamento era dez, onze da noite e sempre ficava um plantão. Não podemos nos esquecer que tínhamos o apoio

do Luiz Rivoiro, um grande homem de comunicação que apostava num jornal bem feito. Foi isso que fizemos. Mas, pode ter certeza, o jornalismo de Votuporanga tem duas fases, a anterior e a posterior ao Jornal A Cidade.

13) *Faça uma avaliação, com detalhes, sobre o seu trabalho enquanto editor(a) do jornal A Cidade.*

É difícil falar da gente. Tenho orgulho de ter feito parte da equipe do jornal A Cidade porque foi uma das melhores redações que trabalhei. Havia uma amizade muito grande entre todos nós. Isso facilitava muito o nosso trabalho. Além de tudo não havia quem mandava mais. Era uma equipe. Não havia superiores, não havia uma hierarquia na realidade. Havia no papel e de fato, como alguém que se responsabilizava e coordenava as matérias. Mas éramos uma equipe e acho que por isso funcionou muito bem.

Quando o presidente Tancredo Neves morreu todos já tinham ido embora, menos o plantão. Dez minutos depois, todos estavam na redação para refazer o jornal, sem que fosse preciso dar um telefonema para chamar os redatores e repórteres. Sentamos e refizemos o jornal em duas horas, já tarde da noite. Isso é impagável.

Editor 2 – Antônio Carlos Camargo

1) *Em que período e quanto tempo você foi editor(a) no jornal A Cidade de Votuporanga?*

01/10/85 a 29/02/88

2) *Neste período, você era formado em jornalismo? Se sim, em que faculdade se graduou?*

Não. Na época em que ingressei na profissão havia apenas duas faculdades de jornalismo, uma em São Paulo e a outra em Ribeirão Preto. Fazer faculdade de jornalismo era privilégio de poucos.

3) *Caso a resposta seja não, fale sobre como ingressou no campo jornalístico e se o jornal A Cidade foi seu primeiro contato com o impresso*

Eu comecei a trabalhar em jornal em novembro de 1961 no jornal O Imparcial de Araraquara como redator de esporte.

4) *Como era a produção jornalística do jornal A Cidade enquanto você era editor (a)?*

A equipe era pequena, mas havia muita disposição para o trabalho. Não havia especialistas, cada um fazia o que podia, nas diversas áreas, esporte, política, polícia, social, etc.

5) *Como era composta a Redação? Havia reunião de pautas? Os repórteres eram diplomados?*

Havia reunião de pauta, sim. Diplomado em jornalista, que eu me lembre, apenas o Benoni Amaro. Todos os demais exerciam a profissão aprendida na redação, uma grande escola.

6) *Havia uma linha editorial? Qual era?*

Os proprietários do jornal não o tinham como fonte de renda. Nenhum deles (eram quatro sócios) tinha qualquer experiência na área. Confiavam nos profissionais e davam total liberdade para ação. O jornal atuava de maneira independente, não se prendendo a interesses institucionais, nem particulares, nem governamentais. Isso dava certa liberdade para agir.

7) *Havia Manuais de Redação? Vocês se baseavam em algum para escrever as notícias do jornal A Cidade?*

Não, o jornal não possuía Manual de Redação. Consultas eram feitas em manuais como os da Folha de S. Paulo e do Estadão.

8) *Na época era difícil encontrar repórteres qualificados que supria as necessidades da empresa neste período?*

Sim. Como foi dito no item 4, todo mundo tinha que entender um pouco de cada assunto, pelo menos. Em jornais de pequeno porte, como sabemos, não há editorias específicas. O pessoal se vira como pode. Era assim e creio que continua assim.

9) *Quais os principais problemas que os editores encontravam neste período?*
A cidade era menor, o campo de cobertura idem. Nem sempre você conseguia “achar” assuntos interessantes para preencher as páginas do jornal. Isso levava ao imprevisto, estimulava a criatividade, como fator positivo.

10) *Como era o processo de captação das notícias? In loco, regional, agência de notícias?*

Para o noticiário local havia a deslocação dos repórteres para a cobertura dos eventos ou em busca de informações, na prefeitura, na câmara, nos clubes sociais. O telefone ajudava muito. Hoje você tem a Internet, um manancial constante de informações, de dados para o complemento das notícias. É tudo muito mais fácil.

11) *Você tem acesso às páginas do jornal A Cidade hoje em dia? Você acha que a faculdade de jornalismo contribuiu para o crescimento do jornal e para uma melhor elaboração das notícias? Por quê?*

Sou assinante do Jornal. Leio-o todos os dias. A faculdade, de certa forma sim. É claro que o ensino acadêmico ajuda muito. O que vale, porém, é a complementação do aprendizado na redação, no dia-a-dia. É como a residência médica. Diploma não confere, por si só, condições para um bom desempenho. É preciso quebrar a cara para avançar.

12) *Faça uma avaliação, com detalhes, sobre o seu trabalho enquanto editor(a) do jornal A Cidade*

Apreendi, aprendi muito. Votuporanga vivia nessa época uma fase conturbada de sua política. A oposição ao prefeito de então era muito forte, havia restrições a ele partidas de segmentos importantes da cidade. A rejeição pela Câmara do chamado Projeto Cura teve lances dramáticos. A direção da empresa proprietária perfilava com os oposicionistas, mas procurava manter a linha editorial de forma imparcial. No plano nacional, o ciclo militar estava acabando e os ares da democracia voltavam a ser respirados. Foi um momento muito rico, de desafios e de experiências extremamente validas.

faculdade de jornalismo era privilégio de poucos.

Editor 3 – Sérgio Mantovani

1) *Em que período e quanto tempo você foi editor(a) no jornal A Cidade de Votuporanga?*

Fui editor interino em curtos períodos no final dos anos 80 e começo dos anos 90, entre a saída de um editor e chegada de outro. Nessa época não tinha experiência suficiente para assumir a editoria plenamente. Por volta de 1994, com a saída de Dagmar Azevedo, passei a responder pela editoria, até 2000, quando sai e depois a partir de outubro de 2001 e até junho de 2004, quando sai novamente ao ser aprovado em concurso do Banco Nossa Caixa.

2) *Neste período, você era formado em jornalismo? Se sim, em que faculdade se graduou?*

Não era formado em jornalismo. Trabalhava na Redação tempos antes da instalação do Curso de Comunicação Social da Unifev. Sou formado em Administração de Empresas. Em 2002 consegui o registro precário no Ministério do Trabalho como jornalista.

3) *Caso a resposta seja não, fale sobre como ingressou no campo jornalístico e se o jornal A Cidade foi seu primeiro contato com o impresso.*

Sempre tive interesse em lidar com comunicação. Em 1983, na antiga Rádio 8 de Agosto, surgiu a oportunidade de atuar como operador de som, mas rádio não era minha vocação. No mesmo ano, fui trabalhar com o jornalista Anésio Pelicione (que faleceu recentemente) no Jornal Folha de Votuporanga. Lá tive o primeiro contato com o impresso e onde tive a certeza do que queria fazer. Comecei como revisor, e ao mesmo tempo escrevia a coluna Tópicos, sobre variedades. Com a desativação da gráfica do jornal, sai da Folha e em 1984 entrei no Diário de Votuporanga e em 1986 n´A Cidade.

4) *Como era a produção jornalística do jornal A Cidade enquanto você era editor (a)? (Conte sobre os dois períodos em que você foi editor)*

Tanto no primeiro como no segundo período a produção jornalística ocorria num processo que podemos considerar como avançado para um jornal desse porte. Todas as segundas-feiras havia reunião da direção com a redação para discussão e avaliação das edições da semana anterior, planejamento das edições especiais, e intenso debate sobre assuntos que poderiam se transformar em pauta. Todos os repórteres eram chamados a opinar, independente do tempo de casa e experiência, e a decisão sobre as pautas e reportagens especiais eram decididas pela maioria e, mesmo que algumas vezes não coincidissem com a opinião do diretor, este respeitava o colegiado.

5) *Como era composta a Redação? Havia reunião de pautas? Os repórteres eram diplomados?*

A Redação era composta por um editor, em média três repórteres, um fotógrafo e colunista social. Havia reuniões rápidas de pauta pela manhã. Desde a conclusão da primeira turma de Comunicação Social da Unifev, o jornal passou a dar prioridade para a contratação de jornalistas diplomados ou estudantes. Mas independente

disso o talento era primordial, dessa forma havia na Redação pessoas não formadas.

6) *Ser diplomado ou não, na sua época, influenciava em alguma coisa? Por que?*

Influenciava na medida que os diplomados traziam para a Redação técnicas novas e ajudavam o jornal a se modernizar. Acredito que o Jornal A Cidade foi o primeiro a assimilar as vantagens de se ter na cidade um curso de Comunicação. Foi o que se adaptou mais rápido aos novos tempos, porque existia um verdadeiro conselho editorial e todos tinham espaço para dar a sua contribuição, tanto aqueles que estavam saindo da faculdade, com novas idéias, quanto os profissionais antigos (alguns até resistentes ao uso do computador). A convivência entre diplomados e não diplomados, pelo menos na minha época, não gerava conflitos.

7) *Havia uma linha editorial? Qual era?*

Não havia uma linha editorial definida, de se publicar só isso ou aquilo. A grande marca do jornal era publicar a verdade, defendendo as bandeiras da comunidade. Quando o assunto era grave, e a matéria poderia ter repercussão negativa na comunidade, ou no meio político, havia ponderação, mas sempre com a preocupação de não camuflar a verdade. Acho que a palavra ponderação é a que mais se encaixa. No meu período, definiria que a linha editorial foi ponderada, porque as notícias sempre eram divulgadas, ainda que não com o destaque que por vezes algumas pessoas achassem que merecia. Muitas vezes fomos criticados por divulgar notícias que contrariavam interesses, mas nunca por omissão.

8) *Havia Manuais de Redação? Vocês se baseavam em algum para escrever as notícias do jornal A Cidade?*

Não tínhamos um manual próprio, nos baseávamos nos manuais da Folha e do Estadão. O Fabiano Ângelo Ferreira, quando foi secretário de Redação, começou a introduzir um manual, compilando os dos grandes jornais.

9) *Na época era difícil encontrar repórteres qualificados que supria as necessidades da empresa neste período?*

Era difícil. Muitas vezes haviam pessoas com talento para entrevista e faro para a notícia, mas na maioria dos casos, péssimos em redação. O que se percebia era a base ruim que tinham na escola, especialmente português. Era mais fácil entregar a eles um gravador e depois transcrever e tratar a matéria. Isso consumia muito tempo, tornando a edição do jornal extremamente lenta. Aí entra a influência do curso de Comunicação. Começaram a aparecer pessoas com texto mais elaborado, permitindo a eliminação do copy-desk (aquele que ficava o dia inteiro na redação tirando do gravador as entrevistas) e do revisor.

10) *Quais os principais problemas que os editores encontravam neste período?*

Em relação aos profissionais de imprensa, o maior problema foi com os primeiros jornalistas formados. Eles queriam colocar em prática toda a teoria da faculdade e não se davam conta da realidade dos pequenos jornais do interior. Achavam que logo de início ganhariam o piso da categoria, teriam jornada de 5 horas e não permitiam alterações em seus textos, já que muitas vezes acabavam manifestando a sua própria opinião nas matérias. Em relação a comunidade, quando o jornal

passou a se adaptar às influências do curso de Comunicação, adotando, por exemplo, nova diagramação, com textos mais curtos, houve certa resistência de leitores mais antigos. Com o tempo, as dificuldades foram superadas.

11) *Como era o processo de captação das notícias? In loco, regional, agência de notícias?*

In loco. No caso de ocorrências policiais, havia um repórter quase que exclusivo, com contato direto com fonte de informações. A qualquer hora do dia ou noite, estava à disposição para cobrir o fato. As notícias políticas tinham como fonte os bastidores da Prefeitura. O Jornal A Cidade foi o primeiro da região a trabalhar com agência de notícias. Através da internet, por volta de 1997, o jornal fez parceria com a Agência Estado, e recebia em tempo real as principais notícias do Brasil e do Mundo. Também foi o primeiro a sua versão *on-line*.

12) *Você tem acesso às páginas do jornal A Cidade hoje em dia? Você acha que a faculdade de jornalismo contribuiu para o crescimento do jornal e para uma melhor elaboração das notícias? Por que?*

Continuo tendo acesso ao jornal, tanto impresso quanto *on-line*. Como já disse, a faculdade contribuiu para a modernização do jornal. Ele está mais próximo em qualidade em relação aos grandes meios de comunicação. Caso contrário, ainda teríamos em Votuporanga jornal com diagramação pesada e vícios de linguagem.

13) *Você acredita que, por meio de seu trabalho, contribuiu de forma positiva para o crescimento do jornal A Cidade? Por que?*

Acredito que sim. Trabalhei em períodos de dificuldades inclusive econômicas do jornal e, mesmo assim, sempre defendi que era uma empresa viável. Sempre buscava soluções para que o jornal não parasse de crescer, contornando as adversidades.

14) *Faça uma avaliação, com detalhes, sobre o seu trabalho enquanto editor(a) do jornal A Cidade.*

Sempre dizia aos colegas, que o editor era o representante da direção da empresa dentro da Redação. Isso minimizava eventuais contestações sobre o meu trabalho, já que muitas vezes tinha que administrar conflitos entre Redação e departamento comercial. Na maioria dos casos, conseguia convencer repórteres a efetuar coberturas de eventos comerciais, uma vez que em jornais pequenos não há como manter equipes distintas para redação de notícias e comercial. Como editor, tinha pleno conhecimento do pensamento e dos interesses da direção do jornal, mas não deixava de consultá-la sempre que necessário. Do mesmo modo, quando considerava justo, defendia o pleito da redação junto a direção. Acredito que o papel do editor numa redação, seja o de um moderador, que busca conciliar o idealismo do repórter com a realidade do jornal, que é um negócio que necessita do lucro para sobreviver.

15) *Você foi o editor que ficou o maior tempo no cargo, passando pela transição dentro o jornal A Cidade antes e depois da instalação da faculdade de jornalismo na Unifev. Você sentiu diferença no campo profissional com tal avanço ou continuou a mesma coisa?*

Embora não seja formado, sempre defendi o curso de jornalismo e até me penitencio por não ter frequentado a faculdade. Não acho que ela seja extremamente essencial, mas complementar para aqueles que tem vocação. É imprescindível para que as pessoas possam continuar crescendo. Para as empresas de comunicação foi um avanço, uma vez que a faculdade fez despertar mais vocações e hoje há profissionais no mercado suficientes para se fazer seleção. Já para os jornalistas as opções não são muitas, uma vez que há poucos jornais na região. Não há como o mercado absorver a leva de profissionais que se formam todos os anos. Mas tudo isso era inevitável. Não são questões que afetam somente a Votuporanga.

16) *Qual foi a fase mais difícil que o jornal passou durante seu período de editor? E qual foi a melhor fase?*

Me lembro com saudades dos anos de 1996/97. Naquela época conseguimos formar uma equipe mesclada com jornalistas formados e não formados. Tínhamos na redação o espírito aventureiro de Yannik Dellboux, o idealismo do Dagmar Azevedo, a garra do Jose Luiz Lançoni, e os bons textos do Fabiano Ângelo, entre outros. As matérias especiais das edições de domingo repercutiam todas. Foi também um período de crescimento comercial. Me recordo que uma das edições de um domingo comum teve cerca de 40 páginas, comparável ao Diário da Região.

Tive alguns períodos de dificuldades, com perdas de profissionais que faziam a diferença. A reposição era demorada, porque nem sempre encontrávamos pessoas que se encaixavam no perfil do jornal. Aí, caía a qualidade. O consolo é que os bons profissionais sempre nos trocavam por empresas maiores em busca de ascensão. O jornal A Cidade faz parte hoje do currículo de muitos jornalistas de afiliadas da TV Gl.

Entrevista ex-editores do jornal *A Cidade* de Votuporanga, depois da implantação do curso de Jornalismo

Editor 1 – Fabiano Ferreira

1) *Em que período e quanto tempo você foi editor(a) no jornal A Cidade de Votuporanga?*

Fui editor por um período de seis meses, entre janeiro e junho do ano 2000. Antes disso, porém, eu já ajudava na edição, principalmente nos fechamentos das edições especiais e de domingo.

2) *Neste período, você era formado em jornalismo? Se sim, em que faculdade se graduou?*

Comecei a trabalhar no jornal no terceiro ano do curso de jornalismo, a convite do jornal, por meio da indicação de professores. Depois que terminei o curso, em dezembro de 1998, continuei a trabalhar até junho de 2000. Minha graduação foi feita na Unifev - Centro Universitário de Votuporanga.

3) *Caso a resposta seja não, fale sobre como ingressou no campo jornalístico e se o jornal A Cidade foi seu primeiro contato com o impresso.*

4) *Como era a produção jornalística do jornal A Cidade enquanto você é editor (a)?*

A produção era intensa e com poucos repórteres, praticamente todos sem formação na área ou somente como estudantes. Não tínhamos editorias fixas, muito menos repórteres especialistas em determinadas áreas. Havia um direcionamento maior para determinados repórteres em relação a alguns tipos de matérias, mas todos faziam de tudo um pouco quando necessário.

5) *Como era composta a Redação? Havia reunião de pautas? Os repórteres eram diplomados?*

A redação tinha 3 ou 4 repórteres, além de uma colunista social. Havia sim reunião de pauta, inclusive ela foi instituída diariamente por mim, pela necessidade de organizar melhor a edição do dia e fazer com que os repórteres se comprometessem mais. Somente um repórter tinha formação acadêmica em jornalismo.

6) *Havia uma linha editorial? Qual era?*

Não havia uma linha editorial específica ou mesmo fundamentada. No entanto, desde que comecei no jornal sempre soube da prioridade a matérias sobre acidentes, que sempre ganhavam foto de capa e manchete.

7) *Havia Manuais de Redação? Vocês se baseavam em algum para escrever as notícias do jornal A Cidade?*

Não havia manuais e um dos motivos que me ajudou a ser editor foi ter apresentando um projeto com várias mudanças na produção do jornal, inclusive com a adoção de um manual próprio. Fiz um manual com base em regras dos manuais dos jornais Folha de S.Paulo e O Estado de S.Paulo, adaptando para a nossa

realidade na época. Imprimimos uma meia dúzia e deixávamos na redação para consulta dos repórteres, que deveria obedecer às regras.

8) *Era difícil encontrar repórteres qualificados que supria as necessidades da empresa neste período?*

Não sei se era difícil. Na verdade não dispunhamos de orçamento para isso. Ou seja, se houvesse disposição em pagar piso de jornalista talvez fosse mais fácil ter profissionais diplomados na redação.

9) *Quais os principais problemas que os editores encontravam neste período?*

Como editor meu maior problema era encontrar na equipe o mesmo entusiasmo e comprometimento que eu tinha na época. A maioria se sentia desmotivada, desvalorizada e por aí vai. Instituir normas, reuniões e cobrar dos repórteres gerava desagrados, mas não vejo isso como problema e sim como desafio.

10) *Como era o processo de captação das notícias? In loco, regional, agência de notícias?*

Na época fazíamos a maior parte da captação in loco, o que demandava motorista, fotógrafo e outros profissionais envolvidos. Também usávamos agências de notícias para esportes e entretenimento.

11) *Você tem acesso às páginas do jornal A Cidade hoje em dia? Você acha que a faculdade de jornalismo contribuiu para o crescimento do jornal e para uma melhor elaboração das notícias? Por que?*

Vejo o jornal pelo menos uma vez por semana. Acho que a faculdade de jornalismo foi importante, pois deixou o jornal mais jovem, mais antenado com as tendências na área de comunicação. Não acho que isso colabora para a melhor elaboração das notícias, pois acredito que ainda falta uma postura mais profissional por parte do editor chefe para que a equipe se empenhe mais e seja mais produtiva. Por outro lado, a equipe também precisa de incentivos por meio de pisos da categoria, banco de horas, escalas de plantão etc.

12) *Você acredita que, por meio de seu trabalho, contribuiu de forma positiva para o crescimento do jornal A Cidade? Por que?*

Sim com certeza. Acredito que fiz um trabalho positivo. Guardo até hoje grande parte das edições e às vezes até releio meus textos ou analiso jornais que editei. Acho uma pena que coisas que adotei na época em que fui editor foram abandonadas depois, como o manual de redação, por exemplo, e a avaliação dos textos (eu corrigia todos no papel e mostrava os problemas para os repórteres).

13) *Faça uma avaliação, com detalhes, sobre o seu trabalho enquanto editor(a) do jornal A Cidade.*

Como já disse, considero ter feito um bom trabalho. O jornal confiou em mim e me deu oportunidade para fazer mudanças. Essa é uma característica forte do jornal A Cidade, por meio do senhor João Carlos. O ponto positivo é que ele dá abertura para quem tem vontade de trabalhar e inovar. Então por isso fiquei muito satisfeito e trago até hoje no meu currículo a marcação sobre minha passagem pelo jornal.

Agora, 8 anos depois, também sou editor e devo muito da minha agilidade e visão à experiência que vivi durante três anos e meio no Jornal *A Cidade*

Editor 2 – Vanessa Bortolozo

1) *Em que período e quanto tempo você foi editor(a) no jornal A Cidade de Votuporanga?*

De junho de 2000 a outubro de 2001

2) *Neste período, você era formado em jornalismo? Se sim, em que faculdade se graduou?*

Sim. No Centro Universitário de Votuporanga

3) *Caso a resposta seja não, fale sobre como ingressou no campo jornalístico e se o jornal A Cidade foi seu primeiro contato com o impresso.*

Iniciei no jornal A Cidade em 1996 como telefonista, me apaixonei pela profissão e iniciei a faculdade de jornalismo em 1997.

4) *Como era a produção jornalística do jornal A Cidade enquanto você é editor (a)?*

Fatos nacionais e locais, períodos, datas especiais contribuíram sempre para o desenvolvimento das pautas. Entrevistas presenciais, fone, com utilização de gravadores era a maneira que utilizávamos para 'colher' informações.

5) *Como era composta a Redação? Havia reunião de pautas? Os repórteres eram diplomados?*

Sim havia reuniões de pautas: semanais e diárias. Não os repórteres não eram diplomados. Alguns eram estudantes.

6) *Havia uma linha editorial? Qual era?*

A linha editorial era muito subjetiva. Mais o nosso foco maior sempre foi política e polícia.

7) *Havia Manuais de Redação? Vocês se baseavam em algum para escrever as notícias do jornal A Cidade?*

Não tínhamos um manual específico, porém, consultávamos sempre o Manual da Folha e do Estado.

8) *Era difícil encontrar repórteres qualificados que supria as necessidades da empresa neste período?*

No curto período que fiquei na editoria a Redação, apesar de não qualificada tecnicamente, eram pessoas que tinham a 'veia' jornalística. Era bem bacana!

9) *Quais os principais problemas que os editores encontravam neste período?*

Apesar a 'veia jornalística' esbarrávamos na falta de técnica de alguns.

10) *Como era o processo de captação das notícias? In loco, regional, agência de notícias?*

Utilizávamos todos os meios: in loco, regional, agência "Estado", rádio, tevê, Internet ...

11) *Você tem acesso às páginas do jornal A Cidade hoje em dia? Você acha que a faculdade de jornalismo contribuiu para o crescimento do jornal e para uma melhor elaboração das notícias? Por que?*

Sim tenho. Creio que o jornal tenha melhorado sim em sua técnica, porém creio que haja menos comprometimento com a marca 'A CIDADE'

12) *Você acredita que, por meio de seu trabalho, contribuiu de forma positiva para o crescimento do jornal A Cidade? Por que?*

Acredito que sim, pois recém-formada, pude incentivar o estudo dos novos profissionais e profissionalizar a redação.

13) *Faça uma avaliação, com detalhes, sobre o seu trabalho enquanto editor(a) do jornal A Cidade.*

O meu tempo que editora do jornal A Cidade foi um grande aprendizado pra mim. Lá pude me deparar por diversas situações éticas que me vez avaliar de diversas maneiras a mesma notícia.

Meu papel além de manter a equipe motivada para a 'busca' da notícia era ainda passar o que tive a oportunidade de aprender na teoria, no período da Faculdade

Editor 3 - Luiz Pavan

1) *Em que período e quanto tempo você foi editor(a) no jornal A Cidade de Votuporanga?*

De maio de 2004 até esta data

2) *Neste período, você era formado em jornalismo? Se sim, em que faculdade se graduou?*

Sim, era formado em Jornalismo, pela Unifev, com pós-graduação em Comunicação e Linguagem

3) *Caso a resposta seja não, fale sobre como ingressou no campo jornalístico e se o jornal A Cidade foi seu primeiro contato com o impresso.*

Ingressei no campo jornalístico como jornalista. Fui aprendendo tudo o que havia dentro de um jornal, naquela época ainda muito artesanal, feito com chumbo, nas velhas linotipos. Não foi no jornal A Cidade que tive o primeiro contato com o jornalismo.

4) *Como é a produção jornalística do jornal A Cidade enquanto você é editor (a)?*

Seguimos uma linha editorial ditada, logicamente, pela diretoria. Fazemos um jornal informativo, que aborda questões que se inserem na realidade da cidade. Votuporanga é uma cidade ainda pequena para um jornalismo mais agressivo. Isto poderia trazer conseqüências para o jornal.

5) *Como é composta a Redação? Havia reunião de pautas? Os repórteres são diplomados?*

Sim, há discussão sobre pautas. Discutimos todos os dias o que podemos buscar de diferente. São diplomados sim.

6) *Existe uma linha editorial? Qual é?*

Como já disse em resposta anterior, é uma linha editorial amena, mais informativa, porém, com algumas apimentadas, sem entretanto agredir esse ou aquele. O jornal é bem aceito quando abordamos questões que dizem respeito à população, problemas que afetam a população. Contudo notícias de política e polícia sempre são as preferidas do nosso leitor

7) *Existe Manuais de Redação? Vocês se baseiam em algum para escrever as notícias do jornal A Cidade?*

Acompanho o Manual do Estadão. Embora a gente procure “desenvolver” uma cartilha própria, de acordo com cada situação.

8) *É difícil encontrar repórteres qualificados que supra as necessidades da empresa neste período?*

A questão de profissionais ou repórteres qualificados é mais financeira do que qualquer outra coisa. É preciso analisar o que a empresa tem disponível para contratar.

9) *Quais os principais problemas que você encontra como editor?*

Vejo muita ciúmeira no conjunto da empresa. Sempre preguei que os “colegas” de trabalho deveriam ser mais amigos. Entretanto, o que percebo é gente querendo puxar a perna do outro. Há muitas fofocas mesquinhas. E isso não é saudável. Percebo muita gente fazendo coisas que não deveriam (por exemplo, visitando o dia todo chats e msn, sem necessidade). Os problemas particulares deveriam ser resolvidos fora do horário de trabalho. As pessoas deveriam ser mais cordiais, mas não são.

10) *Como é o processo de captação das notícias? In loco, regional, agência de notícias?*

Privilegiamos notícias locais e que tenham partido da redação. Vamos ao local ou pelo fone. Noticiário de agências somente no que diz respeito a entretenimento, como horóscopo, novelas... ou alguma coisa que realmente mexe com o cotidiano das pessoas.

11) *Você tem acesso às páginas do jornal A Cidade hoje em dia? Você acha que a faculdade de jornalismo contribuiu para o crescimento do jornal e para uma melhor elaboração das notícias? Por que?*

Sim, a faculdade dá um embasamento para que o repórter possa desenvolver um trabalho melhor, mais elaborado. Poderia ser melhor, porém, o número reduzido de pessoas obriga a uma certa correria que acaba comprometendo um pouco a qualidade.

12) *Você acredita que, por meio de seu trabalho, contribuiu de forma positiva para o crescimento do jornal A Cidade? Por que?*

Sim. Acredito e muito. Percebi que houve uma grande mudança. É claro que não é um trabalho só meu, mas de toda equipe. O jornal tem uma boa aceitação e o comentário pela cidade toda mostra isso.

13) *Faça uma avaliação, com detalhes, sobre o seu trabalho enquanto editor(a) do jornal A Cidade.*

Acho um pouco complicado falar de mim mesmo. Acredito que poderia ser melhor se tivesse mais tempo para “editar” de fato TODAS as matérias, corrigir erros infantis de português, com tenho visto. Mas tenho que dividir meu tempo em ser também repórter. O acúmulo acaba comprometendo. Mas, no cômputo geral, acredito que tenho contribuído para fazer um bom jornal, à altura de Votuporanga.

Entrevista coordenadores do curso de Jornalismo da UNIFEV

Coordenador 1 – Celso Falaschi

1) *Quanto tempo você atuou como coordenador do Curso de Jornalismo da UNIFEV?*

Atuei como consultor, exercendo as funções de coordenador dos cursos de comunicação, por um semestre. Nosso objetivo era a produção do projeto didático-pedagógico, que não existe até então, e uma reforma curricular, o que fizemos.

2) *Qual o enfoque dado para a construção da grade curricular? Quais os parâmetros utilizados?*

Procuramos atualizar a grade curricular, respeitando as regionalidades, mas introduzindo disciplinas que preparem os alunos para o mercado não só na região, mas em qualquer lugar do Brasil.

3) *Como eram divididas as disciplinas teóricas e práticas na grade curricular do curso?*

Bem, a idéia foi a de manter as diretrizes curriculares do MEC, com 50% de teóricas e 50% de práticas, mas com um meticuloso trabalho de evitar as sobreposições de conteúdos, que eram comuns na época, tanto nas disciplinas específicas, quanto nas de fundamentação teórico-humanística.

4) *Em sua gestão a grade curricular sofreu mudanças? Qual o motivo?*

Pergunta respondida acima.

5) *A preocupação com o jornalismo regional foi ou é abordado no curso? De qual maneira?*

Eu precisaria rever o projeto pedagógico aprovado na época, mas, por força de mudança de escritório e residência, não tenho como fazer isso no momento. Por isso não posso responder a questão.

6) *Como era a titulação do corpo docente? Isso influenciou no aprendizado? De qual maneira?*

Quando passei pela Fundação, o corpo docente ainda mantinha alguns professores titulados, mas já havia um movimento de redução de custos e, portanto, a substituição desses por outros recém formados pela instituição. Não tenho como responder a segunda parte da pergunta, pois não houve aplicação de avaliação docente, discente e institucional.

7) *Qual o perfil do aluno em sua gestão?*

Não tínhamos material específico, resultado de pesquisas apropriadas. Os contatos com as diversas turmas, das diversas habilitações, nos mostravam que esses alunos eram, em sua maioria, com formação deficiente, mas com grande vontade de aprendizado para o exercício profissional. O paradoxo é que, além disso, muitos eram trabalhadores com elevada carga horária em suas atividades, o que não os deixava predispostos a um aprendizado mais efetivo.

8) *Qual era o objetivo do curso em relação ao profissional egresso?*

Eu precisaria rever o projeto pedagógico aprovado na época, mas, por força de mudança de escritório e residência, não tenho como fazer isso no momento. Por isso não posso responder a questão.

9) *Quais foram as dificuldades encontradas no curso.*

As maiores dificuldades encontradas estavam relacionadas diretamente com a administração superior da instituição, a constante briga de poder, com reflexos negativos diretos no exercício da coordenação e conseqüente implantação de novos projetos. Tudo era muito difícil, pois se um pró-reitor aprovava, o outro barrava, e assim por diante. Por isso, inclusive, optei por não continuar no trabalho de coordenação, deixando a instituição tão logo entregue e aprovado o projeto didático-pedagógico. Além disso, havia a imposição de nomes de pessoas relacionadas com dirigentes, sem que esses profissionais soubessem exercer adequadamente a atividade docente.

10) *Como alunos e professores da UNIFEV viam a questão da profissionalização do jornalista.*

Não tenho elementos para responder a essa questão.

11) *Qual foi a maior preocupação da UNIFEV em relação à profissionalização da categoria?*

Em termos de instituição, ao que me parece, hoje, depois de tantos anos, nenhuma.

12) *Você acredita que a faculdade de Jornalismo é essencial para Votuporanga? Por quê?*

Acredito que não seja essencial, por força da restrição do mercado de trabalho. Sou de opinião, inclusive, que o MEC deve rever as autorizações nessa área e fechar pelo menos metade das faculdades de jornalismo do país, para evitar a criação de falsas expectativas de emprego e sucesso em nossa juventude. A profissão é glamurosa, mas também muito penosa.

13) *A faculdade de jornalismo contribuiu para a mudança da imprensa votuporanguesa e da região? Se sim, quais os aspectos?*

Não disponho de pesquisas de recepção que me permitam avaliar esse quesito.

14) *Quais as vantagens que o curso de jornalismo oferece para os profissionais que atuam no mercado regional?*

Em uma área como o jornalismo, na há como criar um enfoque essencialmente regional, até porque já vivemos em um mundo globalizado. Os conceitos e ferramentas que se utilizam em Votuporanga (SP) são os mesmos a serem utilizados em Macapá ou no Rio Grande (RS). É claro que numa região agrícola e moveleira, como é o caso de Votuporanga, o curso pode ter enfoques em agropecuária e empreendedorismo, para atendimento aos pequenos, médios e grandes empresários desses setores, seja para as funções de assessoria de

imprensa, seja para o desenvolvimento de sites e blogs. A priori, não vejo outras diferenciações dignas de registro.

Coordenador 2 – Paulo Nápoli

1) *Quanto tempo você atuou como coordenador do Curso de Jornalismo da UNIFEV?*

02 anos

2) *Qual o enfoque dado para a construção da grade curricular? Quais os parâmetros utilizados?*

No ano em que coordenava o curso tínhamos como enfoque a formação intelectual do aluno na compreensão dos contextos comunicacionais e como se relacionar com eles e processá-los junto à comunidade. Tínhamos como base as grades curriculares da PUC, USP e UNESP. Porém, o mercado regional via o curso como um “trampolim” profissional para o mercado de trabalho e não como um curso de formação de habilidades e capacitação profissional.

3) *Como eram divididas as disciplinas teóricas e práticas na grade curricular do curso?*

Basicamente 50% para cada uma no decorrer dos anos.

4) *Em sua gestão a grade curricular sofreu mudanças? Qual o motivo?*

Sim. Considerávamos que o curso anual deveria ser transformado em semestral, uma vez que algumas disciplinas ficavam muito “arrastadas” em detrimento de outras que poderiam compor o curso, como “História da Arte”, “Antropologia” e “Estética e Comunicação de Massa”.

5) *A preocupação com o jornalismo regional foi ou é abordado no curso? De qual maneira?*

O Jornalismo Regional sempre foi abordado no curso, mas pouco valorizado pelos alunos por entenderem que temas como “manipulação”, “ingerência” e “falta de ética”, são fatores que muitas vezes os jornalistas locais são sujeitados para não perderem o emprego ou terem chances no mercado. O que muitas vezes não procede.

6) *Como era a titulação do corpo docente? Isso influenciou no aprendizado? De qual maneira?*

O corpo docente estava se formando e criando uma identidade para o curso. A titulação oscilava entre 40 e 50% de mestres, 30% especialistas e o restante de graduados ou profissionais do mercado com experiência comprovada. Claro que sim. A mescla dessas experiências foi processada pelos alunos de diversas formas. Alguns aproveitaram o curso como ferramenta profissional, outros aproveitaram intelectualmente e outros, como em toda faculdade de jornalismo, apenas cursaram mas não aplicaram o curso a suas realidades. O fato é que boa parte dos alunos daquela época estão no mercado de trabalho, tanto como profissionais da imprensa quanto como docentes de comunicação.

7) *Qual o perfil do aluno em sua gestão?*

Basicamente de dois tipos: o primeiro, composto por alunos da própria cidade, de classe média e que tinham um objetivo básico delineado. Ou seja, tinham um propósito com o jornalismo. O segundo, era formado por alunos de cidades vizinhas, que viajavam longas horas para chegar a faculdade e que esperavam conseguir algo com o curso. Muitos porque já trabalhavam em suas cidades em emissoras de rádio, jornais locais ou desenvolviam atividades afins. Outros exclusivamente por curiosidade.

8) *Qual era o objetivo do curso em relação ao profissional egresso?*

Formar profissionais capazes de solucionar os problemas da profissão e, fundamentalmente, compreender o universo jornalístico e seu papel junto à sociedade de forma crítica e socialmente responsável.

9) *Quais foram as dificuldades encontradas no curso.*

Fazer com que a instituição compreendesse que os laboratórios de jornalismo deveriam ser voltados aos objetivos do curso, e não da instituição. A política de uso dos laboratórios era equivocada. Havia um “aproveitamento” de professores de outras áreas para que não houvesse novas contratações de docentes. O curso evoluía à medida que as visitas de autorização e reconhecimento do MEC eram agendadas. E tantos outros fatores que contribuíram para meu pedido de demissão.

10) *Como alunos e professores da UNIFEV viam a questão da profissionalização do jornalista.*

Condição sine qua non para o andamento do curso. Caso contrário não haveria razão para sua instalação.

11) *Qual foi a maior preocupação da UNIFEV em relação à profissionalização da categoria?*

Não sei dizer se houve uma preocupação da UNIFEV a esse respeito. O fato é que, se não houvesse a profissionalização, não haveriam alunos suficiente para manter o curso. Dessa maneira, creio que a maior preocupação da UNIFEV talvez fosse não perder os alunos por conta de um problema político da categoria.

12) *Você acredita que a faculdade de Jornalismo é essencial para Votuporanga? Por quê?*

Sim. De um modo ou de outro a sociedade reconhece essa responsabilidade e vocação jornalística da cidade. Tanto é que Votuporanga é um dos únicos municípios da região a possuir dois jornais diários. Além disso, uma sucursal da Rede Globo, uma TV Universitária, e mais de seis emissoras de rádio. Fora pequenas empresas de comunicação. Isso, para um município com menos de cem mil habitantes é, realmente, um fato relevante, e que não pode passar despercebido.

13) *A faculdade de jornalismo contribuiu para a mudança da imprensa votuporanguense e da região? Se sim, quais os aspectos?*

Sim. Basta ver nas empresas de comunicação da região o número de profissionais que passaram pelas cadeiras da instituição. O jornalista é um elemento multiplicador e quando temos esse elemento compondo os estratos sociais formamos uma

sociedade mais esclarecida e preocupada com os problemas da comunidade. Nesse sentido, os alunos de jornalismo da UNIFEV desempenham um papel extremamente importante.

14) *Quais as vantagens que o curso de jornalismo oferece para os profissionais que atuam no mercado regional?*

Clareza contextual. Não adianta conhecer a técnica exclusivamente, sem saber como e para que aplicá-la. E isso é amplamente discutido no jornalismo. Não é uma questão de oferecer vantagens mas de abrir um leque de oportunidades de ingresso no mercado, sem necessariamente “colocar” o aluno no mercado. Entendo que o curso da UNIFEV não dá o peixe, mas sim “ensina os alunos a pescar”.

Coordenador 3 – Ana Paula Teixeira

1) *Quanto tempo você atuou como coordenador do Curso de Jornalismo da UNIFEV?*

Seis anos.

2) *Qual o enfoque dado para a construção da grade curricular? Quais os parâmetros utilizados?*

A grade curricular trabalha com três objetivos: um para a formação de repertório cultural, a partir da oferta de disciplinas humanísticas, incluindo nesse rol a necessidade de situar o aluno nas preocupações éticas e de responsabilidade social; outro objetivo que é o de promover a técnica profissional, investindo na capacitação e elaboração dos principais produtos midiáticos e gestão de projetos em comunicação (como, por exemplo, documentários, jornais, assessorias e demais demandas nos mais diferenciados formatos). Por fim, há uma terceira prioridade (objetivo) do curso que é estimular a iniciação científica, por meio da elaboração de um projeto cujo escopo seja o de apresentar, a partir de pesquisas e experimentações-piloto, alguma inovação ou solução em comunicação para problemas diagnosticados ou preconizados face aos estudos apreendidos durante o curso.

3) *Como eram divididas as disciplinas teóricas e práticas na grade curricular do curso?*

As disciplinas teóricas e práticas estão distribuídas durante os oito semestres do curso. Mas todas as disciplinas práticas (exceto a de Laboratório de Jornalismo) não são denominadas práticas porque são eminentemente práticas, mas porque resultam em produções técnicas de formação da profissionalização, em formatos de mídia. Evidentemente, não dispensam sua fundamentação conceitual. Por outro lado, ainda que não haja resultados práticos nas disciplinas teóricas, um dos objetivos gerais das disciplinas é promover discussões que lancem luz para aplicações reflexivas ou de caráter intelectual às Ciências da Comunicação, motivo pelo qual a área está categorizada como uma Ciência Social Aplicada.

4) *Em sua gestão a grade curricular sofreu mudanças? Qual o motivo?*

Sim. São muitas as diretrizes que vão definindo o perfil de um curso. Mas as mudanças ocorreram por várias razões. Primeiramente, até 2002 a grade curricular contemplava uma estrutura de separação das habilitações do terceiro ano de curso em diante; o que fazia com que os cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Rádio e TV tivessem a mesma estrutura curricular nos dois primeiros anos de curso. Esse formato se mostrou completamente inviável pelos motivos: a) os exemplos ficavam sempre em fronteiras tripartites, e o aprofundamento de qualquer que fosse o tópico mais voltado a uma habilitação específica correspondia a um desinteresse de uma parcela significativa de alunos cuja opção era outra habilitação b) qualquer proposta de aula prática torna-se inviável porque as turmas conjuntas tinham aproximadamente 100 alunos, e as diretrizes do Ministério da Educação para as condições de oferta recomendam uma média de 25 alunos para disciplinas que exijam laboratórios c) Algumas disciplinas de caráter muito evasivo, do ponto de vista da abordagem e a relevância de sua própria ementa, muito discutível e

polemizadas inclusive pelo colegiado, foram repensadas ou mesmo extintas, como foi o caso da disciplina de Comunicação Comparada, cujo escopo da discussão nunca se fechava: se o viés comparativo da disciplina era de linguagem, ou de formato, ou de mídias, ou de conteúdo, etc.; dilemas que se revelava ainda mais problemáticos porque a disciplina era tratada na formação de profissionais de diferentes metodologias de atuação. Outro desafio da coordenação e do colegiado quando da alteração da grade foi a tentativa de cruzar três mobilizações importantes que chancelam ao curso diferenciais de qualidade: a primeira procurou atender às exigências do Ministério quando à produção mínima de comunicações de conteúdos jornalísticos para diversos públicos e formatos de mídia (como rádio; jornal, televisão e site, entre outros), o que acarretou em disciplinas que oferecem essa possibilidade de produção junto às aulas, respeitando o perfil do aluno, que em geral trabalha e é o maior responsável pelo financiamento de seus estudos; a segunda, que compreende as principais necessidades do mercado e procura adequar a oferta de disciplinas ao que há de mais recente em relação a exigências cada vez mais mutantes – e as itinerantes formas de avaliação do egresso pelo Ministério (Enade; provão, etc.) traduzem bem como cada comissão avaliadora, que, vinculada a estratégias governistas, entendem de maneiras muito distintas como deve ser a mensuração do binômio ensino-aprendizagem. E a terceira que procura fazer uma união entre as diretrizes curriculares, os parâmetros de qualidade para condições de oferta e a regulamentação da profissão como prerrogativa mínima para que a estrutura curricular com uma carga horária tão enxuta possa atender à formação de um profissional de qualidade, haja vista a carga de responsabilidade social implícita à profissão. Foram essas três bases conceituais que mobilizaram as alterações de grade, além, é claro, das recomendações dos Avaliadores do Inep na revalidação do reconhecimento em 2004 e a alteração da Unifev para o sistema semestral, em 2004.

5) A preocupação com o jornalismo regional foi ou é abordado no curso? De qual maneira?

O jornalismo regional é abordado no curso de várias maneiras. Porém, caracterizações muito acentuadas de especificidade na regionalização foi uma discussão bastante polêmica nas reuniões de colegiado do curso. Primeiro porque o curso têm uma tradição, conhecida em todo o estado, de ser “celeiro” na formação dos profissionais, que cada vez mais ganham projeções Brasil afora. Temos a Arthur Filho, que já foi assessor do Presidente da República atuando junto à Radiobrás, e o Juliano Mattos atualmente na Globo do Rio de Janeiro, ele, que saiu da locução de uma pequena rádio de Cardoso. Portanto, o curso pensa na formação de um profissional que poderá atuar em qualquer parte do Brasil, do ponto de vista da competência técnica. Porém, como muitos estudantes partem de cidades minúsculas, todos os professores buscam dimensionar os exemplos à realidade de onde advêm esses alunos. Isso significa que do ponto de vista dos limites (financeiros, espaciais, de horizonte cultural) e das possibilidades de prospecção, as questões regionais são prioritárias para definição desses aspectos. Entretanto, um dos objetivos do curso é trabalhar a dialética globalização-regionalização dentro de uma coerência tangível e intelegível ao aluno, principalmente num momento em que os modelos tradicionais de empresas regionais de comunicação vão cada vez mais contra os preceitos discutidos na academia, e encarar a globalização como um elo de expansão profissional talvez seja uma saída plausível também para a saturação das formas convencionais de empregabilidade do jornalista.

6) *Como era a titulação do corpo docente? Isso influenciou no aprendizado? De qual maneira?*

O corpo docente da Unifev é escolhido sob os mais rígidos critérios de seleção. E o processo seletivo é público e transparente. No curso de jornalismo, há apenas dois professores (de 18) sem titulação, mas que estão em fase final de especialização ou de mestrado. Mesmo assim, a maioria dos professores somente graduados ou especialistas (graduados com especialização) tem mais de dez anos de experiência profissional. Isso é muito importante e vale peso de ouro na qualificação técnico-profissional. Por outro lado, todos os demais são titulados e a grande maioria mestres e doutores. O diferencial da titulação em relação ao processo de ensino-aprendizagem é bastante polêmico, já que vai também do perfil do professor. Porém, pressupõe-se que o aluno possa ter orientações mais pontuais se tutelado por um professor titulado, já que a pesquisa é de grande valia para a produção de qualquer conhecimento e é justamente isso que constitui o diferencial de um profissional no mercado de trabalho: engendrar novas possibilidades e a pesquisa é a maior parceira nesse investimento.

7) *Qual o perfil do aluno em sua gestão?*

Não respondeu.

8) *Qual era o objetivo do curso em relação ao profissional egresso?*

Possibilitar conhecimentos para tornar o aluno um comunicador consciente de sua função social e do papel que desempenha dentro da sociedade, habilitando-o para atuar em empresas e serviços de comunicação de modo crítico e profissional, procurando um perfil de egresso capaz de construir suas próprias referências de investigação e aprendizado, tal que possa interferir na construção de novas linguagens e proposição, tradução e gestão de processos comunicativos para o amplo espectro de atuação do jornalista.

9) *Quais foram as dificuldades encontradas no curso.*

Não respondeu.

10) *Como alunos e professores da UNIFEV viam a questão da profissionalização do jornalista.*

Acredito que essa resposta deveria ser obtida a partir de uma pesquisa com representante de alunos e professores. Vou dar a minha perspectiva, que é a defesa de uma formação superior de qualidade ao jornalista. Porque a questão da exigência ou não do diploma é uma polêmica realmente muito complicada. Principalmente porque sabemos que há cursos e cursos. E o preço certamente é um balizador. Basta um aluno pesquisar os preços de faculdades de renome e comparar. Não é possível, por exemplo, termos o disparate de alguns cursos custarem por volta de mil reais, e outros ficarem na casa do 300. Quem opta por esse último, está atrás de diploma, não de formação. Por isso defendo formação. Para isso são necessários infra-estrutura, professores satisfeitos (recebendo em dia, inclusive); valorização dos mestres (a Unifev, por exemplo, mantém de capacitação de professores).

11) *Qual foi a maior preocupação da UNIFEV em relação à profissionalização da categoria?*

Não respondeu.

12) *Você acredita que a faculdade de Jornalismo é essencial para Votuporanga? Por quê?*

Votuporanga possui uma localização que funciona como pólo central de uma área extensa de micro municípios, todos eles com muitas carências em relação à comunicação. Além de suprir uma demanda de profissionais dessas cidades afoitos pela formação superior, a faculdade também desempenha papel fundamental à discussão de questões relacionadas ao cotidiano das pessoas, a partir do estímulo a eventos de interesse público, como foi o Fórum sobre Democratização da informação, realizado em parceria com a Prefeitura, cuja centralidade da discussão foi as condições para a chegada da Televisão Digital. O curso também já recebeu em eventos acadêmicos um Ombudsman da Folha de S.Paulo, mas a visita gerou um esclarecimento para a população sobre o papel do ombudsman (advogado do leitor) para o cidadão. Manter o curso de Comunicação em Votuporanga também auxilia na projeção do município, já que muitos trabalhos realizados desde 2002 são merecedores de prêmios nacionais de extrema relevância. Como foi o da CNN conquistado em 2006, o de Rádio e TV “Sombras”, participando inclusive da etapa Mercosul; e todos as inusitadas iniciativas experimentadas por alunos e professores e que fazem do nome de Votuporanga um referencial na área de Comunicação. A mais nova “inserção” pelo curso foi a conquista dos alunos de Comunicação para representar, em Votuporanga, a entidade da UNE responsável por movimentar, entre universitários a Cultura, a Ciência e a Arte. É o projeto CUCA, sediado no Rio de Janeiro, com representação em 14 estados, e que, no estado de São Paulo, exceto a capital, Votuporanga é a única reconhecida. Essas e outras iniciativas fazem com que o curso de Comunicação traga para Votuporanga grandes realizações e uma credibilidade admirável.

13) *A faculdade de jornalismo contribuiu para a mudança da imprensa votuporanguense e da região? Se sim, quais os aspectos?*

Essa resposta mereceria um comentário de justificativa de cada disciplina constante na grade curricular, pois a transversalidade que resgata a questão regional é abordada por cada uma das disciplinas de uma maneira diferente. Em planejamento gráfico, por exemplo, que é uma das disciplinas que ministrou, cada estudante aproveita os conceitos teóricos e práticos para desenvolver uma solução para um cliente em potencial (do contexto próximo, a partir da escolha de um recorte da realidade que convivem). E os resultados têm se demonstrado bastante eficazes. Um dos projetos, dos vários que emplacaram, foi o do aluno Alessandro Alves de Souza, que mais tarde acabou sendo responsável pela implantação de um jornal impresso na cidade de Cosmorama – SP, e que agora já está em vias de se tornar site. A disponibilidade da TV Universitária para o município certamente contribuiu para que a TV TEM escolhesse Votuporanga como uma de suas sub-praças (unidade vinculada a São José do Rio Preto). Com a cobertura televisiva, Votuporanga ganhou maiores probabilidades de ter acesso a informação de qualidade. Nessa vertente, o curso de Comunicação, pela TV Universitária, e também pela Rádio Unifev, auxilia a construir e a mudar a história do município.

14) *Quais as vantagens que o curso de jornalismo oferece para os profissionais que atuam no mercado regional?*

Não respondeu.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)